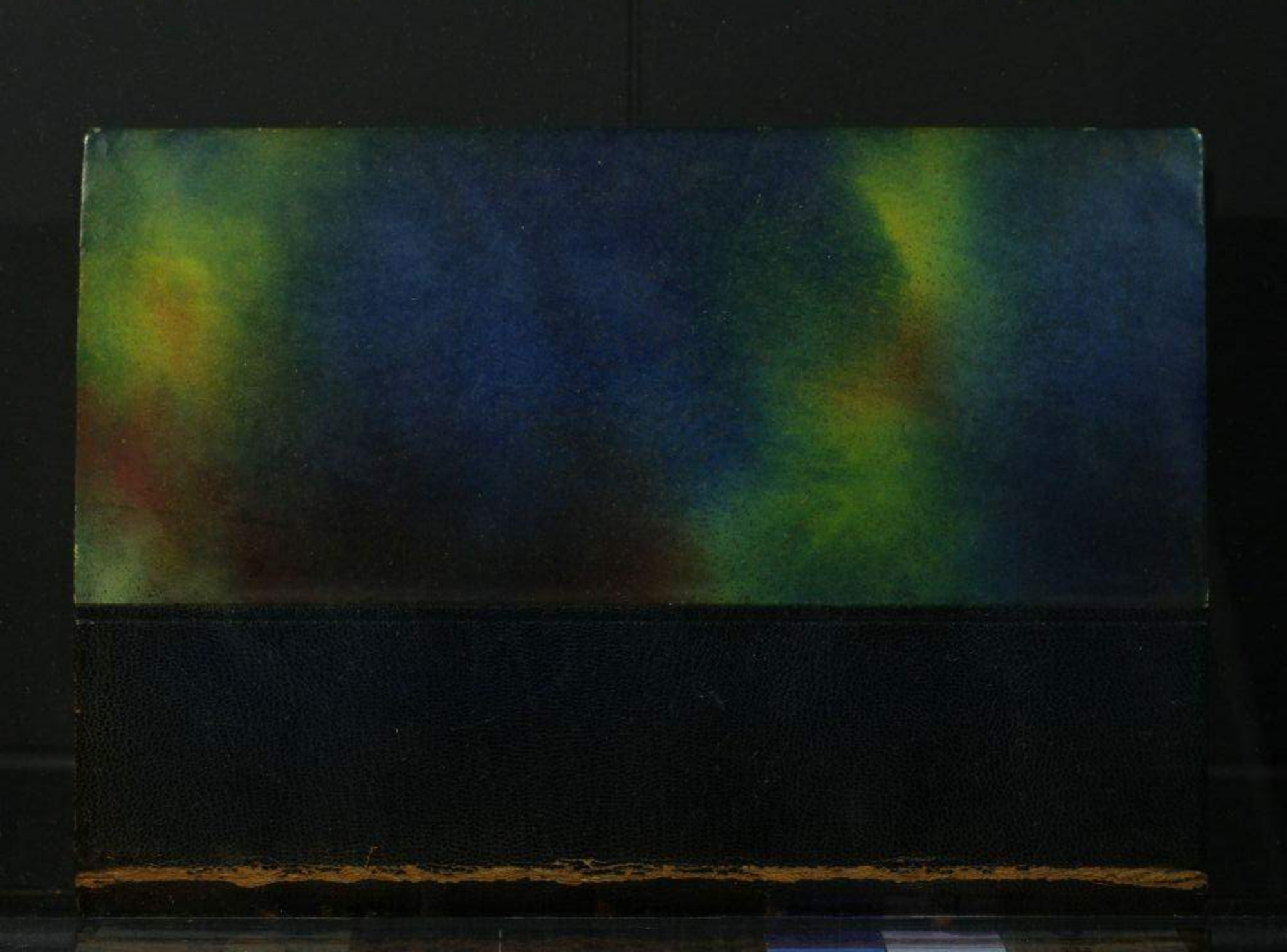


EX-LIBRIS
BORBA
MORAES
RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

Ie ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

MARTI-S.PAULO

EDUARDO PRADO

VIAGENS

—

A SICILIA — MALTA

O EGYPTO

★

PARIZ, A. GOUPY & JOURDAN

71, RUA DE RENNES, 71

—

1886

VIAGENS

EDUARDO PRADO

VIAGENS

—

A SICILIA — MALTA

O EGYPTO

★

PARIZ, V. GOUPY & JOURDAN
71, RUA DE RENNES, 71
—
1886

VIAGENS

A SICILIA

PARTIDA DE NAPOLES

A chuva era continua, subtil, glacial, enervante, na triste tarde de inverno em que o *Tigre*, pequeno vapor italiano, ia partir de Napoles para Palermo. Dos esplendores decantados da bahia — nenhum á vista; o nevoeiro era espesso; mal adevinhavam-se os contornos do golfo nas extremas longinquas e da cidade, da praia não distante, na lufada do vento, vinha até ao vapor o vozerio dos pescadores, dos barqueiros, dos carregadores, todo o rumôr de Napoles, de onde é ella mais ruidosa. A chuva não cessava e o *Tigre*

ficou isolado, quando os ultimos escaleres levaram os retardatarios de sempre, o pessoal meio de terra meio de mar, o conjuncto amphibio de agentes da companhia de vapores e de funccionarios do correio, da alfandega, da saúde e outros bonets de mais ou menos galões. Cessaram os rumores dos apréstos da partida, das correntes arrastadas, dos ferros entrebatidos, dos silvos da machina, dos jactos de vapor, convulsos, roucos, arquejantes; iamos partir e nenhum dos passageiros animou-se a subir á tolda alagada e escorregadia.

Foi n'um monologo taciturno, dirigido aos grandes botões dos grossos *ulsters* de viagem em que envolvemos-nos sobre os divans do salão, que cada um dirigio a Napoles, então enfumaçada e humida como Liverpool, um adeus de eloquencia infelizmente perdida porque foi muda. Inglezes et norte-americanos que, partindo á tarde, queriam gozar a poetisada magia de um occaso napolitano, julgavam-se roubados. Protestavam contra a irregularidade propria de um paiz ignorante e atrazado como a Italia, onde ha abusos taes nunca

tolerados na Inglaterra nem na progressiva America.

Affastámo-nos rapidamente de terra; deixámos Napoles e rompemos com a tradição de todos os viajantes, obrigados, em tal circumstancia, a algumas phrases admirativas e saudosas.

Comprehendo o agastamento do céu da Italia, reduzido á banalidade azul de uso dos casaes estreantes e dos aquarellistas amadores Tem razão o céo, velando, por vezes, o proprio esplendor a tanta admiração premeditada e convencional. Demais, na paizagem como na politica e na arte, os pontos de vista necessitam de renovação; n'uma casa bem governada, batem-se, em certos dias, os tapetes grandes, removem-se os quadros, burnem-se os metaes, friccionam-se os espelhos, desmontam-se os lustres. O inverno, para Napoles, é, de certo, uma epocha de renovamento das bellezas naturaes : os Deuses — e se não forem elles, não será a municipalidade quem tal fará — mandam correr um denso nevoeiro sobre a rutilante scenographia e a criadagem do Olympo começa a tarefa.

Ha um quadro hespanhol em que uns anjos adoraveis fazem a cosinha de um convento emquanto o santo irmão cosinheiro, em extasis, faz a oração ajoelhado no ar sobre um genuflectorio de nuvens. Um dos anjos traz o vinho, outro a fructa, este pila o sal e aquelle, ao fogo que avivou batendo as grandes azas brancas, leva a bom ponto um guizado. Apenas pela feição pagã differe d'esta scena a que imagino sobre Napoles, n'um dia chuvoso e sombrio: na abobada cinzenta armaram-se andaimes até ao céo; a grandes pinceladas, dão os Amores novo azul ao tecto; as Sylphides lavam as nuvens velhas, cardam-lhes os flócos, como as pastoras fazem á lan dos cordeirinhos. Anil para aquella restea de céo; esmeraldas para aquella onda. Riçam o penacho de fumo ao Vesuvio e aquella banda do firmamento incrustam de novo de opalas e saphiras. E ao sol, descido de zenith, encostado ao horizonte, raspam-lhe o velho dourado, renovam-lhe os raios fulgurantes; para que as palhetas de ouro, mal pegadas, não vôem ao vento, envolvem-no em nuvens de algodão até seccar. Emquanto repintam-se as

portas do Oriente a Aurora faz a sua entrada sem apparato de illuminação nem fogos de vista; friorenta, calça de grossas luvas os *dedos de rosa*, que apenas tocam o trinco e é arregaçando a tunica que ella transpõe os humbraes da luz onde ha o escripto:

— *Cuidado com a pintura!*

Sendo assim, que razão de queixa pode ter o viajante vendo Napoles sob um céo de chumbo? Cumpre-lhe apenas adiar a admiração, transferir o arrebatamento, pela mais rasoavel das rasões de transferencia: o máu tempo. E lá por cima não durará muito o labutar da restauração do scenario; cahirão as ultimas gottas de chuva e será o fim da grande lavagem. O sol novamente acceso, novo fogo ateado ao Vesuvio, o céo nitido, as ilhas repintadas, as ondas reencrespadas na praia—o panno de nuvens levanta-se e Napoles, illuminada, rebrilha ao som da surdina das suas vagas; recomeça a opera com os córos de pescadores e as barcarolas, a musica da luz e do azul.

.....

A bordo do *Tigre*, haviam accendido no

salão uns lampeões embaçados que, nos eixos de metal, oscillavam desesperados, impellidos pelas terriveis guinadas do navio. *Tigre* era o nome d'este e bem tigre se mostrou elle; rojava de flanco, rugia, estacava, saltava a féra sobre o juncal revolto das ondas e desnudava a garra, escarvando o mar, quando a helice batia ao ar em grandes trancos descompassados.

Lembrando-me das tranquillas travessias do Atlantico, da calma do Pacifico nas costas da America, dos oceanos junto aos quaes o Mediterraneo é uma pôça d'agua, vi mais uma vez que a gente pequena é a que, no mundo, levanta maiores escarcéos.

Pela manhã, já avistavamos as costas da Sicilia, já um monte escalvado, o monte Pellegrino, levantava-se á pequena distancia e o *Tigre* luctava ainda contra o vento e contra as ondas. E assim até transpormos a ponta de um quebra-mar; depois — a tranquillidade de um porto; parámos; estavamos em Palermo.

PALERMO

A Sicilia, já no horisonte que cerca Palermo, distingue-se do resto da Italia. Estamos mais perto da Africa; d'ahi o sol mais ardente, as montanhas mais áridas.

A planicie que encurva-se entre as ondulações da costa, estende-se até ao mar e ahi mostra Palermo e os seus suburbios, chama-se e não mente a imaginação dos sicilianos — A Concha d'Ouro. Pousada n'um estojo, n'um hemicyclo de montanhas avelludadas, tem ella a cidade encastoada entre os esmaltes dos seus jardins, sobre um fundo de azul. Assim vi Palermo, algumas horas depois da chegada, as ruas, as praças ainda mal enxutas de um temporal de varios dias apenas dissipado.

Os *Guias de Viagem* affirmam que a cidade é regularmente construida, embora sejam as casas de apparencia mesquinha; dão a lista dos hoteis e em poucas linhas, servem concentrada ao curioso grande erudição historica.

Na capital da Sicilia não é descabido o estudo do siciliano. Recordei-me de haver lido uma observação de Stendahl relativa aos italianos em geral: A superioridade intellectual na Italia accentua-se gradualmente para a parte meridional do paiz; o criterio da verificação é o tamanho dos narizes. Junto aos Alpes infiltra-se a influencia germanica, gauleza, barbara emfim. Para o sul, as frontes alteiam-se, os narizes perfilam-se em angulo crescente. Aqui, Florença apresenta o nariz forte de Machiavelli, conforme pinta-o o Bronzino e mais longo, mais individual, o afilado nariz da mascara do Dante. Um lance d'olhos sobre um medalheiro papal mostra, nas faces rapadas dos pontifices, a arrojada projecção dos narizes romanos. Na Calabria, o salteador póde firmar o mosquete ao nariz de um collega e é certa a pontaria. Na Sicilia, a seguir exacta a progressão geo-

graphica, o estudo do nariz deveria ser uma applicação da trigonometria no espaço—considerado o nariz um grande triangulo vivo ao qual anda appenso um individuo. Compensação: os portadores de taes monumentos são intelligentes na razão directa da grandeza d'estes. É mais do que anatomica, é tambem intellectual, a affinidade entre o cerebro e o olfacto. Diz-me com o que cheiras e eu te direi quem és.

A these de Stendahl parece um pouco aventurosa. Atraz dos balcões das lojas, copias dos armazens de Pariz, estacionando elegantemente nos cafés, passeando, á porta das igrejas, não vi narizes caracteristicos. O cosmopolitismo parece ter galgado as alturas nasaes do paiz; á semelhança do trajo, o nariz deixou de ser um distinctivo nacional; o calção, alongado, chegou ao molde banal de uma calça ingleza; o nariz, diminuido, tornou-se vulgar.

A moda que inventa e tolera todas as côres é só inimiga da côr local. D'aqui, d'alli, surge um raro camponez digno de servir de modêlo a um pintor.

A extremidade de cada rua emmoldura um pedaço de céo, um talho de montanha onde avista-se uma ermida, ás vezes, a franja verde e dourada de um laranjal, tudo na luz candente de um azul esbranquiçado.

Aqui, o portico de uma igreja abriga um relevo de marmore ou de estuque; o braço nú do Christo crucificado, a manga de São Francisco juntam-se na base de uma cruz; a Virgem, entre almofadas de nuvens arredondadas, carrega o menino aureolado; de uma pomba dentro de um triangulo, divergem, uniformes, rijas, umas tiras esticadas, fazendo de raios de luz sobrenatural. Alli, um pequeno oratorio tem pintado um santo: estrellas symetricas pontuam de ouro o céo de um nicho azul ferrete.

A arte vai tambem ao profano: as carroças em que amontôam-se as hortaliças, em que o vermelho das cenouras destaca-se junto ao tom crême das couve-flores; os carros de lenha, de materiaes, são curiosos exemplos de pintura popular, independente das formulas academicas e das escolas. As taboas da caixa, que entre as grandes rodas vai levada pelas

ruas, são quadros interessantes: Combates medievaes sobre fundo vermelho; um cavalleiro de lança em riste salta sobre a torre de um castello avistado entre as pernas do corsel; um dragão amarello lança golfadas de fogo rubro; uma dama rubicunda agita un lenço e tapa metade de uma cordilheira alcantilada. Umas espheras, umas pyramides verdes espetadas n'uns páus vermelhos representam as florestas; santos, com as cabeças pregadas no meio de rodelas douradas, levantam dous dedos para o ar e aos trancos da carroça, vão abençoando os passantes.

Mulheres carregam laranjas em grandes cêstos, pescadores offerecem á venda peixes azulados e prateados. Os soldados sobresahem entre o povo pelo garbo das plumas, pelo luzido des uniformes.

Um carro, em que o viajante penetrou á porta do hotel sendo sempre acompanhado das interminaveis reverencias do porteiro, leva-o pelas ruas de Palermo. Chega a uma grande praça; ahi está a cathedral, cousa obrigada de todas as cidades européas visitadas por estrangeiros. Na mesma praça está o palacio real.

A architectura de certos monumentos da Sicilia é a mais curiosa da Europa. Depois de grandes creações classicas serem levantadas na ilha successivamente grega e romana, veio a influencia byzantina e após ella a fantasia sarracena com os seus mais deslumbrantes motivos architectonicos não abandonados ainda depois da invasão normanda, introductora de reminiscencias do estylo gothico nascente. D'ahi a existencia de obras artisticas diversas de tudo quanto admira-se em outros paizes. No que é recente, o predominio é com certeza do máu gosto hespanhol que nao conseguiu anniquilar as maravilhas arabes e siculo-normandas. Um amalgama do mundo latino, do mundo byzantino e do mundo arabe era o producto de uma singular civilisação trilingue revelada nas inscripções monumentaes em grego, em latim, em arabe, perfeitas imagens de um mundo complexo, mas cheio de originalidade e de vida (1), a que conquista normanda deu unidade e força quando, congregando os elementos dispersos,

(1) E. Renan. — *Mélanges d'Histoire et de Voyages.*

fundou a dynastia nacional que presidiu á florescencia da arte siciliana. Muitos dos monumentos d'essa arte foram por longo tempo considerados inteiramente arabes; visitando um d'elles, Abd-El-Kader chorou ao recordar a decadencia da sua raça. Algumas igrejas e palacios são reproducções do que havia pelo norte da Europa quando os normandos conquistaram a ilha. Essas reproducções feitas por artistas arabes não podiam sahir identicas aos originaes que os novos dominadores conheciam. As linhas geraes eram indicadas por estes mas a construcção sahia resplendente dos mosaicos, das perfeições rutilantes dos processos ornamentaes arabicos e byzantinos.

A' beira dos caminhos brancos de poeira que reverbéram o incendio do sol, entre filas e amontoados de pedras calcinadas, recurvam-se os duros refolhos dos áloes, entrelaçam-se as amoreiras silvestres cheias de pequenos fructos negros amadurecidos nos cachos resecados; nas velhas hastes, robustas, estaladas e rugosas das opuncias espalmam-se rijas, immoveis, carnudas, grandes sólas espessas

eriçadas de espinhos; sobre o chão nú e pedregoso alastram-se manchas incertas de sombra junto aos troncos das oliveiras, denegridos, requeimados, contorcendo-se, mal abrigados do sol sob a triste e rara folhagem cinzenta. Uns muros velhos, uns vallos entulhados de uma vegetação selvagem cercam os laranjaes verde-escuros, d'onde emergem os antigos palacios de estylo sarraceno: fóra — a lisa fachada sem ornatos; dentro — prodigios de invenção e de phantasia. Sob as abobadas revestidas de pendentes estalactites facetadas reinam a sombra e o mysterio; arcarias extensas, formadas de ogivas elegantes repousando em columnas esbeltas, encerram os pateos onde, entre murtas e limoeiros, a chuva das fontes, fresca e rythmada, gotteja do marmore esverdeado das bacias. E' a encantadora expressão artistica de uma raça apaixonada e voluptuosa que na existencia tinha o duplo idéal da gloria dos combates e das delicias do amor poetisado e real.

O genio arabe não limitou-se, na Sicilia, á doce phantasia d'essas creações; teve expansão rica e fecunda na architectura militar e

religiosa, conforme imaginou-a uma civilisação guerreira e crente qual a sarracena. Extendendo as suas ameias arredondadas sobre os templos gregos, encastoando no rochedos dos cimos elevados do paiz os fortes alicerces dos seus castellos, o arabe deixou memoria da sua passagem e testemunho de uma influencia que sobreviveu ao dominio musulmano.

A cathedral de Palermo é uma grande construcção de pedras de um tom vermelho; é um monumento de physionomia varia; é um castello pelo longo cordão de ameias que recortam o azul, apoiando-se n'um collar de figurinhas bochechudas, e, pelas duas torres quadrangnlares. O vasto portico lembra um palacio; os dous campanarios annunciam uma igreja.

No palacio real ha a celebre capella Palatina onde a arte arabe e musulmana teve de servir para a construcção de uma igreja christã destinada a ser o oratorio dos reis normandos. O plano, naturalmente, foi o de uma mesquita. Os antigos entalhes dos marmores mal enchergam-se á luz que, pelas janeilas

estreitas, introduz-se parcamente sob as baixas abobadas de mosaicos de ouro, onde destacam-se linhas duras, que indicam se roupagens dos santos de grandes olhos abertos, tendo as cabeças cercadas de enormes aureolas. No chão o mosaico entretece todo o phantasiado desenho de uma tapeçaria. O effeito é inolvidavel, mesmo quando visita depois o viajante o claustro e a igreja de Monreale.

Alli cada capitel byzantino merece um livro e cada quadro de mosaico muitas horas de contemplação.

A Sicilia é apenas, d'esta vez, uma pássagem para terras mais distantes. Ainda um dia consagrado a Palermo, ao museu de antiguidade, aos relevos afamados de Selinunto e interno-me pela ilha, partindo para Girgenti.

GIRGENTI

A' sahida de Palermo, o caminho de ferro para Girgenti segue á beira do mar, córta uma planicie fertil, affasta-se da praia e só então começa a entranhar-se pelas montanhas sempre mais elevadas; pouco a pouco, vai vencendo, volteando os obstaculos que não póde galgar, buscando o fundo dos valles, as encostas suaves, as estreitas passagens.

Nos primeiros planos da dupla paizagem da direita e da esquerda, veem-se moitas e filas de cactos vigorosos, planta de physionomia sempre estranha, habitante das asperezas das pedras a que associa a propria rigidez espinhosa.

Estendem-se a perda de vista, ondeam nas collinas, alastram-se nas baixadas, os laranjaes avermelhados, os limoaes amarellos. Um fructo despegado da arvore cahe sobre a espessa camada de outros que atapetam o

chão. A laranja, o limão eram a riqueza d'aquelles districtos; hoje, são miseraveis os preços e colher a fructa é um esforço perdido que o cultivador não tenta. O pomar luxuriante, fertilisado de novo pela colheita abandonada e apodrecida no solo, vicejará mais frondoso para o anno, continuará a florescer, a curvar inutilmente a ramaria verde-escura quando voltar-lhe a fructescencia de ouro.

Depois, o panorama é de montanhas e montanhas; aqui, na borda de um precipicio, alli, na volta de um caminho, falta á paizagem um grupo de salteadores de chapéos pontudos, de alpercatas de longas correias trançadas até ao joelho, de mantos esfarrapados e mosquetes campanudos. O comboio passa rapido e os salteadores não apparecem. A profissão de salteador é hoje uma profissão arruinada.

A locomotiva, a bala do *bersaglier* italiano convenceram os ultimos fieis de que estavam acabados os dias do salteio, sob a forma legendaria, pittoresca e cheia de emoções da emboscada, do ataque nocturno, da lucta a tiros de pistola nas estradas, scenas hoje só

reproduzidas nas operetas. A civilisação condemna os meios violentos mas não deixou na miseria os antigos salteadores; o viajante reconhece-os facilmente no cocheiro, no cicerone e no hoteleiro sicilianos.

Um elegante de Palermo, joven e sympathico, era o meu unico companheiro de wagon. Loquaz e intelligente, dava-me noticia das terras que atravessavamos e contava-me historias de Palermo; naõ tardou em offerecer-me o seu cartão: o nome era o de uma familia de riquissimos industriaes da ilha. A principio fallou-me de politica; depois, narrou antigos casos de salteio, de roubos, de sequestros e outras proezas de bandidos. Tornando-se mais communicativo, não duvidou entrar no *pays du Tendre*; estava apaixonado; uma belleza agrigentina, primor da Grecia, muito mais interessante do que os templos arruinados da cidade natal, obrigava-o a frequentes viagens, encobertas sob o pretexto de negocios de minas de enxôfre. Aquella viagem era uma das muitas idas e vindas do meu companheiro; á noite d'esse dia, um baile phantasiado devia attrahir toda a sociedade de Girgenti; o

namorado palermitano havia escripto, desculpando-se e recusando o convite; á ultima hora, a lembrança de agrigentina venceu os bons propositos; não foi difficil arranjar um trajo para a caracterisação; metteu-o no sacco de viagem e partiu. Mostrou-me o vestuario; pediu a minha approvação: grande casaca de quadrados amarellos, chapéu alto branco, comprido collete tambem branco, botas de canhão e cabelleira ruiva; ia disfarçarse, dizia-me, em inglez aborrecido. Uma duvida preoccupava-o: devia entrar no baile de mascara ao rosto, revestido da fleugma britannica, saudar friamente a companhia e fingindo-se distrahido, aproximar-se da bem amada, ouvir os galanteios a ella dirigidos, sorprehender as respostas dos seus labios e dos seus olhos, julgando ella estar o seu galan longe da festa, em Palermo? Ou, pelo contrario, devia dar toda a expansão á jovialidade meridional, não perder uma valsa, fallar aos amigos, não affastar-se da *signorina?* O caso era grave; teve longa discussão. Pesando os argumentos, o futuro inglez do baile parecia decidir-se por um dos alvitres; fallava de outro assumpto,

mas a idéa das difficuldades da entrada que meditava, vinha-lhe de novo. Nas estações onde saltávamos do wagon, era o rapaz comprimentado com effusão por toda a gente; vi que era popular no paiz e elle não tardava em descobrir algum amigo a quem contava a sorpreza preparada aos conhecidos de Girgenti; se não partissimos promptamente, o amigo seria decerto consultado sobre o difficil problema da entrada no baile.

Era já noite. Na Sicilia, a antiga falta de segurança obrigou os habitantes a agruparem-se nas cidades; não ha pequenas aldeias, não ha vivendas isoladas; todos procuram a protecção dos muros fortificados e das guarnições. Assim, no campo despovoado, entre as montanhas desertas, não avistava-se uma luz. O trem parou ainda algumas vezes; sob os lampeões embaçados das gares rusticas viam-se grupos de camponezes, de volta do trabalho, trazendo ao hombro foices e enxadas, todos elles envoltos em compridos mantos negros.

A' sahida da estação de Girgenti despediu-se o meu agradavel companheiro. Apressado, seguia para a cidade cujas luzes brilhavam

n'uma altura vizinha; ia a correr pois apenas chegava-lhe o tempo para vestir-se e dirigir-se ao baile; não jantava para não perder um minuto; guardava-se, disse-me, para a ceia.

Como faria elle a sua entrada?

Um omnibus antiquissimo, puxado por umas apparencias de cavallos, no fim de ma longa estrada, deixou-me á porta da um hotel affastado da cidade mas não longe das ruinas.

—

« A mais bella das cidades dos mortaes «, assim chamou Pindaro a antiga Agrigento, affirma eruditamente Bædeker, o *Guia da Sicilia*.

Dentro de um cinto de muralhas ameiadas, no alto de uma montanha, á primeira luz da manhá, vi superpostos os telhados de um agrupamento de casas que corôa a eminencia: é a cidade moderna.

Um caminho sinuoso desce de lá até á estação, remonta uma ladeira que termina n'um extenso taboleiro formado por um monte artificialmente cortado e aplainado; é a Athe-

néa, assento de um templo que desappareceu, o córte da montana é attribuido ao philosopho Empédocle, que era agrigentino e accumulava as cogitações do seu estado com o trabalho de governar a republica; a sua obra teve, ao que parece, um fim hygienico — o de facilitar a ventilação da cidade abrindo passagem ao vento norte. Perto, margeada de raras oliveiras, passa uma estrada que aprofunda-se no declive e segue uma alta parede de rocha, onde, por umas aberturas negras, vêem-se antigas galerias, abobadas escavadas e arruinadas a que apéga-se uma vegetação sombria; são velhos tumulos vazios. Umas pedras negras, um pouco de cinza, restos de tições apagados, mostram que servem, ás vezes, de abrigo momentaneo aos camponios aquellas estreitas cellas, onde os antigos julgaram deixar para sempre o corpo do guerreiro tendo ao lado a espada curta dos gregos, o braço passado na alça do escudo redondo e aos pés, o capacete de bronze; ahi, vestes longas e amplas amortalhavam os sacerdotes e ahi eram deixadas as jovens dormindo n'um lençol de flores, á luz das lampadas funerarias

accêsas nos nichos, entre os vasos lacrymatorios.

No alto elevam-se os templos da Concordia e de Juno Lucina.

A simplicidade d'essas ruinas é magestosa; ellas elevam-se do meio das amendoeiras e dos pecegueiros em flôr, destacam-se sobre o mar e o céu azul aviva-se junto ao velho tom dourado das columnas canneladas.

Mais longe ha uns restos informes de um monumento — é o Grande Templo de Jupiter. Os archeologos cavaram, buscaram pacientemente e reconstituiram, fragmento por fragmento, um dos collossos que, enfileirados, firmes nos pés juntos, curvavam a cabeça e sustentavam nos hombros gigantes as architraves do templo. Estendido, quasi encoberto pelas plantas silvestres que irrompem d'entre os pedaços mal ajustados, o hercules parece um esqueleto antediluviano; as pedras que o formam são ossos desarticulados de um homem de outra éra terrena, repousando á sombra de uma velha arvore mais nova do que elle.

Detraz da espessura do arvoredo de uma

volta do caminho, surge um cavalleiro; sob um amplo barrete preto vê-se-lhe o rosto bronzeado; grandes botas cobrem-lhe as pernas; traja um gibão azul escuro; monta um cavallo meio arabe e, atravessada no arção dianteiro, leva uma comprida espingarda. E' um camponez que vem ao mercado de Girgenti; subiu, de certo, da planicie que lá abaixo vê-se estendida até á praia; nem um lance d'olhos teve para as ruinas, illuminadas pelo sol projectando e estirando no chão a sombra alongada das columnas; passou junto ao estrangeiro sem parecer vêl-o; calculou talvez a hora, o resto do caminho, apertou á ilharga do cavallo o tacão da bota e affastou-se. A ramagem de umas arvores pequenas occultou-o. Despontou mais longe e desappareceu na estrada esbranquiçada que recorta a aridez da paizagem.

De Girgenti a Catania, em caminho de ferro, só de relance póde-se vêr o interior da Sicilia; ao principio, é a região do enxofre, dos monticulos amarellados, vermelhos, brancos, que vão juntar-se no horizonte á linha azulada das montanhas, que parecem enfari-

nhadas de neve n'alguns cimos. Sob um céu de anil intenso ha uma orgia de côres; a terra parece escarvada, revolvida, rasgada; não vê-se uma só planta; é a esterilidade absoluta, sem as graduações infinitas do verde nos campos, nas vinhas e nas florestas. No extravagante alastrado dos coloridos os mais vivos, na confusão da passagem rapida do comboio, o olhar julga entrever uma região phantastica, onde as seáras são vermelhas e bosques cor de purpura ardem nas clareiras em chammas amarellas, á beira de campinas azues. O solo accidentado parece uma téla gigantesca e amarrotada em que um pintor impressionista limpou palheta e pinceis, as dobras do tecido formando as encostas, os valles, as serras e as quebradas.

Afinal apparecem as primeiras culturas entre os morros amontoados sem fim; nos rochedos das alturas erguem-se torres antigas; ladeiras ingremes e pedregosas descem ás varzeas onde verdeja o trigo novo do inverno, onde bois tranquillos, classicos, virgilianos, puxam charruas primitivas, isentas dos progressos americanos. Camponezes pittorescos

parecem esperar o paizagista. Montados n'uns burrinhos sympathicos, homens de grandes barbas pretas trazem a espingarda a tiracollo; uns animaes de carga, de raça indefinivel, cavallos rebaixados a mulas ou jumentos com prosapia cavallar, de longas orelhas, pellos compridos polvilhados de uma cinza dourada, empastados de lama multicôr, carregam em cestos uns grandes blocos amarellos: é o enxofre das minas, vindo das refinarias.

Passam-se muitas estações de nomes sicilianos que o guia Bædeker disséca e esfola com a paixão da etymologia, para mostrar ao maravilhado *touriste* a antiga celebridade dos logares, attestada pelas authenticas denominações gregas. Os guardas gritam sempre: *partenza!!* e no fim de muitas horas, avista se o cimo nevado do Etna, chega-se a Catania.

CATANIA

Os balcões salientes das casas, os campanarios, os cáes extendem-se em terra seguindo a curva da bahia. O olhar accompanha os contornos indecisos da costa perdidos ao longe. No mar, que é o mar Jonio, a vista mal distingue a linha do encontro, da fusão dos dous azúes illuminados, o ceu e a agua, onde cruzam-se os pequenos triangulos das vélas brancas dos barcos de pesca. O Etna, erguendo-se no horizonte, domina o fundo do quadro.

Ha muitos seculos Catania está assentada na planicie onde eleva-se o volcaõ. Por vezes, a terra treme, oscilla nas ancias convulsas do monte incendeado e quando firma-se de novo, as construcções esboroadas não amparam-se mutuamente; as torres cahiram como arietes esmagando quarteirões inteiros. As pedras, os destroços amontoam-se; os habitantes

escapos á repentina sepultura mal pódem livrar-se do mar ha pouco sereno e agora enfurecido e espumante que, arremessando se contra a terra, afoga, contorce e arrebata, ao voltar, tudo que o terremoto não havia destruido. Depois de rugidos prolongados do volcão, por uma rácha da cratéra, por uma abertura que se lhe rasga ao flanco, por uma ferida que se lhe abre, por uma pustula que rebenta-lhe escorre um fio rubro de sangue que, á noite, avista-se de longe. É a lava incandescente formando um regato de fogo que avoluma-se, desce lentamente com crepitações metallicas, engrossa, é logo uma torrente, não impetuosa, mas terrivelmente tranquilla e porisso irresistivel. É a propria massa que a impelle. Os habitantes de Catania têm os olhos levantados para o Etna com a fixidez do horror. Seguem as sinuosidades da serpente de fogo que desce da montanha ameaçando devorar a cidade. O monstro parece deter-se por momentos; tactea o terreno com os longos tentaculos ardentes e prosegue; baixa até ao ponto em que juntam-se duas longas depressões, duas rugas do sólo, caminhos antigos que a lava já con-

hece, Trilhará nova estrada? Se tomar á direita a cidade arderá ao calôr do incendio caminhante e a torrente passará sobre as cinzas. Da cathedral tira-se o véu de Santa Agatha que é levado em procissão pelo clero e pelo povo; a reliquia é desfraldada em frente ao volcão. A torrente, obliquando, a principio hesitante, depois resoluta, obedece á lei da gravidade, á direcção do declive da encosta, desvia-se de Catania, mas passa-lhe vizinha. Incendeia, sepulta vinhedos e campos. Casas ardem ao calôr que exhala o rio inflammado e quando elle despeja se na praia o mar ferve na extensão de muitas milhas, ruge, silva de dôr ao contacto incandescente. O céu nubla-se dos vapores levantados; sob as ondas, a lava caminha, alastra-se, fórmando novos baixios, novos rochedos. A massa solidifica-se, resfria pouco a pouco; a agua lava-lhe a superficie; as conchas e os mexilhões incrustam-se nas asperezas onde pendentes fluctuam desatados pela onda os cabellos longos das algas soltos na corrente.

Do manto de lava que o volcaõ extendeu sobre as velhas praças o alvião arrancou

blócos para novas construcções, de alicerces abertos na rocha negra e compacta. A terra hoje cultivada nos arredores de Çatania foi uma rija camada de escórias ennegrecidas; o ar, a chuva, o sól attacaram-lhe a epiderme; os ventos trouxeram-lhe átomos terrosos de envolta com germens vegetaes; n'uma cavidade brotou um primeiro pontosinho verde, signal de uma flora minuscula e breve que, ao fenecer, augmenta com os seus detritos a terra em formação, onde despontam depois folhas pequenas de especies mais vigorosas e que transfórma-se, emfim, no sólo rico productor do trigo viçoso, da uva arroxeada que dá o vinho purpureo e forte ainda quente do calôr mal extincto das lavas.

Esta natureza feita de sól e de fecundidade é a da planicie de Catania. Dos rochedos da costa, alguns levantam-se na praia, entram pelo mar, negrejam á superfice das ondas; uns foram lançados por Polyphêmo contra Acis, outros contra Ulysses. Desde Taormina até Syracusa a costa da Sicilia é um desfilar continuo de bellezas e de reminiscencias.

Taormina, em frente ao Etna, tem o seu theatro antigo entre a perspectiva da montanha e o mar. Algumas cabras errantes saõ os actores desse theatro e os lagartos que dormem ao sol, entre as hervas aromaticas das bancadas derrocadas, saõ os espectadores. O silencio deante da vista do Etna que é a tela do fundo do theatro, téla que perdura fulgurante, lembra pelo contraste o rumor do povo sob os porticos destruidos e a emoção que delle apoderava-se quando da orchestra levantava-se a vóz solemne dos chóros commentando uma scena de Euripides.

Depois deste silencio e desta solidaõ causam prazer as ruas de Catania.

E'domingo; camponezes robustos accompanham á missa raparigas de corpête encarnado, de saia listrada e de tranças negras entrelaçadas de fitas verdes. N'uma esquina um velha vende, n'um grande taboleiro, figos da India — fructos carnudos e avermelhados que dá o cacto commum da Sicilia. Em pedaços de jornaes veem-se no taboleiro, pequenos montes de confeitos que a velha protege extendendo sobre elles uma

toalha branca. Servindo-se de um ramo de larangeira enxota as moscas alvorotadas das bordas dos jarros das limonadas e das laranjados resfriadas com a neve trazida do Etna, endurecida e amassada em pequenos tijollos. Nas paredes veem-se grandes cartazes de côres vivas annunciando os espectaculos do dia. Os cafés estam abertos e as tabacarias repletas de freguezes; nos passeios os elegantes da terra acotovelam os camponios e observam as mulheres da cidade que, vestidas de seda preta, dirigem-se ás Igrejas.

Ha um grande convento de Benedictinos que faz frente ao Etna; as lavas de uma antiga erupçaõ chegam até á cêrca n'uma confusaõ de torrente petrificada. Tem o convento uma vasta Igreja abandonnada onde brincam as creanças do bairro, grandes corredores, pateos immensos por onde passam alguns rapazes fardados, alumnos de uma escola militar estabelecida no mosteiro, um curioso museu, uma grande bibliotheca e, atravez de tudo isso, um empregado, abrindo com estrondo as velhas portas, conduz apressado meia duzia de inglezes.

Na cathedral um suisso magestoso mostra

o tumulo de Bellini, gloria e orgulho dos Catanezes que, emquanto o Etna fôr o Etna, naõ haõ de fartar-se da musica do conterraneo, no theatro, no piano, até á consummação dos seculos, para maior gaudio do patriotismo. Quando cheguei á estaçaõ em que tinha de tomar o trem para Syracusa, um cégo remoïa n'um realejo um motivo do maestro.

No trajecto entre as duas cidades, pelo caminho de ferro, o Etna parece accompanhar o viajante; segundo os caprichos do traçado, o volcaõ animado de movimento, surge á direita, apparece á esquerda, avança, retrocede, mas destaca-se sempre branco e elevado sobre o azul. Contornando o golpho a que Catania deu o seu nome, o trem passa, ás vezes, junto das ondas que espumam nos rochedos negros da costa e a grande curva da praia é um traço harmonioso no quadro que o Etna domina,— o do mar entrando pelo terra e o da terra fugindo e espraiando-se ao longe n'uma planicie extensa. O trem passa por umas salinas, detem-se a borda da vasta lagôa de Lentini e não tarda em chegar, mas já de noite, á estação de Syracusa.

SYRACUSA

De manhã, abrindo a janella do meu quarto vejo que ella dá para o mar; no vasto porto deserto fumega, baloiçando-se, um pequeno vapôr que acaba de entrar. Archimedes, se despertasse no seu tumulo que não deve estar longe, com toda sua sciencia, não acharia a explicação da machina maritima que alli está, em pleno theatro das maravilhas da sua invenção. Perto da minha janella vejo um pequeno tanque esverdeado, de beiras cimentadas, cercado de uma grade e tendo no centro um penacho de caniços verdes. E' a fonte de Arethusa, da nympha convertida em fonte por Diana que a queria livrar de Alphêo que transformou n'um dos rios da Arcadia : o pretendente naõ deu-se por vencido; segundo as poetas, o rio, sem turvar as suas aguas, atravessa o mar Jonio conseguindo aqui juntar-se á fonte Arethusa que não póde repellil-o. Esta

fonte era uma das decantadas e antigas bellezas de Syracusa; as caniços que a ornam são hastes de papyros.

Na primeira excursaõ que fiz vi outros papyros. Atravessando-se o grande porto n'um escalér chega-se á embocadura do rio Anapus; o rio é estreito, a corrente forte e os remadores, luctando contra ella, fincam, com esforço, os remos nas margens lodosas; apparecem as primeiras moitas de papyros sempre mais frondosas a medida que sobe-se o rio limpido e profundo. O papyro, na Europa, só encontra-se nas margens do Anapus e no Egypto é rarissimo. As folhas preparadas desta planta serviram para a conservação do pensamento dos antigos que nellas escreviam. Vendo na Sicilia os ultimos representantes de uma especie vegetal quasi extincta, diz M. Renan que, se a planta que tão grandes serviços prestou ao espirito humano e que merece tão importante lugar na historia da civilisação, estiver um dia em perigo de desapparecer, as nações civilisadas deverão cotisar-se para garantir-lhe uma perpetua pensão alimentaria no valle do Anapus. Ella fórma no rio pequenas ilhas

impenetraveis, com as suas hastes verdes, flexiveis, esguias, enfeixadas, abrindo-se em leque e terminadas n'uma corôa elegante de fios pendentes reflectidos no rio e n' agua tranparente da Cyane. Este nome é o de uma das nymphas companheiras de Proserpina; quando esta espairecia nas visinhanças e foi raptada por Plutaõ, a nympha, por amizade á victima, talvez por despeito, quiz oppôr-se ao rapto e nada conseguindo, chorou, chorou até converter-se na transparente e limpida nascente onde mergulham as rãs nas profundezas da agua azulada que, brotando da terra, vae logo misturar-se ao Anapus.

Na volta dos muros de Dyonisio, pelas alturas rochósas da Achradine, de cima dos grandes blócos de pedra veem-se as cinco regiões de Syracusa: Ortygia, Achradine, Tyche, Neapolis e Epipolis.

As *Latomias* saõ pedreiras colossaes, grandes camaras cavadas na rocha viva, antigas prisões que tinham, como paredes, o rochedo talhado, altissimo, cortando um pedaço de céu e donde pendentes baloiçam-se grandes cortinas de heras escuras. Estes muros im-

mensos abrigam hoje bosques de larangeiras. O *Ouvido de Dionysio* é uma galeria em fórma de S que tanto trabalho custou para sêr aberta quanto tem dado aos archeologos que procuram-lhe a explicação : pedreira, prisão, passagem, caixa acustica para augmentar a sonoridade de um theatro — tudo isto lembram e sustentam com argumentos os homems competentes. A historia que contam do tyranno Dionysio aproveitar-se do echo admiravel da galeria para sorprehender os segredos dos prisioneiros, parece naõ resistir á critica. Hoje, os viajantes fazem experiencias e a rocha repete palavras de todas as linguas; a affluencia de viajantes britannicos tem communicado ao echo um ligeiro sotaque inglez.

Adeante, uns cordoeiros trançam, vagarosos, as suas cordas esticadas entre forquilhas, na entrada de outra *latomia* — a do Paraizo. Uma meia aboboda, cavada na rocha, encurva-se n' uma altura immensa; é irregular, com grandes saliencias, umas lavradas, outras pontudas, verticaes, parecendo columnas lascadas ao meio. N'um ponto a aboboda parece descer até ao chão formando um supporte gigan-

tesco. A chuva filtrada lentamente atravez do tecto de pedra, cahe do alto, aqui, alli, em pingos d'agua que formam, dentro da gruta, um lago esverdeado, onde immobilisam-se na superficie as folhas lustrosas das plantas aquaticas. A agua interna-se pelos pequenos golfos, pelos corredores humidos, parecendo ir perder-se em escuros recessos, como os rios infernaes. A gente espera ver surgir a barca do

.... nocchier della livida palude,
Che 'ntorno agli occhi avea di fiamme rote

No tecto, segundo a inclinação das faces da rocha é para o sól ou para a humidade, veem-se secções de calcareo rosado ou pedaços mirificamente recobertos de musgos, de milhares de pequenos fetos pendentes como flammulas verdes agitadas pelo vento que susurrando na gruta, encrespa o lençol d'agua soprando contra o rochêdo umas ondas pequeninas.

N'uma *villa* quasi abandonnada, está enterrado, n'uma eminencia pittoresca, o conde Platen, considerado uno dos bons poetas

allemães. O epitaphio chama-o de Horacio germanico; a idéa de um Horacio comendo salsichas e bebendo cerveja repugna; mas, se não mente o epitahio, o poeta está muito melhor na Sicilia, voltado para o mar Jonio, em pleno mundo grego, do que em qualquer cidade da Allemanha onde eriçam-se, pontudas, as construcções gothicas e os judeus traficam. A'sombra das oliveiras, tomou assento entre os personnagens poeticos da região e a vista do Hybla, afamado pela doçura do seu mel, da scena das guerras athenienses deve sêr-lhe grata; ao nascêr, era barbaro, morto, naturalisou-se helleno.

D'ahi avista-se o theatro grego, talhado em meio circulo na rocha; dos seus degraós arruinados o olhar póde abranger toda Syracusa.

A cidade moderna é pobre e curiosa; as ruas estreitas, ingremes, passam entre velhas casas de balcões de ferro. O templo de Minerva, convertido em cathedral, com os intercolumnios cheios por uma parede bruta que apenas aqui ou alli deixa vêr os fustes cannelados e os capiteis das columnas doricas,

foi comparado a uma pedra preciosa envolta na sua ganga grosseira.

O Museu tem uma Venus afamada; a bella estatua correu muitas aventuras o que é mais uma semelhança com o original; julga-se ser a mesma que foi objecto de uma das rapinas de Verres. O celebre proconsul é naturalmente recordado em muitos pontos da Sicilia; o heróe de ciceroniana fama naõ tinha a alma de um perverso: tinha apenas os instinctos de um colleccionador; a sua desgraça foi têr sido mandado para a Sicilia, onde a vista das obras primas inflammou-lhe a paixaõ e arrastou-o a todos os excessos. O retrato que Cicero faz de Verres, diz M. Gaston Boissier, deve sêr fiel; alguns dos traços até hoje naõ deixaram de ser verdadeiros; têmos algumas cópias d'aquelle original: naõ era somente o gosto mas a mania das obras d'arte que o caracterisava. E'ainda Cicero quem conta que, na épocha em que o afamado processo ia ser julgado, o proconsul teve de assistir, em casa de um romano opulento, a uma festa que foi motivo para serem exhibidas apparatosamente todas as preciosidades que eram os *bibelots* do

tempo e que faziam o orgulho do amphytriaõ. Verres tinha todo o interresse em mostrar-se indifferente ao espectaculo; para naõ justificar os seus accusadores convinha-lhe occultar a propria loucura; mas foi-lhe impossivel conter-se: approximou-se das riquezas expostas para vêl-as de mais perto, tocou-as, manuseou-as, com grande susto dos escravos que, conhecendo-lhe a reputaçaõ, naõ tiravam delle os olhos (1). O infeliz era um colleccionador; os contemporaneos, naõ comprehendendo-lhe os sentimentos, diffamaram-n'o aos olhos da posteridade; igualmente brutos mostraram-se os Syracusanos que conseguiram preservar a estatua de Venus, faltando assim com a delicadeza que um povo bem educado deve aos que fazem-lhe a honra de governal-o.

O dia da partida de Syracusa é um dia de Carnaval; á tarde, a mesquinha cidade está em festa; pelas ruas estreitas passam bandos de creanças pobremente phantasiadas; póstam-se nas esquinas grupos de elegantes indi-

(1) Gaston Boissier. — *Promenades archéologiques.*

genas, de luvas novas, gravatas invenciveis, com inclinações negligentes de perna que saõ talvez irresistiveis mas que denotam grande decadencia na plastica local comparada á dos torsos e biceps gregos expostos no museu da cidade. Nos balcões apoiam-se as bellezas Syracusanas, motivos de tanta praça de elegancia por parte dos grupos masculinos. E é isto o carnaval. *Roba di Syracusa!* ..... diz-me, desdenhoso, o creado do hotel que é filho de Catania. Na Sicilia, a palavra *roba* quer dizer tudo: as provisões de viagem — *roba*; as ruinas — *roba antica*; a propriedade em geral, o dinheiro, as bagagens tudo é *roba*.

A' noite, de bordo do *Etna* vaporsinho que ia largar para Malta, viam-se as luzes da cidade e ouvia-se a musica militar tocando pelas ruas de Syracusa. A helice poz-se em movimento, perderam-se os sons da musica e logo sumiram-se as derradeiras luzes.

MALTA

—

Ao amanhecer, o *Etna* acha-se na entrada de La Valletta, capital de Malta.

Em terra, avistam-se as altas muralhas das fortificações apertando, em cintos de pedra, collinas escalvadas; sobre os muros projectam-se uns traços negros, symetricos, entre uns pontos rubros em movimento; são os canhões inglezes, voltados para o mar e as fardas vermelhas dos soldados. Approximamo-nos lentamente: a casaria amontoada vai avultando n'uma massa branca e irregular, onde distinguem-se as sotéas, as aberturas das janellas; as vidraças rutilam ao sol nascente e os azulejos das paredes reluzem; nas balaustradas dos terraços, roupas brancas ondeiam ao vento.

O vapor dá volta, traçando a helice, na agua verde-clara do porto, uma grande curva esbranquiçada e espumante; ouvem-se as tremulações de um apito, o ruido violento de uma corrente arrastada, sente-se um estremeção e a ancora cahe ao mar com estrondo.

Ao redor fumegam as chaminés de muitos vapores das linhas do Egypto, do Levante, da India, da China, do Japão, da Australia e da Nova Zelandia. Um enxame de escaleres de côres vivas, de prôas alteadas, lembrando as gondolas de Veneza e os rostros antigos, cerca logo o *Etna*; em inglez, em francez, em italiano, em maltez, aos gritos, remadores robustos, de pelle bronzeada, offerecem os seus serviços. Não é sem custo, sem contendas, sem um côro de pragas em muitas linguas, sem repellões de remos, que o passageiro consegue installar-se n'um dos botes, fazendo ajuntar a bagagem á prôa. Na occasião em que maior era a desordem, o patrão de escaler da policia, um marinheiro inglez do soiças loiras, impoz, n'um brado, silencio aos luctadores e como por encanto, as discussões acalmaram, os gritos cessaram e na maior ordem prose-

guiu o serviço de desembarque. Tudo aquietou-se com a mesma promptidão com que estacam os *cabs* e os omnibus em Regent Street, ao levantar o policeman o seu bastão; os maltezes, indoceis como todos os meridionaes, meio africanos, obedecem hoje como os cocheiros de Londres, criados no respeito da policia que impõe-lhes multas e cassando-lhes as licenças, póde apeal-os dos thronos que elles occupam no alto dos vehiculos metropolitanos.

Malta está em festa por motivo do Carnaval, como Syracusa hontem e o dia bellisimo; as bandeiras inglezas destacam-se vermelhas, em tons festivos, sobre o céu azul; na *Strada Reale,* o povo, apinhando a rua, conversa ruidosamente, interessa-se pela tarefa dos operarios que dependuram em arames extendidos as lanternas da illuminação da noite. No palacio do governador, é causa de grande curiosidade a ornamenção de festões de folhagem, pregados nas columnas da entrada e nos frisos do vestibulo, por uns sujeitos trepados em altas escadas.

Na multidão agitada, destacam-se as fardas

vermelhas dos soldados; uns inglezes, talvez de volta de Ceylão ou de Singapura, vestidos de costumes amarellos, de xadrezes extravagantes, percorrem ás pressas a cidade, durante a demora do paquete. A' porta de um negociante de curiosidades, inglezas, de tez afogueada pelo sol de uma longa travessia nos tropicos, discutem preços e com os dedos calçados de luvas de algodão branco, agarram os longos véus verdes que o vento agita, quando, levantando a poeira esbranquiçada das ruas, faz torvelinhos de folhas cahidas das grinaldas dos corêtos e de pedaços de papel.

As mulheres maltezas, pequenas, morenas, de olhos pretos, envoltas n'um manto negro, que, na cabeça, arma como a coberta de um carro, conversam passeando e volteiam nas mãos ramos de cravos escarlates. Um padre, de grande chapéo em forma de telha revirada, e um frade capucho, de sandalias e de longo rosario pendente, passam entre um grupo de officiaes de marinha. Na *Piazza dei Cavalieri*, á sombra de umas larangeiras, n'umas mesas de ferro, junto da estatua do Grão Mestre de

Malta, Manuel de Vilhena, que deve estar ardendo ao sol sob a grande cabelleira Luiz XIV, cahindo-lhe aos hombros em novelos de bronze, soldados, marinheiros, paizanos, tomam refrescos, *cock-tails* britannicos, absinthos francezes e gelados italianos. Da casa em frente a esta scena sahem uns ruidosos preludios de harmonia, soprados dos pistões e ophicleides de uma banda de musica que tenta acertar o campasso para as festas da noite.

O aspecto do povo de Malta revela a situação de um paiz onde a Inglaterra, fiel ao seu systema, respeita os costumes da terra, mantem a lei nacional, dá aos indigenas a liberdade e mesmo a protecção do seu culto, deixa-lhes a lingua patria, garantindo-lhes, n'uma palavra, as vantagens de um governo livre e forte, cousa d'elles desconhecida, antes de ser-lhes desfraldado sobre as ca beças o pavilhão inglez. A pequena nacionalidade malteza, embora não assimilada aos seus dominadores, mostra-se satisfeita com o actual estado de cousas, cordial com os funccionarios e colonos vindos do Reino-Unido, que,

por seu lado, misturam-se alegremente com os populares, perdendo a sua tristeza de homens do norte ao conctacto da jovialidade meridional, sentindo-se o inglez como que derretido ao calor que desfaz a rigidez orgulhosa dos collarinhos, sob o sol que dissipa os preconceitos.

Malta é pouco mais do que um rochedo; é porém a terra mais povoada do mundo. Esta densidade da população não causa a diminuição de nascimentos tão sensivel n'alguns paizes e tão espantosa em França; o excedente dos habitantes emigra regularmente para as costas do Mediterraneo, onde milhares de maltezes, marinheiros incomparaveis, encontram meio de vida nos trabalhos de navegação. Hoje affluem para as possessões francezas do norte da Africa, a Argelia e a Tunisia, onde quarenta mil d'esses insulares levam vantagem, pela energia e pela intelligencia do seu trabalho, aos immigrantes de outras procedencias européas.

A tão fallada indolencia meridional não passa de um logar commum; a inaptidão do homen dos climas quentes para o trabalho é

uma exageração convertida em preconceito entre os homems do norte. A pobreza, o atrazo, a ignorancia da Hespanha, de Portugal e dos paizes musulmanos da bacia de Mediterranea, têm dado razão á falsa theoria; mas estes ultimos paizes e não deve ser isso esquecido, poderiam florescer hoje sob a civilisação arabe e musulmana infelizmente asphyxiada em seu inicio promettedor pela conquista dos turcos destruidores. Que resultados não poderia dar o trabalho do basco, do catalão, do gallego e do minhoto, destinado a dominar na Hespanha e em Portugal, se estes paizes não tivessem tido a desgraça de pretender viver das suas colonias escravisando-as, deslocando o centro da propria vida economica? Encontrar a causa do phenomeno n'uma inferioridade de raça é esquecer a compressão secular atrophiando a fibra nacional pela politica fatal do dualismo do poder absoluto, encarnado no rei a extenuar a peninsula com as imposições, os privilegios, as prohibições e a Inquisição immobilisando-a pelo terror.

Malta é a prova de que, sob os céus os mais ardentes, a vida e o trabalho fecundo são pos-

siveis. A natureza do esforço exigido varia segundo as latitudes mas um dos caracteres zoologicos do homem é o de ser um animal de todos os climas. Os geographos, sondando o fundo do mar, decretaram que Malta pertence á Europa, por estar ligada a ella por umas cordilheiras submarinas e separada da Africa por grandes profundezas. Esta classificação póde ter muita importancia na geologia, mas mil cousas dizem ao viajante que elle já não está na Europa, quando encontra o typo maltez, resultante de todas as raças que passaram pela ilha: phenicios, gregos, carthaginezes, romanos, arabes, normandos e hespanhóes que succederam-se no correr dos seculos. Durante tresentos annos possuio a ilha a Ordem de S. João de Jerusalem, isto é, uma legião de cavalleiros, typos os mais perfeitos de todas as raças européas, filhos mais moços das familias as mais nobres, seguidos de uma nuvem de escudeiros, serventes e famulos. Por ultimo, os soldados de Bonaparte e a robusta guarnição ingleza que occupa Malta ha mais de setenta annos, formaram e deram feição definitiva á laboriosá e interessante população.

Um grave viajante do seculo passado, fallando da organisação da familia malteza no seu tempo, diz que as mulheres viviam na ociosidade, porque os homens... *bornent l'emploi du sexe au seul département de la volupté*... e que ellas... *ne savent plus résister à l'or des baillifs qu'aux soupirs des chevaliers*.

A partida dos cavalleiros, o dominio inglez modificaram a situação e porisso, já não é a Ordem a esforçada causadora do extraordinario crescimento da população. Este phenomeno demographico só póde ser attribuido ao bem estar conquistado pelos maltezes, graças á sua perseverança e ao recurso da emigração.

A pedra que, por assim dizer, constitue a ilha, é molle e de trabalho facil; é o material de todas as construcções que têm um aspecto limpo e agradavel, tanto na cidade como no campo. Esta expressão — no campo — não é muito propria, porque, em rigor, não ha campo; os pequenos povoados, os casaes quasi que unem-se, soldando-se uns aos outros em toda a extensão da ilha que apresenta um aspecto melancolico e cinzento, sem verdura

apparente ao longe para esmaltar o branco das casas e dos pequenos muros de pedras soltas, com que o camponez delimita a sua cultura. E que cultura!... A terra é pouca, apenas uma camada de alguns centimetros sobre a rocha, mas, regáda, revolvida, destorroada, joeirada dos pedregulhos, arejada, aquecida ao sol, amparada para não rodar pelas collinas, cuidada, vigiada com o estremecimento do avaro por uma cousa preciosa, essa terra paga tantos desvélos, restituindo quarenta grãos de trigo por um que lhe foi confiado e alimentando os algodoeiros que, na epocha da colheita, juntam a neve dos seus flócos ao tom esbranquiçado da paizagem.

N'alguns logares, a terra foi trazida da Sicilia, como a terra de Judéa para o Campo Santo de Pisa e depositada em taboleiros cavados na rocha; n'outros, o camponez, britando e rebritando a pedra, pulverisa-a, humedece-a pela irrigação, junta-lhe folhas seccas, todos os detritos respigados pelos caminhos, cinzas, plantas marinhas arrojadas á praia, revolve tudo, irriga de novo, accrescenta alguma terra á mistura e depois de

deixal-a descansar, anima-se a semear umas hortaliças na anfractuosidade do rochedo onde creou a *terra* que lhe pertence. E o homem, a mulher, as crianças, trabalhando, ajuntam, alisam, arrecadam a terra que ameaça fugir por uma fenda e creio que, ao arrancar as primeiras chicoreas, a familia, solicita, sacóde das raizes o ultimo grão de terra e evitado o desperdicio da preciosa substancia, todos os dedos quererão acariciar, compôr e retoucar os frisados das folhas do legume, com mais prazer do que uma rapariga fal-o aos babados do vestido do primeiro baile.

Como vê-se, a Inglaterra preside na ilha a uma vida de trabalho constante, mas remunerador. Malta produz trigo sufficiente para o proprio consumo, durante nove mezes do anno; importa o que lhe falta e mesmo muito mais, porque os inglezes conservam cheios os enormes celleiros da capital; n'uma praça vêm-se no chão grandes pedras chatas e rondadas, tendo no centro argolões de ferro: são as tampas dos enormes silos ou covões subterraneos, repletos de trigo. No porto ha vastissimos depositos de carvão. Os inglezes pare-

cem ter tornado impossivel a captura de Malta. Os antigos grão-mestres, graças á facilidade de edificar com a pedra commum da ilha, rivalisavam sempre com os proprios antecessores na mania dos bastiões e das muralhas, apezar de já não ter a Ordem o numero de soldados necessarios para a defeza das obras militares externas que, desguarnecidas e podendo cahir nas maõs do inimigo, tornavam-se perigos formidaveis para a cidade. Esse susto não têm os inglezes; a simples approximação do porto póde ser impedida pelas rapidas torpedeiras que estam sempre promptas no arsenal. A antiga magnificencia tambem ostentava-se nos canhões; quando Bonaparte apoderou-se de Malta, havia nas muralhas um exercito de canhões. Fundidos para deitar a pique as galeras do Grão-Senhor, para repellir os corsarios e os piratas elles assistiram impassiveis ao desembarque dos francezes.

As elegantes colubrinas de bronze cinzelado, com duas azas em fórma de golphinhos contorcidos, tendo em relevo as armas e a divisa do Grão-Mestre, o remate da culatra nos refól-

hos de um botão artistico e a bocca a sahir das fauces de uma chiméra, foram substituidas por uns canhões enormes, lisos, sem ornatos, todos de aço polido, proprios para projectis colossaes, obras primas de Witworth e de Armstrong. Esta differença na artilharia symbolisa a que existe entre o governo dos cavalleiros e a dominação britannica, assim como a singeleza, a fealdade dos trajos contemporaneas representam a democratisação social, succedendo ás casacas de côr e aos bordados de ha 150 annos, representantes do regimen da desigualdade e do privilegio, principalemente do privilegio que mais irrita as invejas revolucionarias, o da elegancia e do luxo.

Malta é um dos pontos da Europa em que foi mais brusca a transição do passado para o presente. Expirava o seculo XVIII e a ilha conservava ainda a brilhante instituição dos Cavalleiros do Hospital, reliquia das Cruzadas.

A chronica d'esta Ordem é o resumo da historia de um mundo desapparecido. A abnegação mystica que levou os cavalleiros a organisarem-se para servir os pobres, *Os pobres Nossos Senhores*, segundo dizem os

antigos estatutos, o enthusiasmo bellicoso contra os sarracenos, deram-lhes o duplo caracter christão e guerreiro, cuja harmonia foi, na verdade, um phenomeno curioso.

Uma das tendencias estava, forçosamente, destinada a supplantar a outra e a militar e secular foi, no correr do tempo, a predominante.

Os defensores do sepulchro de Jesus Christo, durante o dominio christão na Palestina, deram provas de uma bravura admiravel; mas não existia a disciplina militar como a comprehendemos hoje e o contacto voluptuoso do Oriente dissolveu as virtudes occidentaes. Os Cavalleiros de S. João, se tiveram grande parte nas glorias das Cruzadas, não a tiveram menor nos desvarios; muitas vezes, diz Michaud, abafavam com o ruido das suas armas, as vozes do clero que officiava na igreja do Santo Sepulchro e n'uma occasião, perseguiram os padres, a flechadas, até dentro do sanctuario; as victimas contentaram-se em reunir n'um feixe as flechas, suspendendo-as ao altar, como um trophéo eloquente protestando contra o sacrilegio dos cavalleiros.

A' medida que os latinos iam recuando deante do movimento victorioso da reconquista musulmana, diminuiam os conventos da Ordem. Viu-se ella, por fim, obrigada a recolher-se a Rhodes, donde sempre incommodou os Turcos, até o dia em que, depois de uma resistencia desesperada, o velho Grão-Mestre de l'Isle Adam abandonou a ilha ao Grão-Senhor e com os cavalleiros sebreviventes errou, em busca de um abrigo, pelos mesmos mares que, em fortuna egual, Enéas percorreu depois da quéda de Troia.

O Papa e Carlos V quizeram ainda servir-se da valentia dos cavalleiros para conter os progressos do Turco. Já não se tratava de atacar os infieis, nem de reconquistar o sepulchro de Christo. Foi da defeza da Europa que os cavalleiros encarregaram-se, estabelecendo-se em Malta. E prestaram um immenso serviço á civilisação; um adversario valente, constante, ameaçando sempre aggredir, neutralisou no Mediterraneo o poder do Sultão. E esse poder, finalmente, começou a declinar; o Turco nada pôde fundar na Europa onde apenas, segundo uma phrase

celebre, está acampado e a Russia, formando-se, começou a pesar sobre elle com a sua massa invencivel.

Malta já não guerreava; os seus canhões já não encandeciam pela repetição dos tiros, como no grande assedio do seculo XVI; as suas galeras apenas hostilisavam os piratas argelinos e mal faziam policia do Mediterraneo. As pesadas carracas do Grão-Mestre apodreciam no porto. A reforma havia amputado do corpo da Ordem quasi todo o norte da Eutopa e os principes christãos fizeram allianças com o Grão-Turco.

Foi n'esta phase pacifica que Malta floresceu; elevaram-se palacios para morada dos cavalleiros das differentes nações ou *Linguas*, como elles classificavam-se; estes palacios chamavam-se *albergues* : o albergue da Italia, de Provença, de Castella, de Portugal, etc., etc.

Os grão-mestres transformaram-se em reis electivos absolutos. No vasto palacio que o governador inglez hoje habita, onde dá bailes, nas galerias onde as armaduras dos cavalleiros enfileiram-se de lança em punho,

com os brazões pintados nos escudos, nas salas ornadas de esplendidas tapeçarias, presentes de Luiz XIV, os chefes da Ordem viviam com o fausto de soberanos. Cercado de intrigas, rodeado de ambiciosos, carregado de titulos e de honras, o grão-mestre, diz um viajante da epocha, não faz senão caminhar para o tumulo e os seus mil irmãos, na esperança de succeder-lhe, acham-n'o sempre vagaroso, exprobram-lhe o occupar por tanto tempo um logar a que todos têm o direito de aspirar.

Quem visita a sumptuosa cathedral de Malta, quem pisa aquelle pavimento de mosaicos de marmores preciosos recobrindo os jazigos da fina flôr da nobreza europea, cujas armas, divisas e appellidos lêm-se nos epitaphios, sob a nave em que o grande estylo de Mathias Preti, o Calabrez, retraçou a vida de S. João Baptista; quem visita as capellas das nações onde erguem-se, de marmore e de bronze, os monumentos dos grão-mestres e vê as lampadas ardendo detraz da grade de prata massiça, póde, por momentos, acreditar que a Ordem ainda existe que da sacristia vai

sahir a procissão dos Cavalleiros, de habito negro, apoiando a mão, que emerge do punho rendado, nos cópos da fina espada, todos elles revestidos da tunica escarlate e tendo ao peito a grande cruz branca de pontas recortadas.

O throno do Grão-Mestre está no seu logar, sob um vasto docel; mas, no grande damasco vermelho que encobre a parede, ostentam-se, bordadas a ouro, as armas da Inglaterra protestante e mercantil.

Quando os turcos tomaram Rhodes, o sultão Solimão, ao vêr o velho de l'Isle Adam rodeado dos poucos cavalleiros que sobreviveram ao assedio, feridos, acabrunhados pelo soffrimento, com as vestes rotas, as armaduras em pedaços, disse com lagrimas nos olhos: — Tenho pena de obrigar este velho a deixar a sua casa!...

Quando Bonaparte, de passagem para o Egypto, desembarcou em Malta, a Ordem, desfez-se como que por encanto; os francezes apoderaram-se, sem dar um tiro, de uma das primeiras praças fortes da Europa; o Grão-

Mestre Hompesch capitulou, cedeu tudo; os cavalleiros não resistiram, embarcaram á pressa, só mostrando o empenho de levar alguma alfaia de valor. Isto explica-se pelos tresentos annos que medeiam entre Solimão e Bonaparte. Bastou um sopro para derribar uma instituição de outra idade que mantinha-se porque se haviam esquecido de atiral-a ao chão.

A Ordem de Malta de hoje só tem uma significação honorifica. O grão-mestre vive em Roma; nos onze mil quartos do Vaticano, nas suas escadarias, nos seus pateos, nas suas galerias e capellas — e só n'esse palacio que é hoje o unico e esse mesmo contestado reino temporal do Papa — o Grão-Mestre é tratado com as honras de um soberano. Quando o Papa pontifica na Capella Sixtina, quando entra trazido na Sede Gestatoria e é pousado dos hombros dos suissos nos degràos do altar, elle enfrenta com o Grão-Mestre de Malta, occupante unico da tribuna destinada aos soberanos. O Papa — entre nuvens de incenso, cercado dos cardeaes, na atmosphera de todas as adorações e o Grão-

Mestre — tratado como um rei — podem ambos ter, por instantes, a passageira illusão da soberania n'este mundo. Algumas tunicas vermelhas de cavalleiros, da edição barata contemporanea, destacam-se na assistencia. Mas está claro que elles, dignos cavalleiros d'este seculo, não só não offereceram á religião um *braço ás armas feito*, como tambem não prestaram a quadrupla prova *testemunhal, local, litteral* e *secreta* da pureza da sua fidalguia em dez gerações, nem demonstraram que « por si ou por seus ascendentes nunca exerceram officio de commerciante, nem foram banqueiros, agentes de cambio ou caixeiros, nem teveram loja ou negocio de pannos, de sedas, de lã, de grãos ou de outra qualquer cousa (1). »

Por muito poucas mil liras em Roma, qualquer pessoa de gravata mais ou menos lavada póde, derramando o seu dinheiro pela vaidade, como os cruzados derramavam o sangue pela Fé, considerar-se successor dos heroicos hospitaleiros. Em geral, estes recru-

(1) Estatuto de 1588.

tas são estrangeiros abastados, ás vezes boas pessoas, que juntaram no commercio a fortuna ou descendentes de sujeitos que cuidaram de arranjar-se bem, emquanto os cavalleiros de Malta aprisionavam corsarios e devastavam as costas barbarescas. E o curioso é que esses senhores acabam convencendo-se da seriedade da sua nobreza; o que admira é que elles, ao ouvirem a igreja, nas suas ladainhas, implorar soccorro do céu contra o *furor dos turcos*, não partam para Jerusalem, brandindo as armas heroicas dos seus avós,— o covado ou o páu de vassoura.

Elles não partem, mas a esquadra de Sua Graciosa Magestade a Rainha de Inglaterra, Defensora da Fé, parte de Malta, do baluarte da Christandade para o Archipelago e não vai bater os infieis : vai conter os christãos gregos no seu ardor contra o Grão-Turco.

A Europa christã vai, mais uma vez, impedir que se offusque de todo o astro da fortuna musulmana que já não é o crescente victorioso, mas está na decadencia de um quarto minguante.

Como o judeu Beaconsfield salvou em

1877 o Grão-Senhor das garras do Czar christão da Russia, o christianissimo e philhellenico Mr. Gladstone defende-o agora contra as reivindicações christãs e panhellenicas da Grecia.

E em Malta, as armaduras dos cavalleiros não tremem nos seus pedestaes junto ás columnas da galeria illuminada. Ouve-se a musica do baile do governador inglez; os valsantes torvelinham ao redor dos cavalleiros. Nos braçaes de ferro que apertam á couraça a longa lança, no gradeado das viseiras, nas manoplas escamosas, os dançadores dependuram as prendas do *cotillon*.

O EGYPTO

—

DE MALTA A ALEXANDRIA.

N'esta viagem, a minha primeira impressão egypcia foi o vapor, aliás inglez, em que embarquei de Malta para Alexandria. Tinha elle o nome de *Nepthys*, uma das deusas a quem os rituaes funerarios dão funcções de assistente e conductora das almas na região do abysmo. A *Nepthys* que encontrei transportava sobre o Mediterraneo os corpos, as bagagens e de certo tambem as almas dos passageiros que haviam confiado as suas pessoas á Moss Company, de Liverpool; tinha a fórma sem elegancia de um vapor mercante, feito de ferro pintado de preto, soltando pela chaminé branca grossos novelos negros que, á sahida

do porto, destacavam-se, afastavam-se, dissipando-se no fundo illuminado do occáso.

Passámos junto da ultima fortaleza do porto e n'esse momento estrondeou-nos aos ouvidos um tiro de canhão, repercutido nas elevações visinhas; umas meninas inglezas que, da tolda, dirigiam os binoculos para outro lado, deram gritosinhos de susto, seguidos de gargalhadas. Atravez da nuvem de fumaça branca que rasgava-se nas ameias, vimos a bandeira ingleza cahir do alto mastro, como, no abater do vôo, um grande passaro vermelho. Dous soldados, vestidos de encarnado, perfilaram-se na bateria; um resto de sol fez reluzirem as cornetas que embocaram e por algum tempo, ouvimos as notas prolongadas, lentas, tristes como a dilaceração da saudade, em modulações sonoras, repetidas, attenuadas no echo distante, espraiadas e desfallecidas no ar, fundidas e desfeitas nas ultimas irradiações luminosas que, empallidecendo, apagaram-se na lividez do céu e no azul sombrio e logo ennegrecido do mar.

O canhão e as cornetas haviam annunciado o fechamento do porto militar por toda a

noite. A massa negra da terra fugia depressa pela pôpa; os pharóes e as luzes das baterias pareciam uma constellação agrupada no horisonte, immergindo n'agua.

Os passageiros do *Nepthys* receberam os embarcados em Malta, como se estes fossem verdadeiros usurpadores insolentes que vinham diminuir-lheso conforto da viagem. Uma ingleza gorda levantou ruidoso conflicto com o *purser*, estonteou por todo o vapor e cercada dos filhos, teve cacarejos de gallinha atacada em seu ninho, tudo porque o accrescimo de passageiros importou em duas crianças della serem excluidas da mesa commum. O inglez que, por minha causa, havia perdido o uso do beliche superior, onde installára a caixa de chapéo, o grosso feixe de bengalas e guarda-chuva, jornaes e *magazines* e um estojo de espingarda, olhou-me cheio de odio e conservámo-nos, durante toda a viagem, n'uma paz armada e provocadora muito visinha de um estado de franca hostilidade.

No dia seguinte, continuou o máu humor geral; a ingleza arriscou, á mesa do *lunch*, nova tentativa de installação dos pequenos.

Diante da intervenção energica do commandante, resignou-se aquella mãi extremosa, verdadeiro-typo da baixa burguezia ingleza, classe a que pertenciam os restantes passageiros.

Esta classe é uma execravel variedade da especie humana. Na Inglaterra, ella póde, pelo seu trabalho, ser uma causa poderosa do enriquecimento nacional; póde, pelas suas virtudes pouco amaveis, manter a liberdade publica e o conjuncto de ficções e compromissos vulgarmente chamado — a pureza do systema representativo — cousa tão grata á eloquencia das opposições parlamentares em todos os paizes; póde manter tudo isto, e em viagem o collarinho de papel, mas será sempre pura e simplesmente odiosa. Sem a intelligencia do norte-americano, sem têr delle espirito progressivo, o inglez vulgar vive saturado de preconceitos, de rotina e de orgulho e o seu egoismo não sabe amenisar-se, disfarçando-se, como o de todos nós, nas variadas relações da vida .O inglez d'essa classe leva ás ultimas consequencias o *desideratum* commercial de obter a maior somma possivel de

bens pela menor somma possivel de dinheiro; considera um abuso não lhe ser dado sempre o primeiro e o melhor logar; uma demora n'um caminho de ferro, um atrazo n'um vapor, cousas que o resto dos homens considera apenas contrariedades, tomam aos olhos d'esse inglez as proporções de attentados horriveis se incommodam Mr. Jones ou Mr. Brown.

Na mulher, este estado mental, hereditario e organico, pela justa influencia do moral sobre o physico, aniquila os encantos do sexo. A graça, a elegancia, são-lhe desconhecidas; o vestuario masculinisa-se, os pés adquirem o peso e o volume das patas ferradas universalmente afamadas; o peito, que achata-se ou então avulta em lamentaveis desmoronamentos, não deve cobrir um coração: o amor materno é n'ella um fogo igual ao as machinas de incubação artificial premiadas nas exposições — enche o lar de crianças louras, com a precisão insensivel da incubadora *patended*, despejando ninhadas dos gavetões aquecidos.

A ingleza gorda vivia a bordo dando pequenos gritos, toda entregue ao trabalho de arrebanhar a familia, que, ao menor descuido, dis-

persava-se pelo vapor. Quando estirava-se na sua poltrona de bambú, começava uma leitura plangente de umas historias monotonas de uns livros illustrados e todos dourados, emquanto as crianças bocejavam ou estorciam-se de impacientes; de vez em quando tomava a mulher ares melancolicos, abria a bocca, começava a emittir uns sons desentoados entrecortados de suspiros e sublinhados por um mostrar de dentes amarellos, por um revirar d'olhos azues, cousas que entre inglezes são o indispensavel acompanhamento do sublime musical: a pobre creatura convencia-sa muito sériamente de que cantava. A certa hora do dia, os pequenos reuniam se ao redor do bule de chá fervendo sobre a mesa do salão e depois subiam para a tolda, uns tangidos pela mãi, outros menores, agarrando-se-lhe ao vestido, todos com as boquinhas cheias de pão com manteiga e de marmellada.

Durante um dia appareceram á vista os areaes vagos e distantes da costa africana.

A's oito horas da noite seguinte appareceu o pharol de Alexandria; o vapor moderou a marcha, passou por diante do porto, vimos

depois as luzes de Ramleh, o povoado das visinhanças da cidade, onde os estrangeiros têm as suas vivendas de campo; em pouco tempo estavamos nas aguas celebres de Abukir; o *Nepthys* seguiu lentamente, retrocedou, fez-se ao largo á espera do dia e ao amanhecer, depois de embarcar um pratico, entrou no porto, passando entre as boias vermelhas que balisam os baixios.

A perspectiva nada tem de pittoresca; a terra é chata, despida de vegetação o as construcções sem caracter. Difficilmente o olhar descobre um minarete, uma palmeira nas bordas da cidade e a imaginação tem o prazer de saudar estes classicos ornamentos das paizagens orientaes. Mas a côr local logo salta aos olhos, invade o vapor, inunda-o, sob a fórma de uma nuvem de carregadores e remeiros, homems de rostos que seguem a gradação chromatica do moreno claro ao negro azeviche. Nos escaleres, nos portalós, no convez, elles fervilham na confusão dos seus trajos variegados, offerecendo os seus serviços em altas vozes, n'um palavreado formado de todas as linguas.

Quando o passageiro pisa os grandes degráus de pedra do cáes, inundados das ondas que batem nas aréstas, pedra a que o viajante eloquente costuma chamar a *terra do Egypto*, sente um grande allivio, libertando-se da algazarra de bordo. Diante d'elle seguem os carregadores levando a bagagem; dão alguns passos e estacam junto a uma grade. E' a entrada da alfandega, onde ao forasteiro é revelada a grande palavra magica que, no Oriente mysterioso, abre todas as portas, levanta todos os obstaculos; palavra que elle ha de ouvir e pronunciar milhares de vezes durante a sua peregrinação, um vocabulo que exprime toda a aspiração actual da sociedade musulmana; palavra terrivel porque representa a vingança do crente contra o infiel, do Corão contra o Evangelho; é a intimação — paga ou soffre! — substituindo o antiquado — crê ou morre! —; é a circumcisão forçada na bolsa, em vez da outra que o Propheta ordena — é, emfim, a palavra BACHICHE. E' a gorgeta, o *pourboire* francez, o *trinkgelt* allemão, a *mancia* italiana, generalisados das cousas menores da vida diaria até ás maiores pro-

porções. *Bachiche* tanto é a esmola de uma minuscula peça de bilhão como o dom de uma fortuna feito a um ministro em troca de um favor.

Um interprete, accumulando funcções de criado, com o titulo de *drogman*, esperava-me em Alexandria. Ao desembarque, foi elle perguntando os nomes dos passageiros que iam saltando; logo que descobriu-me, offereceu-me toda a sua dedicação. Era um vistoso sujeito, trajando á oriental e bem fallante; o primeiro serviço que prestou me, foi na alfandega, dar por minha conta um *bachiche* ao empregado incumbido da visita; o funccionario, abotoado n'uma sobrecasaca preta, tendo á cabeça a *tarbouche* vermelha de pequena borla azul, empolgou uma moeda, comprimentou attenciosamente e marcou a giz as minhas malas.

A garatuja branca custou pouco e garantiu a livre entrada da bagagem, sem as delongas de um exame.

No pateo do hotel, entre umas larangeiras empoeiradas plantadas em tinas, junto a umas mesas de ferro, individuos afogueados, inglezes

e allemães, ás 8 horas da manhã, bebiam grogs e cerveja, fumavam e com gestos de extenuados, enxugavam as fontes suadas.

Na sala de jantar, escurecida por espessas cortinas verdes, um criado, de casaca preta e gravata branca, servia de chá, de fatias de pão negro com manteiga e de colheradas de mel, uma familia americana que fortalecia-se com o primeiro almoço para as fadigas do dia.

O viajante cansado de uma travessia não lembra-se de notar quanto tem de banalmente civilisado este primeiro aspecto do Egypto e não é, com certeza, nas antiguidades pharaonicas que elle pensa, mas no comforto do banho que o espera, quando, apartando o complicado cortinado que encerra inteiramente a pequena cama de ferro, atira-se o coitado sobre as molas de um enxergão aperfeiçoado, vindo de Londres ou de Pariz.

ALEXANDRIA

O nome de Alexandria é um dos que mais soam na historia do mundo; remonta ao seu heróe fundador a prosapia d'esta cidade. Nenhuma outra póde, orgulhando-se de uma historia illustre, como observa um viajante, jactar-se de ter sido creada pro Alexandre, defendida por Julio Cesar e tomada por Napoleão. As legendas poetisam a sua origem: Homero apparece em sonho ao filho de Philippe aconselhando-lhe a construcção da cidade na região Canopica do Egypto, em frente a Pharos; o architecto Dinokrates dá-lhe a fórma de um manto macedoniano e assignála-lhe a projecção das ruas, as linhas das praças, fazendo-as traçar sobre o solo com a farinha a mais fina e os passaros, achando n'esta alimento, adejam entre os obreiros, como que celebrando na fartura o prenuncio da prosperidade de Alexandria.

Os historiadores e os geographos extasiam-

se diante do genio do conquistador na escolha do local da sua cidade; notam a posição do porto, livre do entulhamento causado pelas correntes do Mediterraneo carregando de oeste a leste as areias do Nilo que obstruiram Gaza, Ascalon, Sidon e finalmente Tyro que Alexandre esmagou e quiz substituir pela nova cidade como cabeça de um novo poder maritimo. Consideram esta o traço de união genial entre a Asia e o mundo grego, uma vasta porta communicando a civilisação hellenica com o antigo Egypto, o emporio de todos os traficos, o ponto de reunião das raças, o crysol em que o conquistador quiz operar a fusão das cem nações do seu imperio.

O destino de Alexandre não era o de presidir em vida ao crescimento da sua cidade; o enorme concurso dos gregos que n'ella immigraram, deu-lhe um crescimento rapido de que temos exemplos modernos nas cidades americanas. Era ella a metropole dos gregos, quando recebeu o corpo de Alexandre morto em Babylonia e trazido até Alexandria n'um immenso carro funerario que avançava lentamente á medida que um exercito fazia-lhe

praça, abrindo a estrada, construindo pontes, arrazando collinas, deseccando pantanos e subjugando, em batalhas, povos inimigos.

O cadaver do conquistador, disputado como a sua successão, entre Perdiccas e Ptolomeu, ficou em poder d'este pela victoria N'um ataúde de ouro massiço que mais tarde um rei substituiu por um de vidro, o corpo foi depositado no Sôma; mas, no fim de alguns seculos, desappareceu, dissipado n'um incendio ou perdido nas ruinas, durante as tormentosas vicissitudes da cidade. O Sôma chama-se hoje Kom-el-Demas, isto é—collina dos sepulchros — e ahi vêem-se algumas casas miseraveis e sordidas. A gente recorda-se, ao olhar para aquellas paredes meio esboroadas, de Hamlet considerando o fim de Alexandre e de Cesar desfeitos em barro, reduzidos a um punhado de terra que, depois de haver dominado o mundo, serve para tapar o rombo de um muro e impedir a passagem do vento do inverno.

Restam poucos vestigios da velha Alexandria, mais nova do que Athenas, do que Roma e cidade moderna comparada ás antiquissimas

capitaes egypcias. Na epocha da grandeza da cidade, um isthmo artificial juntou a ilha de Pharos á terra firme: n'esta estreita fita de sólo, alargada pelos destroços accumulados, está construida grande parte du cidade contemporanea.

Nos areaes que cercam Alexandria, nas suas praias desertas, os guias indicam a situaçao dos edificios antigos construidos pela raça singular dos Lagidas, gregos transformados em soberanos á moda asiatica e conservando da sua origem o amor da arte e da sciencia, em cuja historia occupam grandissimo logar os monumentos que levantaram. E' symbolica a luz que elles mantinham na torre maravilhosa de Pharos que deu origem á palavra *pharol* e foi a primeira tentativa regular de illuminação das costas. A bibliotheca onde juntavam-se e reeditavam-se todos os escriptos, devia ser para o pensamento o que era a cidade para o commercio, o ponto de confluencia das idéas, como o emporio maritimo era o da juncção dos povos, o élo concatenando as tradições pelo ensino e pela critica, quando, na apparente confusão da activadade commer-

cial, o poderoso fundente do interesse originava a solidariedade commum.

A civilisação grega, transplantada para outro meio, para um theatro novo e de proporções desmedidas, comparadas ás do campo onde haviam desabrochado as suas creações, prevaleceu por ser a mais adiantada, no concurso em que teve de luctar com as influencias asiaticas. A cidade dos gregos, edificada no Egypto, não foi asphyxiada pelo povo que, havia dezenas de seculos, erguêra, com a Grande Pyramide, o symbolo da propria impassibilidade.

Pela supremacia historica da intelligencia a Grecia, que era o movimento, devia impor-se ao Egypto, que era a immobilidade.

Os contornos de Alexandria figuram no mappa do Egypto como os de um sello indelevel estampado n'um velho papyro sacerdotal; encravada na civilisação egypcia, ella foi uma farpa que, mettida no flanco do boi Apis, devia fazel o sahir da solemne attitude hieratica, como o dardo que antes Cambyses havia arremessado ao quarto trazeiro do Deus.

Entre invasores e invadidos impoz-se um compromisso: os gregos humanisaram um pouco as divindades egypcias, admittiram-n'as entre os deuses nacionaes, já então na phase em que eram, para um povo de philosophos, symbolos poeticos ligados a tradições e immortaes muito mais pela arte do que por essencia; os egypcios puzeram o *pschent* pharaonico á cabeça de Alexandre e adoraram convictamente os Ptolomeus, como mais tarde deviam fazer com os Cesares romanos.

Mas se Alexandria foi grega, nunca foi atheniense. Faltou-lhe sempre a liberdade; a eloquencia foi apenas um bello ornato das controversias do Museu; o mau gosto asiatico alterou, á força de requintes de linguagem e de floreios, a litteratura e a arte; a Grecia teve, segundo a expressão de St. Victor, o seu *rococo*, o seu estylo Pompadour, n'uma epocha em que os *poetæ minores*, formigando na côrte dos Ptolomeus, compunham versos para uma musica de serralho, propria para vozes de eunuchos. A architectura, transplantada d'aquella quadro ideal, que limitam os

contornos do Hymetto e do Pentelico e o campo azul do mar Egeu, perdeu o seu caracter de uma medida e harmoniosa grandeza, perdendo-se o segredo do pendor apenas sensivel das columnatas, da curva imperceptivel aligeirando a imponencia das linhas.

Os edificios descriptos pelos antigos e cujos alicerces revolvidos são hoje causa de contendas entre os archeologos, não tinham a perfeita e suprema belleza dos monumentos da Acropole; em vez de erguerem propyleus, como os do Parthenon, que, no dizer de Plutarcho, tinham o brilho da mocidade, como se um sopro divino, animando-os, désse-lhes uma alma immortal, os gregos Alexandrinos levantaram, em frente dos novos templos, obeliscos antigos, transmudados das margens do Nilo.

Esta transformação da architectura exprime a da politica e da sciencia. A tyrannia recebida e implantada foi adorada pelo sacerdocio e elogiada pela corporação de rhetoricos que ella alimentava, vestia e alojava, com a regia magnificencia com que mantinha tambem collecções de animaes raros. A eloquencia que

endeusava os Ptolomeus nas orações do Museu, não era a mesma que do Pnyx fulminava os tyrannos.

O espiritualismo livre, ensinado nos jardins de Academus, sob os porticos dos vastos monumentos ptolomaicos, na floresta de columnas, que nada lembrava a sombra rara das oliveiras atticas, sentiu-se abafado sob as architraves, enredou-se nos motivos complicados da ornementação profuza, impregnou-se de odios nas luctas de partido que agitavam as basilicas. A critica grammatical teve a sua idade aurea; a lingua foi trabalhada, refolheada, burilada, como o marmore, como bronze. Os geometras, seguindo com os olhos as linhas combinadas na architectura dos palacios, descobriam novos theoremas; os estrangeiros que affluiam no mercado, traziam com os productos dos seus paizes, noticias de suas patrias remotas que os geographos coordenavam nos seus systemas do mundo e os astronomos, observando, no ceu sempre limpido do Egypto, o caminhar dos astros, descobriam-lhes leis regedoras.

Essa phase de Alexandria foi mais de accu-

mulação de idéas até essa época emittidas, do que um periodo creador. A antiguidade teve o instincto da approximação de uma éra nova, e quiz dar balanço ao saber humano. D'ahi a associação dos sabios e a formação da bibliotheca famosa incendiada no tempo do Cesar, reconstituida por Cleopatra e dispersa ou destruida no ardor das luctas civis e religiosas posteriores. A essa bibliotheca está ligada uma das calumnias historicas mais conhecidas; o lenda dos banhos publicos aquecidos durante seis mezes com o combustivel litterario e scientifico de 500,000 volumes é de uma falsidade provada: não foram os arabes fatalistas os destruidores da bibliotheca; foram — primeiro, o lettrado e admiravel commentador da Guerra Gallica e depois os theologos sectarios, cabeças de motins sanguinosos, casta que substituiu a dos philosophos especulativos.

O unico monumento sobrevivo do florescimento grego de Alexandria é uma columna gigantesca e esbélta, resto do Serapeum, chamada, sem razão alguma, Columna de Pompeu. O talhe adelgaçado e elegante do alto

fuste monolithico, o lavor confuso, imperfeito e pretencioso do grande capitel corinthio, a base brutal, symbolisam a arte grega entre a pompa asiatica e a pesada grandeza dos egypcios.

Ha poucos annos, um obelisco elevava-se junto do mar e outro jazia prostrado na praia Pelo privilegio que têm os nomes afamados de ser sempre ligados, ainda que sem verdade, aos logares que illustraram, a columna do Serapeum é de Pompeu mais por ter o rival de Cesar encontrado a morte no Egypto, do que por uma mutilada inscripção da base, que no monumento tem gravada a dedicatoria de um prefeito obscuro de igual nome; aquelles obeliscos pharaonicos eram chamados *Agulhas de Cleopatra,* só porque ella, mandando trazel-os do Heliopolis, ergueu-os em frente ao templo que consagrou a Julio Cesar divinisado.

Esses obeliscos desappareceram; um está ennegrecendo hoje nas margens do Tamisa, tiritando, nostalgico, lembrando-se dos raios quentes do sol africano; outro, comprado e transportado por uma subscripção de millio-

narios norte-americanos, está hoje sobre uma pequena elevação de Central Park, em New-York. Foi preciso o prestigio sobrenatural de um Pharaó sobre o seu povo, para escravisar o exercito de obreiros que arrancou das pedreiras de Syena a grande massa de granito rosado e transportou-a pelo Nilo; os dollars accumulados de uns chouriceiros de Cincinnati bastaram para fazer o obelisco atravessar o Atlantico e mostrar aos Yankees as quatro faces de hieroglyphos entalhados.

A columna chamada de Pompeu está talvez á espera de partir um dia para Chicago ou para S. Francisco. Lá hade ella recordar-se do que viu no Egypto; a affluencia de todas as raças, de todas as linguas e de todas as religiões, hade lembrar-lhe a velha Alexandria. As mil seitas com os seus templos, as suas congregações, hão de parecer-lhe, com outros nomes, as mesmas heresias, as mesmas confissões do tempo antigo, porque o poder da aberração humana é limitado, reproduz-se na historia, mas já não póde inventar. Sómente na America a commodidade da vida é demais apreciada para consentir o povo n'outra guerra

de proselytismo a não ser a das brochuras e das conferencias com exclusão da matança e do exterminio. E os chefes de seita, terminando as suas prédicas, em vez de partirem para alguma Thebaida, ou de, á frente de sectarios armados de fachos incendiarios, atacarem as moradas dos adversarios, como fazia-se na cidade de Alexandre, no tempo das lutas religiosas, tomam o comboio rapido para as suas *cottages* e accendem apenas sobre a mesa o fogareiro onde ferve o chá pacifico da familia.

As agitações religiosas de Alexandria deviam terminar só ao succumbir a cidade e esta devia perecer sob a influencia semitica. Alexandre destruiu Tyro ; com a pressurosa humildade que têm sempre diante da força, os judeus submetteram-se ao seu podêr e os arabes quasi que não foram percebidos pelo conquistador. Mas á raça tenaz estavam reservados destinos vingadores de tanto opprobrio. O judaismo infiltra-se em Alexandria ; o christianismo apparece no Egypto, depois de extincta a dynastia grega dos Ptolomeus ; perseguido, cresce até que, dominador, persegue,

fracciona-se, desfazendo o odio a união que o soffrimento fortalecia. Ha então um fermentar de heresias e na dilaceração das seitas tudo perece pelos rancores religiosos, explosindo nas epilepsias da raiva sagrada. Os concilios succedem-se aos concilios, os imperadores perseguem os patriarchas, a vingança aconselha morticinios e ruinas. Não ha mais memoria do pacifico floreio oratorio dos mestres do Museu; o saber, que se havia transformado em pedantismo, tomou uma nota tragica: o golpe do assassino é a consequencia de um syllogismo theologico e o gemido da victima é a citação de um texto.

Alexandria transformou-se n'um inferno na epoha em que Hypathia, por ensinar a doutrina de Platão, foi estraçalhada pelos fanaticos: se S. Jeronymo vio-se, em sonho, açoitado pelos anjos pelo peccado de lêr Cicero, os christãos alexandrinos, que não eram anjos, sacrificaram a mulher, dando assim ao paganismo uma martyr philosopha, como a Santa Catharina christã. Quem lê a historia da theologia, sente ás vezes uma obsessão diabolica e afinal um bem estar perverso, quando vê che-

gar a invasão musulmana, no Egypto o ultimo e triumphante ataque dos semitas, quando ouve o galopar dos cavallos da Arabia e quando vem o ismaelita, com a inflexivel simplicidade de idéas do homem do deserto, crendo que Deus é Deus, impôr um só Deus ás almas que tantas seitas disputavam ou decepar de um só golpe de alfange as cabeças e as sentenças.

—

Nos destinos modernos de Alexandria estava o de ser, ainda ha poucos annos, theatro de novas mortandades. Depois da conquista musulmana, o que restava da cidade foi desfazendo-se aos poucos; no fim do seculo passado não havia mais de 5.000 habitadores do local antigo de Alexandria; logo depois de terminado o breve dominio francez, ella viu ligada a sua sorte á de Mehemet-Ali.

Aquelle homem curioso e que tem um accentuado caracter de grandeza, praticou actos chamados crimes em nossa linguagem occi-

dental, mas que no Oriente, onde outra raça e outras idéas impõem diverso ponto de vista, não eram senão meios usuaes de governo. Foi d'elle a idéa de ligar Alexandria ao Nilo pelo grande canal Mahamoudieh; diz-se que vinte mil pobres fellahs dos recrutados e forçados ao trabalho, á moda dos antigos Pharaós, pereceram nas obras do canal. Mas a agua doce foi trazida a Alexandria, quasi que privada d'ella depois que os inglezes, por tactica de guerra, romperam o dique que separava o mar do lago Mœris e reduziram á maior miseria toda uma região. Essa agua pareceu o elixir que galvanisou a cidade morta. O commercio prosperou; gregos, italianos, maltezes, armenios e provençaes, vieram de novo povoal-a e Alexandria contou, em breve tempo mais de duzentos mil habitantes.

Esta mescla de nacionalidades deu em resultado um povo como o que existe em todos os portos do Mediterraneo oriental: — um conjuncto vago e indeciso, christão, mas cheio de ralaxamentos e de fanatismos musulmanos, civilisado, recebendo inspirações dos centros sociaes da Europa, mas sendo sempre

pela imaginação um povo do Oriente, embora falle as linguas e tenha os trajos do Occidente, d'onde traz a actividade gananciosa que tem o talento de alliar a uma especie de indolencia voluptuosa a que o clima incita. As qualidades moraes não constituem, por certo, titulo d'estes homens, verdadeiras varreduras sociaes, alijadas dos portos europeus ao Mediterraneo e levados, com as espumas do mar, ás plagas orientaes. Os individuos d'esse povo de traficantes são conhecidos pelo nome de Levantinos.

Foi principalmente contra esses Levantinos dominantes em Alexandria, onde os consules europeus sustentavam-lhe as audacias, que os musulmanos revoltaram-se em 1882. Alguns mercadores foram assassinados, algumas casas incendiadas e dado o desconto das pretenções que a Europa tem a ser o centro da civilisação, póde-se dizer que taes factos não foram mais graves do que os que o anarchismo socialista diariamente provóca na França como na Inglaterra, na Belgica como na Allemanha.

A esquadra ingleza achava-se em frente a

Alexandria; poderia intervir opportunamente e salvar muitas vidas e propriedades.

Esperavam porém os inglezes que se accentuasse bem a inercia de toda a Europa e então, uma vez bem legitimada a intervenção britannica em favor da humanidade, as balas dos encouraçados arrazaram parte das fortificações e mesmo da cidade que os rebeldes haviam já começado a incendiar. Quando emmudeceram as baterias de Arabi-Pachá, a Inglaterra, apparentemente contrariada, fez desembarcar as suas tropas no Egypto, d'onde ellas não contam sahir mais.

Hoje, o viajante passa entre destroços de casas não reerguidas ainda, depois do bombardeio. Os inglezes são os guardas das ruinas novas e da alfandega rendosa.

A bandeira vermelha do khediva, com a estrella branca entre as pontas do crescente, ainda ondula sobre os edificios publicos; mas metro e meio de panno fluctuando ao vento nada representa diante das jaquetas encarnadas dos verdadeiros soberanos, os soldados inglezes.

Os jovens officiaes dos regimentos da Rainha

são os dominadores do paiz. Se no Sudão encontraram o Mahdi, no Egypto propriamente não têm outro adversario além do sol dardejante que tosta-lhes as frontes louras e salpica-lhes de sardas a alvura das mãos.

DE ALEXANDRIA AO CAIRO

Parece sêr cousa averiguada na sciencia que os rios desembocando nos meandros de um delta são muito mais modernos do que os rios que desaguam em estuario. Assim, ao Rio da Prata mais do que ao Nilo caberia o epitheto de velho que a este ultimo dão todos os escriptores.

A sciencia póde affirmar o que quizer mas não mudará o caracter de antiquidade inexcedida que cabe ao Nilo, o primeiro rio cujo nome as creanças aprendem nas escalas de todo o mundo civilisado.

As inundações do Nilo, a celebre phrase do pae da Historia — o Egypto é um presente do Nilo — estam na memoria de todos, ligadas ás primeiras noções recebidas sob a forma de ensino. Porisso, se os rios muitas vezes têm um caracter nacional cheio de poesia patriotica, se a Allemanha é incomprehensivel sem o Rheno, se o Danubio azul é

o orgulho da Hungria, se o Provençal symbolisa a sua vida no Rhodano impetuoso, o Nilo não somente é o Egypto, como pertence ás reminiscencias religiosas e poeticas de todo o mundo. O viajante, ao approximar-se pela primeira vez dos margens celebres do rio legendario sente uma justa emoção.

O Nilo é o primeiro dos rios. A estatua do Vaticano representa-o por um collosso deitado, coberto de dezeseis figurinhas de amoresinhos que sobem-lhe palas pernas, pendem-lhe dos hombros symbolisando as dezeseis toezas a que devia attingir a inundação.

Quanto mytho e quanta poesia! A fonte mysteriosa era o desespero da antiguidade; Alexandre (que não foi o ultimo monarcha amigo das sciencias e de fazer perguntas) perguntou logo ao oraculo de Jupiter Ammon: — Onde estam as nascentes do Nilo? Não sabe-se o que disse o oraculo; mas, se Alexandre vivesse hoje, poderia bem dispensar o oraculo dizendo-lhe que já sabia, antes que o Deus abrisse a bocca.

Bruce pretendeu descobrir as fontes de um

dos Nilos superiores, muitos viajantes viram-nas, mais de duzentos annos após os missionarios portuguezes da Ethiopia. O P^e M^el de Almeida descreve minuciosamente a região e dá della uma carta. A respeito da nascente do Nilo, admira-se do « *muito que se tem ingido sobre cousa tão pequena.* »

Sobre a carta, o Nilo figura exactamente como o tronco de uma immensa arvore esguia, como o estipe de uma palmeira. Junto ás nascentes, nas regiões ethiopicas, o tronco abre-se em braços, pequenas ribeiras representam os ramos e as florestas eternamente verdes dos tropicos a immensa folhagem que corôa a arvore. Junto ao Mediterraneo estam as raizes representadas pelos canaes enredados, pelos cem cursos d'agua em que subdivide-se o rio, terminando nas boccas por que desagua e que na antiguidade eram contadas em numero de sete.

Nos mappas coloridos do curso do Nilo, os entrançados azues ou vermelhos da complicada hydrographia do delta nilotico lembram as peças anatomicas expostas nos museus medicos. Ha grossas arterias, veias delicadas,

tenues vasos capillares superpostos, enlaçados, toda a apparencia de um systema sanguineo. E ha verdade na apparencia: o Nilo é para o Egypto a vida. Quando o sangue, abundante e forte, leva a vitalidade ao extremo do organismo, a saude floresce; quando o Nilo intumesce e as suas aguas espalham-se nas margens, os campos, fertilizados, dão colheita abundante e o anno é prospero. Na antiguidade a mais afastada, havia nas margens do rio uma construcção servindo para ser calculada a inundação, para haver certeza do momento preciso em que os canaes deviam ser abertos e rasgadas as represas dando passagem á agua fecundante. O governo dos Pharaós, como que tomando o pulso ao rio, avaliava a importancia das sangrias que elle podia supportar e a agua, que era repartida entre as differentes regiões, — aqui, era levada mais longe do que no anno anterior, ganhavam-se umas tantas geiras sobre o deserto; — alli, se a economizava, desviava-se o canal irrigador e o campo ficava esteril e secco, desta vez, como um ramo de arvore privado de seiva.

O Egypto são duas estreitas bandas de terra aos lados do Nilo. O mais é o deserto inhabitavel e indeterminado como o alto mar.

Ha dous paizes no mundo formados pelo homem: — a Hollanda e o Egypto. Em ambos, a lucta do habitante é continua, embora o trabalho seja diametralmente opposto. O inimigo nas margens do Zuyderzee e nas costas do mar do Norte é o Oceano; no Egypto é o mar de areia, cujas ondas seccas afogam como as vagas marinhas; a humidade, a inundação, que n'um paiz são o perigo, noutro são a salvação. Na Hollanda, a quantidade de terra que cada individuo podia conquistar, abrindo fóssos, canalizando a agua, erguendo diques e soltando aos ventos as azas dos moinhos deseccadores dos pantanos, era indeterminada: o Oceano estava alli na sua extensaõ sem termino. Cada cultivador arrancava-lhe um pedaço de campo, cada habitante um pequeno espaço de solo consistente para fundamento de sua casa; accrescia o patrimonio territorial da communidade, insensivelmente creava-se o paiz. Porisso o interesse individual, em toda a sua liberdade, devia ser o principal auctor da

creação humana que se chama a terra hollandeza. Desse facto de ordem physica devia decorrer a liberdade politica; a acção do governo, entorpecendo a liberdade, é incapaz dos esforços efficazes a que póde attingir a força collectiva, resultante da energia de cada um. A Hollanda não podia ser a Hollanda sem a liberdade.

Os homens apparecendo nas margens do Nilo multiplicaram-se; e não tardou o momento em que surgio a necessidade de augmentar a terra habitavel. Entre as duas cadeas de montanhas da cadêa lybica e da cadêa arabica corre o Nilo, fazendo verdejar uma estreita fita de terreno em cada margem; e depois, de um e de outro lado, só ha o deserto. Sob um sol ardente, a terra esteril, apenas humedecida, torna-se fertil. Dahi, a irrigação forçada como meio de fazer viver o habitante. As aguas do Nilo, embora caudalosas, eram comtudo em quantidade limitada. Durante certa epocha do anno, o seu volume diminue consideravelmente e se cada um tivesse o direito de, rasgando canaes, estabelecer represas por sua conta, sem

ordem e sem methodo, a empresa de fertilizar a terra tornava-se, se não impossivel, ao menos confusa e seria origem de conflictos em damno geral. O Nilo, ao contrario de todos os rios, diminue de volume á medida que se approxima da fóz; desde Kartum que elle naõ recebe um só affluente, naõ é augmentado pelas chuvas e a evaporação e os canaes irrigatorios fazem-no decrescer. Quando a inundação fazia desapparecer os confusos limites dos campos, a desordem na nova distribuição da terra parecia inevitavel. Por tudo issó, o Egypto devia forçosamente ser o paiz do despotismo; a epocha da ruptura das represas devia ser marcada pelo governo, que, sendo o proprietario unico do solo, impedia os conflictos, punindo com rigor as desobediencias. Em nenhum paiz o governo tem tanta responsabilidade da prosperidade publica como no Egypto: na Europa, o governo não póde fazer cahir a chuva em momento favoravel para as colheitas; no Egypto, se a administração dos canaes, se o serviço da irrigação não é constante e sollicito, a miseria extende-se sobre o paiz. Uma precipitação, uma de-

mora podem ser fataes; a agua de menos ou de mais é a ruina dos campos. Bonaparte dizia que, no Egypto, um bom governo era a victoria do Nilo sobre o deserto e um máo governo a preponderancia do deserto. Bonaparte, que era um espirito oriental, meditava sobre esta situação curiosa do paiz que invadia; e é possivel que elle o considerasse o paraiso terrestre dos governantes, que, como o então general da Republica, tivessem a sêde do poder sem limites.

Não é somente a religião, a tradição secular da raça que originam, no Egypto, a servidão do povo : a propria natureza exigia a concentração nas mãos do governo da maior somma de poder e de arbitrio. E' ridicula a indignação de certos viajantes que querem vêr o Egypto administrado como a Inglaterra ou a França. Certas tyrannias do governo egypcio revoltam os temperamentos sensiveis, mas os reformadores occidentaes, que ha quarenta annos são a praga do paiz, não têm melhorado o estado do fellah.

A terra pertence, na sua melhor parte, ao kediva, ao pachá ou ao bey. O fellah só tra-

balha nella como jornaleiro ou como arrendatario; se possue o terreno em seu proprio nome, os impostos são ás vezes superiores a renda.

Na parte do Delta, atravessada pelo caminho de ferro que vae de Alexandria ao Cairo, o regimen da propriedade territorial é o mesmo de todo o Egypto. A multidão pittoresca que apparece nas estações, n'um variegado admiravel de côres, de turbantes brancos, *tarbouches* vermelhas, camisolas azues, mantos negros, representa um povo de trabalhadores incansaveis e não de ociosos, como o prejuizo occidental classifica vulgarmente todo o musulmano e todo o oriental. A região mæreotica, que, logo á sahida de Alexandria, apresenta-se aos olhos do viajante, era antigamente fertil: sem recordar os vinhedos celebres que davam um vinho que Virgilio, Strabão e Horacio celebraram e que o mahometismo temperante abolio, lembra com tristeza a gente que, no começo deste seculo, dezenas de aldeias prosperas erguiam-se alli, florescendo graças a agricultura e que bastou a destruição do dique pelos Inglezes para fazer desapparecer tudo.

A agua salgada mostrou-se um alliado terrivel dos Inglezes; elles converteram num deserto uma terra que lhes foi mais facil anniquilar pela inundação salina do que vencer pelas armas.

Quando apparecem as primeiras culturas, quando o trem, a todo instante, passa ruidoso sobre os pontilhões que transpõem os mil canaes que atravessa, o olhar começa a descobrir com surpresa vastas extensões verdejantes, divididas em canteiros longos e symetricos. Este primeiro aspecto do Egypto transtorna todas as noções recebidas sobre o paiz. Onde o deserto? Onde os areaes sem fim? A paizagem parece uma paizagem hollandeza e a illusão seria completa se, abrindo um sulco negro no solo, uma charrua de madeira, puchada por dous bufalos pretos, não fosse guiada por um fellah de côr escura, cuja camisola azul fluctúa, modelando-lhe a esbelteza das fórmas.

O trem passa junto das lages brancas de um cemiterio arabe, entra numa pequena cidade, onde as casas têm um tom acinzentado e triste. Emquanto a machina arfa, renovando a

agua da caldeira, um enxame de fellahs, de negros, de Arabes enche a pequena estação, grita, agita-se, offerece á venda laranjas; mulheres, erguendo cantaros cheios d'agua á altura das portinholas dos wagons de 3ª classe, dão de beber aos viajantes. Imagine-se o contraste entre esta scena biblica e um trem expresso num caminho de ferro.

O trem prosegue e a paizagem de verdura rasteira extende-se ainda e sempre. Homens, mulheres, creanças, desde a aurora até ao occaso, trabalham nos campos. A agua das inundações annuaes não attinge toda a terra cultivada, chamada *rayâh*; as terras, ainda que elevadas sobre o rio (*Sharâhi*), necessitam de uma irrigação artificial e de adubos. Bufalos, camelos pôem em movimento grandes nóras (*sakkiehs*), cujo gemido monotono ouve-se ao longe. Filas de mulheres, de creanças carregam em cestos a terra fertilizada pela inundação, trazida para fecundar o solo privado da acção salutar da agua.

E tudo isto, ó morte das illusões orientaes! é enxergado durante a marcha rapida de um

comboio a vapor. Uma pequena falúa, de vela solta, sulca a verdura de um campo sobre a agua de um estreito canal invisivel; conduzido por uma creança, um camelo vagaroso e solemne amassa, no movimento compassado das grandes patas carnudas, os torrões negros da terra revolta de um campo e o seu longo pescoço emerge da montanha movediça das hervas ceifadas que transporta.

Este aspecto pittoresco chama o viajante á realidade. Os chapeus altos, as sobrecasacas dos companheiros do wagon, estrangeiros moradores em Alexandria que vêm passear ao Cairo, os compartimentos inglezes do comboio debalde parecem tentar convencer-me de que me acho na Europa. No meu bilhete ha, ao lado das indicações em francez, caracteres francamente orientaes; os empregados das estações, embora fallem francez, têm na cabeça a *tarbouche* caracteristica e, nos intervallos incultos do terreno, a poeira que invade o wagon e quasi nos cega e afoga é incontestavelmente poeira do deserto! E o sol, que baixava immenso sobre a planicie, escondia-se, ora entre as palmeiras, ora entre as

casas de uma aldeia; e, do outro lado, o olhar acompanhava a sombra longa e movel do comboio.

Não tardou, porem, muito o anoitecer e então a paizagem fundio-se na escuridão. Ao som da marcha do trem, misturando-se aos roncos de um gordo negociante reclinado a um canto do wagon, sob os reverberos vacillantes da lampada, era facil a qualquer o esquecer que se achava na terra dos Pharaós.

Mas o trem accelera a sua marcha. Alguns clarões passam-nos rapidos por deante dos olhos. Um silvo mais prolongado annuncia a approximação do Cairo, as luzes fugidias da estrada tornam-se mais frequentes e, afinal, a locomotiva arfante estaca junto á plataforma da estação.

Ahi — a balburdia do costume. As vestimentas orientaes já não causam estranheza, embora misturadas com as sobrecasacas pretas.

Em frente á estação está armada uma especie de feira. Muitas luzes, espelhos rebrilham nas pequenas armações illuminadas; ouve-se o *tim-tim tem-tem* dos vendedores de

limonadas batendo nos copos e o carro parte a galope para o hotel.

No Hotel Shepheard — nenhum quarto desoccupado. No esplendido New Hotel — idem. Resignação obrigada: — Hotel de Inglaterra. E' onde termino o dia e começo a minha estada no Cairo.

O CAIRO

O Delta « abre-se como um leque que no cabo tem o Cairo encastoado como um diamante. » E' de um poeta oriental esta figura, que admiravelmente pinta a posição da grande cidade egypcia.

Na historia do islamismo, o Cairo brilha com um fulgor perenne. A cidade é coéva da introducção do mahometismo no paiz: a sua fundação foi obra de Amru, um contemporaneo e um discipulo do Propheta. O general triumphante acampava nas margens do Nilo e já havia dado ordem para levantar-se a sua tenda de chefe quando disseram-lhe que sobre a tenda uma pomba havia feito o seu ninho. A tenda foi deixada para não ser incommodada a ave que havia procurado a hospitalidade de Amru e dahi o nome de *Fostat*, isto é, a *tenda*, dado por Amru á sua cidade, que depois, deslocando-se, tomou a denomi-

nação de El-Cahira, a Victoriosa, de que fez-se a nossa palavra — Cairo.

Apoz tantos seculos, a cidade, que com Bagdad compartilha os louvores dos poetas orientaes, é hoje o *rendez-vous* dos viajantes do Occidente. Se nas margens do Nilo, como nas do Tigre, passaram-se as aventuras das Mil e Uma Noites, no Cairo, de hoje, a mais phantastica maravilha que póde a gente vêr e lamentar, ao mesmo tempo, é a coexistencia da banalidade civilisada do Occidente com os restos da vida oriental.

Na praça Esbekyeh verdeja um vasto jardim europeu. Uma grade dá-lhe a volta inteira. Vêm-se extensos taboleiros de relva cortada rente, cestas de flôres rodeadas de arcosinhos de ferro pintado, alamedas tortuosas em que o ancinho traçou na arêa linhas que lembram pautas de musica, emfim todo o aspecto de um vulgar jardim inglez. E, para cumulo de desgraça, ha uma especie de kiosque onde funcciona um café cantante, que apenas se salva por ser o turco a lingua dos actores.

Nas escadas do hotel, no salão de leitura,

na sala de jantar vêm-se grupos de officiaes inglezes. A noticia da tomada de Kartume da morte do general Gordon havia chegado na vespera e a opinião, no Cairo, achava-se excitada em alto grão. Os jornaes inglezes e francezes commentavam o caso, que era objecto de todas as conversações.

O touriste, porem, não tem muito tempo para consagrar á leitura dos jornaes e dos boletins telegraphicos. A curiosidade de percorrer a cidade fal-o sahir cêdo pela manhã.

À porta do hotel ha um ajuntamento permanente; os ciceroni e os touristes discutem preços; um pelotão de burrinhos ensilhados á phantasia estaciona irrequieto na calçada. Estes utilissimos animaesinhos são os *fiacres* e os *cabs* do Cairo; os seus guias são pequenos Arabes ou fellahs de côr escura, de pequeno turbante branco e de camisola azul. Cada um puxa o seu animal, bate-lhe na anca, na grande corcunda acolchoada do arção e apregoa-lhe as excellencias: — *Sir*, *Sir*, *donkey*, *donkey good*, *donkey Wolseley!!* se o viajante é Inglez; se suspeitam-no Allemão — *Donkey Bis-*

marck!! e se é Francez — *Donkey Lesseps!!* A força, a excellencia, a nobreza de raça dos burrinhos gentis não podia ser mais pittorescamente exprimida aos ouvidos dos inglezes, allemães e francezes do que pela comparação com os seus grandes compatriotas. Como a celebridade dos Bismarck do meu paiz não chegou até ás ruas do Cairo, não pude deixar-me seduzir pelas sollicitações do patriotismo lisongeado. O meu drogman escolheo para mim e para si os dous burrinhos que lhe pareceram melhores e, seguidos pelos dous *donkey boys* e seus dous auxiliares, que a pé acompanham os burrinhos e seus cavalleiros, partimos a galope.

O primeiro aspecto do Cairo, na sua parte nova, nada tem de particular. As casas lembram as casas novas da Italia; as ruas são largas, plantadas de arvores; ha chafarizes horrivelmente europeus; e o ceu azul apresenta-se estriado dos longos fios dos telephones que atravessam o ar. Passada esta primeira má impressão, começa o olhar a descobrir quadros encantadores de origina-

lidade. Nos quarteirões antigos raream os trajos europeus; apenas, de tempos a tempos, passa gravemente um funccionario todo abotoado em sua sobrecasaca preta, levando á cabeça a *tarbouche* encarnada e parecendo uma bojuda garrafa de vinho de Borgonha lacrada de vermelho.

Os quadros desfilam rapidamente deante dos nossos olhos. Os guias da comitiva, que correm ao lado dos burrinhos excitando-os, ás vezes agarram-se ao freio, desandam pauladas nas ancas ruças do animal, que tem parte do pello rapada a navalha, formando sobre o fundo escuro da pelle desenhos variados, sóes, palmas e meias luas. E o burrinho, que no Egypto é activo, intelligente e agil, no que differencia-se dos seus semelhantes europeus, não espera as pancadas para querer deitar-se a galope, de cabeça erguida, com inesperadas fogosidades de corsel. Ás vezes, detem-se, estica o pescoço, o pello arripia-se e solta um zurro prolongado, entrecortado de soluços tempestuosos, cujas modulações cavernosas fazem tremer

todo o animal, sob as pernas do cavalleiro atordoado pela explosão musical. Terminado o zurro, o cantor volta a cabeça para os lados, como que para receber os applausos dos circumstantes, sacode festivamente a cauda e parte mais alegre e mais rapido. E o pequeno Arabe que lhe serve de conductor, para mostrar o seu zelo, dá, a todo instante, gritos, injuria os passantes que não se apartam rapidamente, finge vêr em tudo perigos para o seu *gentleman* e, levantando colerico uma canna atravessada numa viella, dá-se ares de haver salvo a vida ao estrangeiro. Cruzam-se os grupos de cavalleiros montados em burrinhos: inglezes magros, de pernas compridas, tocam com os grandes pés no chão e formam com a cavalgadura uma especie de centauro de seis patas; e uma ingleza vergasta heroicamente o seu burrinho, que persiste em atacar com coragem, a dentadas, uma carga de luzerna, cobrindo um camelo ajoelhado gravemente a uma esquina. Ás vezes, um velho arabe veneravel, de grande turbante, tendo uma immensa barba branca, apparece magestoso no fim da rua. As suas amplas

roupas descem quasi até ao chão e o vulto, com toda a apparencia de immobilidade, continua a avançar, deslizando.

Approximando-se, vê-se o apressado movimento de quatro pequenas patas e descobre-se em baixo do busto do personagem as orelhas do burrinho, que vae meneando gentilmente a cabeça num gesto de ironia quasi humana. O creado que corre ao lado afasta apressado um cego que, apoiado n'um bastão, caminha pela rua e o patriarcha segue impassivel e solemne.

Surge um homem curvado, levando ás costas um animal morto. Com uma das mãos agarra-lhe uma das patas. e desse animal cahe um pequeno fio d'agua que, aos movimentos do homem, vae esboçando uns *oitos* sobre a poeira. O animal é apenas o couro inteiriço de um porco, cheio d'agua do Nilo; é destinado a irrigar a rua e a conter a agua que o pittoresco aguadeiro distribue numa taça de metal aos passantes sequiosos.

De repente, ouvimos uns gritos e sobre nós avançam dous sujeitos correndo, vestidos de

jaquetas bordadas a ouro e de uma especie de immenso saiote branco. Da cabeça pendem-lhes grandes borlas azues, ornando-as tarbouches encarnadas. Esbaforidos, mas sempre correndo, brandem varas, com que afastam os passantes indolentes. São os *saïs*, genero de batedores que, a trote largo, correm adeante dos carros dos grandes personagens. Atraz delles vêm uma pesada caleça, que leva repetidos solavancos nas pedras desiguaes da rua e que puxada por dous cavallos soberbos transporta um *harem*. Vê-se atravez da abertura da cortina mal descida uma massa confusa de sedas pretas e lustrosas e de alguns veus brancos, servindo mais para mostrar do que para esconder uns olhos pretos, muito grandes, no centro de umas aureolas de pintura. Outras mulheres, montadas á masculina, com os joelhos altos, todas envoltas em mantos de seda preta, passam rapidamente cavalgando burrinhos; sobre o arção vêm-se as mãos cruzadas, mostrando as unhas amarellas, pintadas de *henné*; e aos lados da cavalgadura os pés calçados, ás vezes, de chinelas

bordadas, ás vezes de jaspeadas botinas Luiz XV.

A porta de uma casa apresenta-se ornada de palmas e de folhagem. Um vasto toldo de côr viva extende-se para a rua, que até ao meio é coberta de um tapete. Ha na habitação um casamento ou a cerimonia da circumcisão, que equivale ao baptizado. Dahi sahe o cortejo acompanhado de musica, tambores e flautas e, hoje, já de vez em quando, de uma banda de musica á europea. O transito interrompe-se: e uma longa fila de camelos carregados de mercadorias estaca na rua; os conductores sobem sobre as soleiras das portas para vêr melhor e os camelos, passando por cima do povo os pescoços compridos, parecem olhar com curiosidade a festa, batendo com a cabeça o compasso da musica estridente.

Para todo estrangeiro, uma das mais seductoras attracções do Cairo são os bazares afamados.

No quarteirão, onde estam estabelecidos esses bazares, as ruas são mais estreitas do que em outros pontos da cidade. As casas não

são muito altas, mas têm todas o segundo pavimento saliente para a rua, grandes janellas gradeadas, excedendo da parede; um vasto panno extendido de um lado a outro, ás vezes uma esteira ou uma especie de ponte de taboa garantem os bazares dos raios do sol. Ha uma sombra suave e uma frescura deliciosa, depois de um passeio pelas grandes ruas largas do Cairo moderno, macadamizadas ou calçadas de parallelopipedos e que reverberam a luz crua e o calôr intenso. O solo conserva-se um pouco humido das irrigações frequentes e o pé assenta agradavelmente sobre o chão fresco do corredor, que prolonga-se sombrio, agitado pelo rumor dos passantes e dos compradores, illuminado bruscamente, em certos pontos, por um raio vivo de sol, que penetra por uma aberta e na extremidade, pela luz que reflecte o branco afogueado do muro de uma casa. Cada negociante está estabelecido no pavimento terreo, num pequeno compartimento todo occupado por um estrado recoberto de uma esteira ou de um tapete e sobre esse vêm-se, ás vezes, um divan, coberto de coxins amontoados. A pequena loja não tem portas

nem janellas; para o lado da rua é inteiramente aberta. Uma pedra ou um degrão de madeira facilitam o accesso do estrado. O mercador convida sempre o passante a subir e, se é um estrangeiro quem se approxima, extende-lhe a mão, agarra-o quasi, para fazel-o entrar em casa e em negocio sobre algum dos artigos expostos á venda. Aqui naõ ha no arranjo das mercadorias o artificio parisiense; não se conhece a sabia combinação de côres, que dá mais realce á fazenda. Extendidos no chão, os objectos do negocio estam confusamente espalhados ou mettidos numas toscas prateleiras de madeira. Ordinariamente o negociante é um velho de longa barba branca, gordo e muito polido, antes de fazer-se a compra; apenas entra o freguez, um negro, que faz funcções de caixeiro, vem com uma pequena salva e serve café fumegante numas pequenissimas chicaras mettidas em pequenos vasos de filigrana, da fórma dos usados para os ovos quentes. O café, servido com o pó, fervendo e espumando como chocolate, é o café sem assucar, feito á turca, preparação que, a principio, repugna mas que a-

final acha-se saborosa. Ás vezes, com o café vêm sorvetes e sempre longos cachimbos, que enchem a loja de fumo e que o viajante europeu recusa quasi sempre, se não tem grande enthusiasmo pela côr local e se tem repugnancia pelas boquilhas de ambar que servem para todos os labios. Então começa o negocio; o visitante deixa-se tentar por qualquer objecto; pedem-lhe tal preço; o *drogman* tem sempre uma tendencia a achar o preço, senão barato, ao menos justo. O viajante, porem, já conversou com os Europeus que residem no Cairo e sabe da alliança sempre existente entre o *drogman* e o mercador do bazar. Offerece metade do preço pedido, ás vezes um terço. Indignação do negociante, que atira de lado o objecto em questão; o viajante levanta-se para sahir e já está na rua, quando ouve um chamado; volta e o negociante, com ares de um martyr sacrificado, embrulha o objecto e entrega-o pelo preço offerecido. Esta scena é infallivel.

Nos bazares não ha promiscuidade de negocios. As differentes especialidades agru-

pam-se distinctamente de um lado ou num canto á parte.

Ha, assim, a secção dos sapateiros; couros vermelhos e amarellos pendem das paredes, uns inteiros, outros já talhados e recortados. As chinellas turcas levantadas para o bico, umas de sóla grossa e reforçada para o freguez vulgar, outras pequenas, de macio couro amarello, tendo uma tenue sóla destinada apenas a comprimir os felpudos tapetes do harem, amontoam-se, umas dentro das outras, em pilhas que sobem até ao tecto. Sobre um grosso pedaço de madeira rija, envernizada pelo attrito, os sapateiros batem o couro, servindo-se de uma especie de malho de metal; em quanto outros, de pernas trançadas sobre a esteira, sovelam os móldes, deitam palmilhas aos sapatos ou enfeitam de gregas e recortes o cano das largas e curtas botas de montar, feitas de marroquim vermelho.

Numa das viellas do bazar, um perfume activo embalsama o ar fresco da passagem sombreada. O cheiro da flôr de laranja mistura-se com o do almiscar e do incenso. De um e de,outro lado ha, nas lojas,

grandes boiões de loiça, cheios de unguentos e pomadas aromaticas; os pequenos vidros das essencias, tendo as rolhas envoltas em bolinhas de algodão apegado ao lacre, enfileiram-se sobre as taboas das prateleiras, entre os frascos compridos e finos de essencia de rosas; páosinhos seccos, raizes de violeta, do aloes da Arabia, pedaços de sandalo são guardados em grandes vidros. Ha caixinhas de pastilhas que perfumam o halito, pequenas espheras de fino marfim que, cheias do unguento de myrrha ou de bergamota, transudam um oleo que perfuma as mãos. A tintura do *hennê* para as unhas, o algodão em rama tingido de carmim, que humedecido de saliva avermelha os labios e serve para dar côr á face, os lapis para applicar aos olhos, o *khol* vendido em saccos pequeninos de couro de cabra e que dá ao olhor o fulgor, que lhe empresta a aureola negra das olheiras sombrias, são a delicia da freguezia feminina, que se compraz em fazer longamente as suas compras na atmosphera do bazar de perfumes.

Quasi que em cada canto vê-se um sujeito de longa barba, de nariz aquilino e de oculos, sen-

tado em frente a uma taboleta envidraçada, collocada sobre um banco. É um cambista judeu: sobre a taboleta vêm-se moedas de ouro e de prata de toda a especie; escudos de Maria Thereza, columnarios de Carlos III e de Fernando VII, *medjiidiehs* turcas, moedas egypcias, gregas, de prata baixa ou de bilhão, *páras*, tudo quanto no Egypto corre como moeda, para desespero do estrangeiro, que não sabe como entender-se na confusão dos valores, porque a moeda que é boa num ponto do bazar é recusada no outro. No Egypto, antes do indigena declarar-se satisfeito com a moeda que recebe, examina-a cautelosamente, sopesa-a, atira-a contra a calçada ou contra o assoalho para avaliar-lhe o som e não raro declara-a falsa ou tendo menos do valor real. Nesse caso, se se trata de uma compra, o estrangeiro deve declarar desfeito o negocio e retomar a moeda; o negociante apressa-se em desdizer-se e recebe a peça. O cambista que, no Cairo, vê-se nas ruas e principalmente nos bazares é sempre um judeu; pelo systema moneterio da terra elle deve ter muito que fazer. Se deante do seu mos-

trador não ha alguem discutindo as condições da troca, elle faz soar nas mãos uma porção de moedas de prata que agita, chamando os freguezes com o tilintar metallico, que faz arregalar o olho ao pobre *fellah* que passa em frente ao filho de Israel.

Numa primeira visita ao bazar do Cairo, a todo momento, vêm-se scenas interessantes, que não escapam ao viajante. Voltando-se mais vezes aos bazares, descobrem-se novas cousas interessantes, e, no Oriente, para concluir-se em condições não muito onerosas a compra de um objecto, é preciso regateal-o durante muitas horas, ás vezes durante dias seguidos. E' preciso ter certa calma deante dos cobres lavrados e recortados da Persia, dos tapetes, das mantas de lã de camelo, das armas orientaes, das longas espingardas incrustadas de marfim e de madre-perola, dos punhaes, das espadas cravejadas de coral e de turquezas, dos cachimbos, dos *narghilehs* artisticos, dos estofos antigos, cheios de bordados, das toalhas ornamentadas com desenhos curiosos, que lembram o chamado *ponto russo* e não se en-

thusiasmar demais com os *bournous* e outras curiosidades custosas. Os moveis, feitos de pequenos pedaços de madeira torneada, formando rotulas ou gradeados artisticos e variados, são uma das curiosidades do Cairo. A arte antiga sarracena deixou exemplares admiraveis desses trabalhos nas casas da cidade velha, especialmente no gradeado dos balcões chamados *mashrebiyeh*, palavra de que os Francezes fizeram *moucharabi*. Este ornamento externo das casas é mais proprio para os costumes e o clima da terra, pois impede que as mulheres sejam vistas da rua, dá passagem livre ao ar e serve, á noite, para guardar e refrescar a agua do Nilo nuns moringues de barro poroso chamados *goullehs*. A applicação da madeira torneada em *mashrebieyh* para a decoração interna é muito artistica. Numa casa de um rico Europeo do Cairo, que, com um gosto admiravel, tem no seu palacio combinado o pittoresco oriental com o confortavel da Europa, vi, mettido num grande salão, um outro salão pequeno cujas paredes eram de *mashrebieyh*; uma porta rigorosamente sarracena dava entrada no pequeno recinto; uma

lampada oriental pendia do tecto, e a mobilia consistia em um largo divan, em algumas grandes almofadas soltas sobre um tapete da Caramania e de uma prateleira cheia de *bibelots* caracteristicos. Recentemente, um Italiano emprehendeu fabricar de novo, segundo os antiges modelos, biombos, sophás, cadeiras, pequenos bancos octogonos, servindo-se de operarios indigenas, que conservaram o seu methodo de trabalho: elle conseguio generalizar o uso de uma ornamentação peculiar ao paiz, que a importação da obra de fancaria europea ia fazendo desapparecer. E' incrivel a pericia do operario que tornêa os pequenos pedaços de madeira que formam a *mashrebieyh:* passa a corda de uma especie de arco de contrabaixo, que maneja com a mão direita, no pedaço de madeira preso entre duas pontas de ferro, que penetram-lhe ligeiramente nas extremidades; com o dedo grande do pé esquerdo ajusta ao páosinho um pequeno formão; toca o arco e o páo, gyrando sobre si mesmo e contra o córte do formão, vae como que esculpindo-se automaticamente; n'um minuto, sem que o

formão pareça haver mexido, está prompto o pequeno balaustre de cinco centimetros; os rebordos accusam-se, vêm-se as riscas ornamentaes, as rodelas e os bojos alternados. No bazar vêm-se poucos moveis dessa especie, que desappareceriam de todo no Egypto, se não fosse a inicitiva do artista italiano.

No fim de algumas horas, torna-se fatigante uma visita aos bazares; e é sempre com prazer que o viajante volta, á tarde, para o hotel da praça Esbekiyeh. E' sempre agradavel descançar depois de um dia de excursões numa cidade, em que se é recemchegado, sobretudo num clima quente. O hospede de qualquer dos hoteis da Esbekiyeh póde sentar-se junto a janella, á tarde, vêr accenderem-se, um a um, os lampeões do jardim, ao mesmo tempo que as estrellas num céo em que não ha nuvens, quando, occulta num massiço de arvores, uma banda militar começa a tocar a marcha nupcial do *Lohengrin*.

—

No panorama do Cairo destaca-se a montanha arida e avermelhada de Mokattam, de

cujos flancos os Egypcios antigos arrancaram os blocos com que construiram as Pyramides e os monumentos de Memphis. Ahi eleva-se, dominando a cidade, a grande cidadella, cuja massa mistura-se com a da mesquita moderna de Mehemet-Ali, ornada de dous esguios e pontudos minaretes. Quem visita estes dous monumentos deve prepararse para fazer lentamente a ascênção em burrinho, cujas patas dianteiras falseam nos seixos soltos na areia. Ao transpôr a grande porta monumental da fortaleza e ao entrar no primeiro dos pateos interiores, vêm-se alguns soldados inglezes, á sombra, pulindo os botões da farda e brunindo as bainhas dos sabres. E' longo o caminho entre as muralhas velhas, entre as construcções internas, meio esboroadas e todas como que calcinadas pelo sol. Num dos pateos menores, que é limitado de um lado pelo parapeito de uma muralha altissima, Mehemet-Ali reunio, um dia, todos os cavalleiros mamelucos e fechando as portas, a um signal dado, fel-os matar a todos a tiros desfechados das setteiras e das janellas do edificio; os gulas mostram, hoje, no parapeito da mu-

ralha, o lugar de onde um dos cavalleiros arrojou-se com o seu cavallo arabe, conseguindo escapar por um prodigio de desespero. Esta lembrança da traição de um musulmano do seculo XIX é compensada pelo nome antigo de Saladino, que o guia varias vezes pronuncia, ligando-o a varios pontos da fortaleza.

Na montanha de Mokattam está a grande mesquita moderna de Mehemet-Ali. Os guardas dão aos visitantes umas immensas chinelas, em que o pé mais valente entra calçado com toda a facilidade. Abre-se a pequena porta, junto a qual o visitante tomou as chinelas e entra elle n'um grande pateo, onde o pavimento é todo de marmore. Á roda do pateo, ha uma arcaria extensa, sustentada por bellas columnas de alabastro oriental; no centro do pateo, ha uma construcção de marmore branco octogona, aberta de todos os lados e cujo tecto de rebordos com um que de chinez abriga a fonte das abluções, donde um Arabe tira agua com as mãos para cumprir o rito. Para o pateo dá a grande porta da mesquita. O vasto interior desta,

os escuros tapetes orientaes que cobrem todo o chão, as columnas de alabastro, a grande altura da cupola, a meia escuridade, o murmurio de um fiel que, sentado, de pernas trançadas, junto á parede, lê os versiculos do Korão, balançando com a cabeça, tudo dá ao interior do monumento um caracter que impressiona a quem não conhece ainda as mesquitas antigas. Um exame mais attento mostra que as paredes de alabastro são quasi todas apenas revestidas de placas de estuque polido e que se as 500 lampadas pendentes da cupola quasi até ao chão, dão um aspecto oriental ao quadro, o grande lustre de christal, no centro, parece o lustre de um theatro do boulevard. Quando affasta-se a gente do munumento e volta-se para vêr-lhe o aspecto exterior, a curva da cupola perde muito da sua grandeza junto ás quatro abobodas menores que cercam-na entre os minaretes esguios, terminados n'uma ponta agudissima.

Não longe da mesquita, ha um terraço donde descortina-se toda a perspectiva do Cairo. O Nilo, dando uma volta suave, parece evitar a ci-

dade e brilha reflectindo o sol. Nas margens do rio ha uma pequena extensão de verdura onde erguem-se palmeiras sobresahindo junto ao plano superior que tem o tom indeciso do deserto. O guia jurava-me que, alem, do outro lado do rio, n'um ponto dado, viam-se as Pyramides ; na direcção indicada havia uma espessa nevoa avermelhada e eu nada enxergava. Foi tal a insistencia do guia que tive de concordar para evitar questões. Depois vi que Chateaubriand, do mesmo lugar, não só enchergou os Pyramides como até admirou a expressão da Esphynge; o drogman de Chateaubriand era talvez ainda mais impertinente do que o meu. A cidade, vista do Mokattam apresenta-se vasta e a monotomia da quadro é quebrada pelas alamedas de acacias dos bairros novos e pelos minaretes que eriçam-se numerosos no Cairo. Muitas vezes, quando o touriste contempla a perspectiva que se desenrola deante dos seus olhos, uma vóz vibrante parece baixar do céu com tremulações sonóras perdendo-se no ar; lá, na altura azulada, no ultimo andar do minarete da mesquita,

um muezzin agita os braços e no seu canto monótono convida os fieis á oração. Dos outros minaretes da cidade erguem-se outros cantos e a voz dos muezzins mais visinhos sóbe até ao Mokattam amortecendo-se e extinguindo-se, pouco a pouco, quando o viajante, sob os raios ainda ardentes do sól da tarde, desce o caminho arenoso da fortaleza.

—

É uma das mais curiosas excursões no Cairo a visita do bairro de Fostat, ou velho Cairo. Vêm-se ahi vestigios da antiga installação dos conquistadores arabes e da civilisação que se lhes seguio. Ha centenas de casas abandonnadas, em ruina completa e nos fragmentos das cornijas partidas vêm-se restos de arabescos e pendentes das janellas esboroadas, pedaços de *mashrebieyhs* antigas. Creanças núas brincam nas portas e quando o estrangeiro passa, por um movimento que no Egypto o indigena recebe e transmitte como ensino,

de pae a filho, extendem a mão e pedem — *bachiche!* Hoje é já um movimento instinctivo, sem significação. A creança indigena tem certeza, ás vezes, de que nada recebe; está affastada do caminho, occupada em qualquer cousa, o estrangeiro passa apressado, o pequeno fellah apenas distingue-o, mas, por desencargo de consciencia, grita-lhe rindo-se do gracejo : *Bachiche!*

Do velho Cairo, junto do porto de Fostat, no Nilo, avistei pela primeira vez as Pyramides d'entre um bosque de palmeiras da margem do rio. Desta vez o ceu estava limpido e os tres triangulos desiguaes appareciam distinctamente no deserto, alem da zona cultivada, como as vélas enfunadas de um navio sulcando o mar das arêas. Mais perto de mim uma *dahabia,* a força de rêmos, com a grande vela frouxa e pendente, subia lentamente o Nilo.

No velho Cairo vive quasi que toda a população copta da cidade. O Copta é o representante mais authentico do antigo egypciaco. No tempo da conquista musulmana, eram christãos monophysistas, isto é, que admit-

tiam só uma natureza em Jesus Christo. Sendo perseguidos no Egypto pela orthodoxia de Constantinopla e de Roma, elles facilitaram a entrada dos musulmanos que sempre respeitaram o seu culto. No meio das pobres habitações de Fostat, ha uma igreja copta onde penetra-se no fim de muitas passagens labyrinticas e immundas. Uma porta baixa e antiquissima dá accésso a uma pequena igreja cujo assoalho gasto dos seculos, deixa n'algum ponto apparecer o chão e tem as taboas mal junctas e levantadas. O altar está separado do resto do templo como é uso nas igrejas gregas; a divisão é de um gradeado de madeira, antigo, de desenho curiossisimo, embutido de pedaçinhos de marfim; o tempo, a sujidade secular extenderam sobre a delicadeza dos desenhos uma patina negra. N'um medalhão ha uma pintura byzantina representando São Jorge. O padre mostra-me uma antiga Biblia manuscripta, em copta antigo que elle lê sem entender e depois de levar-me a uma crypta onde, diz a tradição, a Virgem repousou durante o tempo em que esteve no Egypto, extende-me a mão pedin-

do a esmola a troco da qual serve de guia na igreja que habita com sua familia.

Ha no Cairo ricos negociantes coptas; diz-se mesmo que a raça tem certa disposição para o commercio, mas os abastados não soccorrem os correligionarios indigentes. No bairro que cerca a igreja Copta, encontram-se typos puros dos egypcios antigos; algumas physionomias parecem os originaes das estatuas e das outras esculpturas que o viajante admira no museu de Boulacq.

O Cairo não está propriamente á margem do Nilo. Boulacq é que serve de porto á cidade. Leva-se meia hora, de carro ou de burrinho da Esbekiyeh até Boulacq. Ahi vê-se o museu; o kediva Ismaïl Pachá fez reunir e classificar admiravelmente por Mariette todas as antiguidades egypcias que este genio da archeologia egypcia reunira lentemente ao cabo de muitos annos de pesquizas. Hoje, ao entrar-se no jardim du museu que fórma um terraço verdejante sobre o Nilo e onde admiram-se esphynges de granito, cabeças de collossos, fragmentos grandiosos da architectura antiga, dispostos entre os canteiros de

relva, vê-se o tumulo de Mariette, um immenso sarcophago, á sombra de uma acacia nilotica, tendo n'uma das faces apenas gravado este nome : Mariette.

São numerosos os visitantes do museu de Boulacq que é incontestavelmente o primeiro dos museus egypcios do mundo. Se o British Museum tem a famosa pedra de Rosetta, cujo texto em tres linguas foi o ponto de partida para a portentosa descoberta de Champollion, se o Louvre tem grandes preciosidades, se o governo allemão gasta milhões para enriquecer o museo de Berlim, nenhuma dessas grandes collecções tem a riqueza, a importancia e o methodo de classificação que se admira em Boulacq, onde cada monumento tem o seu historico exacto, a precisa indicação do tempo, do lugar e das circunstancias da sua descoberta. Só um sabio egyptologo póde dar uma descripçaõ do museu; um simples touriste, convencido desde o collegio de que em arte antiga, tudo quanto não seja grego é barbaro e feio, não admira só a originalidade dos ornatos, a grandeza das estatuas, a dureza dos materiaes talhados e esculpidos e mais do

que tudo a irrecusavel antiguidade d'aquelles documentos do engenho humano. Logo á primeira vista, as grandes estatuas de basalto verde ou de granito rosado apparecem-lhe todas sujeitas a um canon invariavel de proporções, n'umas attitudes de um hieratismo immutavel; mas é innegavel que a belleza, a naturalidade da fórma transparecem. A invariabilidade é symbolica e não effeito da impotencia artistica do esculptor. Se está núa a estatua, os modelados amortecidos, a supressão das minucias no relêvo dos musculos revestem-n'a de um caracter de gravidade que faz desapparecêr a nudez. Outras vezes, quando a roupa apega-se ao corpo, as dobras finamente accusadas descobrem os contórnos e despem o que se apparenta querer representar occulto. Não ha monumentos mais antigos de esculptura do que os do museu de Boulacq. A estatua de Chefren, de diorite durissima que desafia o cinzel dos nossos esculptores modernos, tem perto de seis mil annos de existencia e todo o trabalho é de um admiravel tom naturalista. Esta obra é, entretanto, menos admiravel do que a estatua de madeira

conhecida pelo nome de *Cheik-el-beled*, isto é, o *chefe da aldeia*. Os operarios egypcios que trabalhavam sob as ordens de Mariette, ao descobrirem a estatua a que me refiro, julgaram ser ella o retrato do *cheik* da sua tribu. Tal tem sido a persistencia do typo antigo no povo que adoptou a religião dos Arabes, submetteu-se, mas não perdeu a sua qualidade de uma raça distincta de todos os conquistadores que se têm succedido nas margens do Nilo, que uma estatua feita, ha cincoenta seculos, reproduz hoje, admiravelmente, um typo contemporaneo. A surpresa dos operarios de Mariette é o melhor elogio que se póde fazêr ao artista antigo. É tambem motivo de pasmo para o visitante o grupo admiravel do principe Râ-Hatep e de sua mulher Nefert. Este grupo data do tempo de Snefru que reinou antes da construcção da grande pyramide. As duas physionomias têm um modelado tão correcto que, não ha duvidar serem as duas estatuas retratos e retratos que pela caracterisação da individualidade são forçosamente semelhantes.

Muitos dias de visitas prolongadas ao mu-

seu de Boulacq apenas bastam para têr-se uma idéa approximada do que ha alli reunido. Uma barca de prata com os remeiros todos de ouro é uma joia admiravel; as pedras gravadas, os escaravelhos de louça, de pedras preciosas, entalhadas e lavradas, as pulseiras de ouro, os collares, as pequenas estatuetas chatas representando Osiris, Anubis, Thoth e Horus, destinadas ao peito das mumias entre as azas abertas de um grande escaravelho, os diademas, os anneis, os differentes tecidos, os vasos canopicos de alabastro em que guardavam-se as visceras dos defuntos, as esphynges, as estatuas de marmore, de granito, de basalto verde, representando Deuses, homens, mulheres, animaes, os utensilios domesticos, os instrumentos para embalsamar os cadaveres, cabelleiras de mumias, as ligaduras sem numero que as apertavam, tudo isto está exposto, classificado, explicado.

Mas a grande curiosidade de Boulacq consiste na collecção de mumias, especialmente das mumias reaes, dos grandes soberanos de Thebas que M. Maspero descobrio nos es-

condrijos de Deïr-el-Bahari. Entre estas mumias vê-se a de Ramsès, que os Gregos e todo o mundo conhecem sob o nome de Sesostris. Quando vi-a M. Maspero ainda não se havia decidido a desatar as ligaduras da mumia, abrindo-lhe a especie de bainha em que ella está mettida. Ha poucos dias os jornaes de toda a Europa publicaram a acta solemne da abertura da mumia do grande rei, feita deante do kediva, do enviado inglez e de outros personnagens. O rosto apresentou-se admiravelmente bem conservado e identico aos retratos de Sesostris que chegaram até nós nos monumentos egypcios, o que é mais uma prova da perfeição attingida pelos esculptores do velho Egypto.

As mumias reaes, as ainda intactas, estam hoje enfileiradas n'uma sala onde admiram-se o dourado brilhante das mascaras, o esmalte dos grandes olhos e o vivo colorido de todos os ornatos. Ellas estam hoje mais seguras no museu onde apenas o chapéo de sól de alguma ingleza póde attingil-as, do que nos subterraneos, expostas ás depredações dos Beduinos procuradores de thesouros escondidos.

Muito se tem escripto sobre os sepulchros egypcios e liga-se á historia delles o costume que tinham os antigos de encerrar com a mumia grãos de trigo e perfumes. D'ahi veio a fabula de que o grão depositado no sepulchro podia germinar muitos seculos depois, quando está provado que esse famoso trigo do sepulchro, embora guarde a sua apparencia externa, decompoem-se chimicamente com o tempo e perde a vitalidade. O incenso, a myrrha encontradas nos sepulchros perdem tambem a propriedade de queimar-se exhalando perfume.

Um viajante americano affirma que no Egypto as mumias servem de combustivel para as locomotivas dos caminhos de ferro!

O destino dos homens cujos cadaveres figuram hoje nos museus sendo assim furtados á fatal assimilação com a terra é muito curioso. O desejo que elles tiveram de conservar eternamente a fórma humana continua a realizar-se e deve até têr-lhes sido agradavel a diversão da viagem depois de tantos seculos de fastidio, na immobilidade e na solidão que Louis Bouilhet admiravelmente descreve nesta sua poesia :

LA PLAINTE D'UNE MOMIE

A A. PRÉAULT.

Aux bruits lointains ouvrant l'oreille,
Jalouse encore du ciel d'azur,
La momie, en tremblant, s'éveille
Au fond de l'hypogée obscur.

Elle soulève sa poitrine,
Et sent couler de son œil mort
Des larmes noires de résine
Sur son visage fardé d'or.

Puis, au cercueil de planche peinte
Heurtant ses colliers de métal,
Elle pousse une longue plainte,
Et miaule comme un chacal.

« Oh! dit-elle, avec sa voix lente,
Être mort, et durer toujours!
Heureuse la chair pantelante
Sous l'ongle courbe des vautours!

« Heureux les morts qu'un vent d'orage
Plonge au fond des gouffres salés,
Et qui s'en vont, de plage en plage,
Reluisants, verdis et gonflés!

« Heureux trois fois ceux qu'on enterre
Tout nus, dans les sables mouvants
Et dont le corps tombe en poussière
Qui tourbillonne aux quatre vents!

« Ils vivront! ils verront encore
A la nature se mêlant,
Les frissons roses de l'aurore
Sur le lit bleu du ciel brûlant.

« Et, sous des formes inconnues.
Oublieux du néant glacé,
Ils secouront au vent des nues
Les cendres noires du passé.

« Hélas! Hélas! la destinée
M'accablant d'honneurs importuns,
Garde ma forme emprisonnée
Dans l'éternité des parfums.

« Mon cercueil, sous la crypte blanche,
Ne tient plus à ses clous d'airain,
Et les vers ont troué la planche
Comme un crible à passer du grain.

« Sur ma poitrine recouverte
De symboles religieux,
Le temps, avec sa lèpre verte,
A rongé la face des dieux.

« Seul, au milieu de ce qui tombe,
Je reste immobile et jaloux,
Et je dis aux vers de la tombe :
O vers, pourquoi m'oubliez-vous ? »

« Ici, jamais ni vent, ni pluie
N'ont rafraîchi mon front poudreux ;
Depuis vingt siècles je m'ennuie
A regarder, de mon œil creux,

« Le sphinx de pierre aux froides griffes,
Accroupi dans mon antre obscur,
Avec l'oiseau des hieroglyphes
Qui ne s'envole pas du mur.

« Pour plonger dans ma nuit profonde,
Chaque élément frappe en ce lieu :
— Nous sommes l'air ! nous sommes l'onde !
Nous sommes la terre et le feu !

« Viens avec nous ! la steppe aride
Veut son panache d'arbres verts,
Viens, sous l'azur du ciel splendide,
T'éparpiller dans l'Univers !

« Nous t'emporterons par les plaines,
Nous te bercerons à la fois,
Dans le murmure des fontaines
Et le bruissement des bois.

« Viens!... la nature universelle
Cherche, peut-être, en ce tombeau,
Pour le soleil, une étincelle,
Pour la mer, une goutte d'eau.

« Alors, me réveillant dans l'ombre,
Je roidis mes membres perclus.
Sous les bandelettes sans nombre
Mes pieds maigres ne marchent plus.

« Et, dans ma tombe impérissable,
Je sens venir avec effroi,
Les siècles lourds comme du sable
Qui s'amoncelle autour de moi.

« Ah! sois maudite, race impie,
Qui de l'être arrêtant l'essor
Cardes ta laideur assoupie
Dans la vanité de la mort!

« Un jour, les peuples de la terre,
Brisant ton sépulcre fermé,
Te retrouveront tout entière
Comme un grain qui n'a pas germé.

« Et, sous quelque voûte enfumée,
Ils accrocheront, sans remords,
Ta vieille carcasse embaumée,
Auprès des crocodiles morts!... »

LOUIS BOUILHET.

Estes versos vibrantes, a meu pedido, foram traduzidos nas seguintes bellissimas estrophes. O nome do traductor explica a excellencia de traducção; o barão do Penedo, alem de sêr um brilhante diplomata, allia a juventude do seu espirito aos finos dotes de um lettrado de raça.

A QUEIXA DE UMA MUMIA

—

Ouvindo ao longe ruidos,
Inda o ceo azul sonhando,
No fundo hypogeo escuro
Treme a mumia despertando.

O peito levanta, e sente
Nas faces de ouro tingidas
Resina em lagrimas negras
Do olho morto escorridas.

No caixão pintado bate
Com os collares de metal,
Arranca um longo queixume,
E mia como um chacal.

« Oh! com lenta voz exclama,
Ser morto, e sempra durar!
Feliz nas garras de abutres
A carne que palpitar!

« Felizes mortos, que os ventos
Lançam nos pégos salgados,
E que vam, de praia em praia,
Luzentes, verdes, inchados.

« Tres vezes felizes outros
Na arêa nús enterrados,
Cujos corpos em poeira
Pelos ventos sam levados.

« Esses viverão! Fundidos
Na Natureza, hão de ver
No leito celeste a Aurora
Seos frescores aquecer.

« E, sob formas ignotas
O frio nada olvidando,
Negras cinzas do passado
Irão aos ares lançando.

« Ai! Ai de mim! Que o destino
De honras traz-me acabada,
E entre aromas eternos
Tem-me a forma encarcerada.

« Meo caixão, na crypta branca,
Está todo despregado,
Tem as taboas como um crivo,
Dos vermes esburacado.

« De symbolos religiosos
Sobre o peito revestido
Ja do tempo a verde lepra
Tem-lhes a face roïdo.

« Só, no meio de ruinas,
Quedo, invejoso, inerme
Pergunto ao verme da tumba
— « Por que me esqueceis, ó verme? »

« Aqui jamais vento ou chuva
A fronte me ha refrescado;
Aborrido, ha vinte sec'los,
A olhar, de olho vasado,

« A fria esphinge de pedra
Sobre este meo antro escuro,
Com a ave dos jeroglifos
Que jamais vôa do muro.

« Na minha noite profunda
Quer cada elemento entrar:
— Somos a terra, e o fogo!
Somos a onda e o ar!

« Vem comnosco! a arida steppe
Quer pennacho de verdores.
Esparzir-te no universo
Vem, dos ceos aos esplendores!

« Comnosco pelas campinas,
Nós te iremos embalando
Da fonte ao doce murmúrio,
Do bosque ao sussurro brando.

« Vem!... Talvez a Natureza
Quer em teo tumulo achar
Para o sol uma centelha,
Uma gotta d'agua p'ra o mar. »

« Despertando então na sombra,
Extendo os membros tolhidos.
Sob ataduras sem conta
Meus magros pés são detidos.

« E no meo tumulo eterno
Com horror sinto chegarem
Os seculos, como as arêas
Em roda se amontoarem.

« Ah! Impia raça, maldita,
Que atando-nos de tal sorte,
Tua fealdade occultas
Nesta vaidade da morte!

Um dia os povos da terra
Teo sepulcro ao descerrar,
Te encontrarão toda inteira,
Como um grão sem germinar.

E deixarão, sem remorsos,
N'uma abobada afumada,
Junto a crocodillos mortos,
A carcassa embalsamada.

BARÃO DO PENEDO.

A bella traducçaõ que junto aqui é devida a um meu respeitavel e illustre amigo que, na sua modestia, prohibio-me o imprimir o seu nome que é, justamente, o de um dos mais considerados entre os nossos homens de Estado.

TRADUCÇÃO DA POESIA DE LOUIS BOUILHET

—

La plainte d'une Momie

—

LAMENTAÇÃO DA MUMIA

Do escuro hypogeu no fundo
A mumia, tremendo, acorda;
Escuta o rumor do mundo;
Do céo, da luz se recorda.

Arfando o peito, ella sente
Correr dos olhos sem vida
Na face de ouro nitente,
Resina em pranto delida.

Os fios do collar roçando
Nas taboas do seu caixão,
Com voz de chacal rosnando,
Faz esta lamentação:

« Estar morto, e pr'a sempre durar!
É mil vezes menor soffrimento
Sem morrer, ter o peito a pulsar
Sob as unhas do abutre sangrento!

« São felizes os que, naufragando,
Lá do mar nos abysmos perecem;
E seus corpos nas vagas rolando,
Entufados, luzindo, apodrecem!

« Venturosos os que, desnudados
E sepultos no arêal ondulante,
Têm seus restos em pó dispersados
No bulcão do *simoun* abrasante!

« Viverão, transformados embora!
No concerto do mundo, verão,
Resurgindo, nos céos, rubra aurora
Derramar purpurino clarão.

« Esquecidos do nada gelado,
No universo entrarão outra vêz!
Negras cinzas do triste passado
Foram nuvenes que o vento desfêz.

« Ai de mim! Ai de mim! Opprimido
De vans honras meu corpo aqui jaz;
Em perfumes eternos mettido,
Até zomba do tempo voraz.

« Na alva crypta meu féretro poento
Se desparte dos pregos de cobre;
Dos insectos que esconde, alimento,
A madeira de crivos se cobre.

« Em meu peito a vaidade alardêa
Mil desenhos de assumpto sagrado;
Mas a lepra que tudo esverdêa,
Tem na face dos deuses lavrado.

« Tudo passa ou perece! Eu, defunto
Immutavel, saudoso a dar ais,
Dos sepulchros aos vermes pergunto:
— Vós, o! vermes, porque me poupais?

« Nunca orvalho ou aragem de manso
Vem do meu rosto o pó refrescar.
Seel'os vinte ja vão que me canso,
De olhos cavos, somente a fitar

« No hieroglypho essa ave pintada
Que não vôa, nem parte do muro,
E essa esphynge de pedra, agachada
Sobre as garras no meu antro obscuro.

« Affrontando esta noute profunda
« Entrar querem vitaes elementos:
« Agua, fogo, ar e terra fecunda
« Aqui somos! Eia! novos alentos!

« Vem comnosco! Na steppe crestada
« Lançaremos virente campina.
« Vem á luz da amplidão anilada
« Te fundir na essencia divina.

« Vem, no prado que a flor embalsama,
« Embalar-te da fonte ao rumor
« E da brisa ao susurro na rama,
« Alternando segredos de amor.

« Vem! Talvez guarde nesta morada
« O poder que no mundo se espêlha,
« Para o mar uma gotta aljofrada,
« Para o sol uma viva centelha. »

« Eu entaõ, me animando no escuro,
Tento embalde meu corpo estirar;
Com os pés enlinhados, procuro,
Mas em vão, um só passo formar

« E na tumba p'ra sempre! Aterrado
« Sinto virem os sec'los sem fim,
« Qual de arêa denso monte pesado,
« Pouco e pouco a crescer sobre mim.

« Ah! maldita sê tu, impia raça,
Que frustrando dos entes a sorte,
O teu typo desforme, sem graça,
Eternisas, vaidosa, na morte!

« Virá dia em que os povos da terra,
Teu sepulchro fechado quebrando,
Acharão que elle, sêcca, mirrada, te encerra,
Qual chôcho grão nunca mais germinando!

« E num canto, do fumo que passa
Denegrido, terão arrumado,
Sem remorso tua velha carcassa
Com algum crocodilo empalhado. »

Rio de Janeiro.

—

O estrangeiro, durante a sua permanencia no Cairo, tem diariamente em que empregar o seu tempo. A' tarde, antes do jantar no *Club Kedival* onde a apresentação de um socio garante-lhe algumas horas de comforto occidental e de convivencia européa, tem o passeio de Choubra que é o Bois de Boulogne da terra. Alli os officiaes inglezes caracolam nos seus puro-sangues e os elegantes cairotas das colonias européas apparecem montando soberbos cavallos ou em carros luxuosos. De vez em quando passa um coupé ou um landau onde vêm-se duas ou mais damas egypcias

sempre de veu branco. Ao lado, um eunnucho negro, montado n'um cavallo esplendido, segue, accompanha, vigilante, a carruagem. Attrahe muita attenção um landau descoberto onde um moço pallido, de sobrecasaca preta e de *tarbouche* vermelha, vae comprimentando os passeantes que todos descobrem-se deante delle. E' o Kediva, Tewfik Pachá, soberano do Egypto, que deve olhar bem melancholico aquelles officiaes inglezes taõ polidos e respeitosos mas que na realidade são os seus senhores. Ao approximar-se a noite, todos voltam para a cidade quando atravez dos arvores vêm-se, no abrazamento do ceu, as Pyramides azuladas.

—

No Oriente, a importancia das distincções religiosas apparece aos olhos do occidental com uma clareza que sorprehende a quem está accostumado, no Occidente, á indifferença ainda dos mais convencidos. No Egypto ouvem-se estas designações : um christão, um grego, um copta, um armenio, um latino e a supremacia do questão religiosa sobre todas

as outras contraria evidentemente o Europeo que tem a pretenção de supprimir o problema religioso para não dar-se ao trabalho de adoptar uma solução. No Oriente tem-se uma prova practica da impossibilidade dessa suppressão tão commoda na apparencia.

O Cairo, como toda cidade musulmana, é uma cidade religiosa. No islamismo não ha indifferentes. Essa religião era uma religião de simplicidade; na sua fundação não havia sacerdocio e os seus templos não tinham nenhum caracter sagrado por si mesmos; eram apenas casas de oração; esta oração, nos principios do mahometismo, fazia-se ao ar livre. O delgado minarete donde o muezzin annuncia hoja a hora do recolhimento e da meditação é, decerto, uma reminiscencia da palmeira onde elle subia para lançar aos echos a melopéa do seu cantico.

A visita das mesquitas do Cairo tem, alem do interesse religioso, pois nellas sorprhende-se alguma manifestação externa do pensamento da religião actual, o alto interesse artistico e historico.

A primeira das mesquitas do Cairo e uma das mais celebres do mahometismo é a grande e antiga mesquita de Amru, abandonnada no velho Cairo e a que está ligada a poesia de muitas legendas. Os viajantes protestam contra a incuria musulmana que deixa abandonnado um monumento de tanto valôr, mas o estado de ruina relativa em que elle se acha, dá-lhe um certo encanto inexprimivel. A fonte das abluções que ergue-se no centro do pateo, arruinada como está, corresponde á idéa de antiguidade ligada a todo o edificio, onde as 147 columnas de marmore, tiradas de templos pagãos e de igrejas christãs, sustentam arcos que, um pouco prolongados e com tendencia a partirem-se no centro, annunciam a futura ogiva mourisca. Os acanthos corinthios, as volutas jonicas, os capiteis cubicos de Byzancio e os floridos indicando a epocha dos Ptolomeus, tudo, em confusão, apresenta-se aos olhos do visitante na floresta de columnas do vasto recinto deserto onde susurra o vento que agita as palmas da tamareira inclinada sobre a fonte das abluções e penetrando no sanctuario aberto, faz oscillar as têas de aranha dos arcos

e as lampadas vasias e empoeiradas pendentes do tecto.

Uma das columnas da mesquita veio pelos ares da Mécca até ao Cairo. O Kalifa Omar, uma vez que resava na Caaba, vio que um das columnas da mesquita que Amru estava elevando no Cairo, não era proporcionada ás outras. Então, pronunciou umas palavras cabalisticas e ordennou a uma das columnas da Mecca que se transportasse ao Cairo, para o lugar da columna impreṣtavel. A columna intimada oscillou na base mas não partio: o Kalifa deu-lhe então um golpe de *courbach*, a columna recalcitrante obedeceu e mostra hoje no marmore o signal da vergastada. Um poço que ha na mesquita está em communicação directa com o poço Zezem, da Mecca. Na columnata que cerca o pateo ha duas columnas gêmeas, separadas por alguns centimetros; são chamadas *columnas da prova*: o justo póde passar entre ellas, mas o homem iniquo ficará forçosamente entalâdo. Ha pouco tempo a autoridade, provavelmente algum *cadi* obéso, mandou murar o intersticio para evitar accidentes.

A explendida mesquita do sultão Hassan é a mais admiravel do Cairo pela grandeza e pela belleza. Tem o edificio um immenso portal em hemyciclo cujas paredes são ornamentadas de riquissimos arabescos rematados n'uma meia cupola apoiada em estalactites de pedra. O ar, a luz inundam-no inteiramente pela grande abertura de um pateo onde arredonda-se, sobre esbeltas columnas, a cupola da fonte das abluções.

Na mesquita de Hassan, como em todas as outras, vê-se o tumulo do fundador; ha a abside ornamentada internando-se na parede na direcção da Mecca, chamada *mirhab*, para onde voltam-se os fieis em oração. Ao lado, ergue-se o pulpito (*mimbâr*) que sempre nessas mesquitas é um monumento de arte pelos lavores finissimos, pelos desenhos adoraveis e pelas ricas ornamentações. Este *mimbâr* é, ás vezes, uma admiravel renda de marmore, como na mesquita de Barkouk, ás vezes um trabalho phantasioso de marfim incrustado na madeira.

Muitas das mesquitas do Cairo e das mais curiosas são conhecidas pelo nome de *tumulos*

dos kalifas ou *tumulos dos mamelukos* segundo o periodo a que pertencem estes monumentos funerarios que erguem-se nas planices arenosas e desertas. A maior parte desses monumentos cahem em ruinas. As construcções têm todas um tom pardo que parece sombrio na incandescencia da areia amarella reflectindo a luz de um sól ardentissimo que projecta no solo a sombra das cupolas derrocadas, dos longos e trabalhados minaretes truncados. O touriste que percorre esta planicie vae de um a outro monumento, penetra em cada um delles fazendo, á sombra fresca, uma estação de descanço que prolonga o mais possivel, sentado sobre uma velha esteira que recobre parte de um mosaico admiravel ou nos degráos do pulpito, contemplando a inesgotavel phantasia dos ornatos, as linhas suaves das arcos ogivaes, os arabescos de uma janella em parte destruida, por onde entra um raio de sol fazendo, na parede, uma mancha de luz sobre o marmore lavrado.

—

Quem sahe dos quarteirões europeus do Cairo, percorre as ruas afastadas onde, a todo instante, surgem deante dos olhos do observador os quadros pittorescos que tantas vezes Gerôme e Marilhat reproduziram; quem passeia pela parte inteiramente arabe da cidade, encontra sempre scenas inolvidaveis.

Fóra das portas, nas vizinhanças dos cemiterios onde as estreitas lapides plantadas verticalmente no solo ostentam os complicados caracteres arabicos, é frequente o encontro de um enterro. O defuncto, extendido n'uma especie de grande padiola é levado aos hombros dos parentes ou amigos e o panno que cobre o cadaver modéla-lhe vagamente as formas. Os carregadores entoam uma oração funeraria que não é um cantico mas uma melopéa resultante do rythmo forçada dos versiculos do Korão, das supplicas e das jaculatorias. A cadencia regula o passo apressado dos carregadores, dos parentes e dos amigos que formam um cortejo onde a variedade das côres dos trajos contraria as nossas ideas sobre o lucto; o passo redobra, todo o cortejo vae correndo e vê-se o corpo sacudido com as grandes per-

nadas da gente do enterro. Os musulmanos acreditam que, no espaço de tempo que medeia entre a morte e a inhumação, a alma do defuncto está sujeita a grandes soffrimentos que elles tractam de abreviar fazendo, a toda a pressa, o enterramento.

Mal cessaram as preces do cortejo que se afastou e outro murmurio de vozes chega-nos ouvidos. Estamos á porta de uma mesquita onde funcciona uma escola primaria. Num pequeno atrio estam dez ou doze meninos, sentados, de pernas trançadas, descalços, tendo cada um ao lado, no chão, o respectivo par de chinellas. Um rapaz de physionomia expressiva e pouco mais idoso do que os seus discipulos lê em voz alta um livro aberto sobre a esteira em que está sentado. Brande uma longa vara e com ella bate o compasso do rhytmo da leitura que faz oscillando com a cabeça no movimento que os orientaes usam quando lêm o Korão: acredita-se que o conhecimento, entrando para a cabeça, uma vez que esta é bem sacudida, não póde deixar de espalhar-se pelos miólos. Ao approximar-me da escola, o mestre inter-

rompeu a leitura, fez-me o gracioso e elegante comprimento dos musulmanos e sorrindo recuou da porta, deixando livre a entrada da mesquita, emquanto os olhos pretos e curiosos das cabecinhas rapadas das creanças interrogavam o professor se a licção ia continuar e examinavam o estrangeiro. Esta scena, sob o arco profusamente ornamentado de um monumento quasi em ruinas, n'um pequeno recanto sombreado donde se extendia a luz sobre uma paizagem ardendo aos raios do sol, dava um quadro encantador.

As escolas primarias são numerosas nos paizes musulmanos. Entre estes a proporção dos analphabetos é menor do que a existente em alguns paizes christãos. O ensino faz-se porem hoje, como ha cinco ou seis seculos. Ainda não penetraram no Oriente as licções de cousas, os methodos magicos, as exposições pedagogicas e ainda nenhum mahometano foi condecorado ou nobilitado por serviços á instrucção publica.

No Cairo acha-se o mais afamado dos estabelecimentos de instrucção de todo o isla-

mismo. E' a universidade que funcciona na mesquita *el Azhar* desde o anno 378 da hegira. Alguns milhares de estudantes, vindos do Caucaso, dos planaltos do Himalaya, da Africa Central, da costa do Senegal, de Mozambique, do extremo Oriente, seguem os cursos da universidade. Nos pateos interiores vêm-se estudantes passeando e lendo em voz alta, na intonação de quem procura decorar um texto. Um velho, sentado ao chão, folhea um grosso volume e um grupo de rapazes que lhe fazem roda segue attento as explicações. E' talvez um dos professores afamados da Universidade, para quem as variantes das glosas e dos commentarios não têm segredos. Na fonte de um dos pateos, um musulmano lava o rosto, os pés e as mãos, preparando-se com esta ablução para fazer uma dos orações do dia. Junto a um pilar, um estudante entrega a cabeça branca de espuma de sabão a um barbeiro que cuidadosamente vae escanhoando-a. Entre as trezentas e oitenta columnas de prophyro, de marmore e de granito que sustentam as arcarias do pateo, passeia gravemente, conversa, faz a sua

toilette, estuda, reza, vive emfim, a multidão dos estudantes, que, se um ou outro touriste não atravessasse, ás vezes, o edificio, não teriam consciencia de que o Cairo não é mais hoje dos musulmanos. Contemplando as verdades do Korão, bebendo a palavra dos *ulémas* e a agua da fonte das abluções, prosternados na direcção da Mecca quando no alto dos minaretes rendados sôa a voz do muezzin agitando os braços sobre o fundo azulado do ceu, os estudantes poderiam acreditar-se ainda no tempo dos Kalifas, mas a voz do muezzin é coberta pelos tambores e pifaros do regimento inglez que passa pela rua e o arabe, dormindo a sésta n'um canto da mesquita, é despertado dos seus sonhos de crente pela passagem de um grupo de touristes vulgares que desprezam o Propheta e seus fieis e que, com ares de superioridade, arrastam no pavimento do sanctuario as sandalias emprestadas tendo nos labios um riso de compaixaõ boçal por um mundo que não comprehendem e por uma civilisação que ignoram.

HELIOPOLIS

Nas visinhanças do Cairo está o local de uma das cidades mais celebres da antiguidade, a Heliopolis onde Platão estudou. À sahida do Cairo, atravessa-se a planicie desolada onde estam as mesquitas funerarias, construcções monumentaes e arruinadas que á paizagem dão um cunho de triste grandeza.

No fim desta planicie apparecem algumas arvores; as *Accacias Lebbek* verdejam em grupos; os eucalyptos cinzentos, os cyprestes escuros, os sycomoros copados dão sombra ao caminho poeirento que segue por entre placas de uma relva falhada. Avista-se então um immenso obelisco que se eleva isolado, marcando o lugar onde existio a Heliopolis de que elle é o vestigio unico e gigantesco.

Ao redor do obelisco ha umas pequenas elevações que nem mais destroços são; ruinas de ruinas, estes restos da cidade desappare-

cida mal denunciam-se entre a vegetação. Heliopolis que encerrava o templo do Sol, onde a phenix lendaria renascia das proprias cinzas, de quinhentos em quinhentos annos, não poderia realisar prodigio igual porque não restam della nem cinzas. A grande cidade foi, na idade media, para o Cairo, que se levantava nos visinhanças, uma pedreira sem rival, fornecendo granito lavrado em grandes blócos, columnas, pilastras, lages inteiras para as portas da cidade musulmana, para a cidadella e para as mesquitas. Depois, a agua do Nilo, cobrindo annualmente de limo os restos de Heliopolis, fez delles uma massa escura e fertil, transformou-os n'um esterco poderoso e ainda hoje em Heliopolis, como em Memphis, o fellah vae buscar um pouco d'aquella lama celebre para deital-a nos sulcos da terra não fecundados pela inundação.

No obelisco que se eleva solitario, do lado do sul, opposto aos ventos frios do norte, as vêspas encheram de terra amassada os entalhes profundos dos hieroglyphos e fizeram sua morada nos cartuxos, nos signaes antigos destinados a perpetuar a gloria do rei Osor-

tausen. Esta face está coberta de uma especie de lepra pardacenta. Ao cahir da tarde, um nevoeiro de vêspas alvorotadas zumbe nas alturas do obelisco, voltando da excursão diaria aos jardins e ás margens do rio onde cultivam-se rosas e pendem os cachos floridos e alvos das tamareiras. O vento suave que apenas agita a folhagem dos sycomoros difficulta a volta do insecto laborioso ao seu pequeno interior abrigado no rebordo de um hieroglypho; debalde, zumbindo, dirige o vôo pora o obelisco; uma lufada carrega-o longe e quando elle volta, quando está já perto, prompto a pousar, outro sopro afasta-o. E o olhar que, erguido, admira aquelle indicador de granito apontando para o céu, accompanha a agitação dos pontos negros que assaltam o obelisco, esvoaçando no azul empallecido da crepusculo. Uns passos subtis sobre a relva chamam a attenção do touriste e ao lado passa uma mulher fellah, vestida de uma camisola azul aberta no seio e de um manto que cahe-lhe dos hombros; com os braços côr de bronze e ornados de braceletes de prata, na attitude de uma ca-

nephora antiga, sustenta á cabeça um cantaro e dirige-se para uma choça que se avista perto.

—

A tradição christan apparece em Heliopolis. Ha alli um velho sycomoro todo entalhado dos nomes dos peregrinos e dos viajantes, tendo os grandes galhos, sahidos de um tronco cavernoso e contorcido, apoiados em esteios de pedra e de páo que impedem a arvore de rachar de todo ao peso dos seculos e da ramaria. Uma cerca de madeira resguarda hoje o tronco do canivete piedoso dos peregrinos; digo — piedoso — porque este sycomoro, affirma a tradição, abrigou a Santa Familia. Um viajante do seculo XVI vio a arvore actual e uns monges da visinhança disseram-lhe que a arvore primitiva havia muito desapparecera; guardavam della uns fragmentos, como reliquias. Quando a imperatriz Eugenia visitou o Egypto em 1869, o Kediva Ismaïl teve a galanteria de offerecer-lhe a arvore da Virgem

que é hoje propriedade da viuva de Napoleão III. Perto ouve-se o guincho monotono e prolongado da roda de uma *sakkieh* que gyra movida por um camelo e tira agua dôce de uma fonte. A agua, que era salobra, como a de todos as nascentes visinhas, tornou-se doce para sempre, desde que a Virgem lavou nella o pequeno Jesus.

—

No caminho de Heliopolis ha um curioso estabelecimento pertencente a um Suisso muito amavel que o mostra a todo o mundo. E' uma grande creação de avestruzes. Esta industria é altamente lucrativa embora todo o beneficio della provenha da venda de um objecto que, á primeira vista, parece ser de um consummo muito limitado. As plumas do macho da avestruz não têm outra applicação alem do ornato dos chapeos femininos, dos grandes leques e mais raramente dos vestidos. A moda das plumas na composição destes artefactos da elegancia

parece ser uma moda constante, o que tranquillisa os negociantes de plumas. Uma pluma, em perfeito estado, branca, medindo de cincoenta a oitenta centimetros, depois de penteada, frisada, ás vezes tingida, pelas mãos habeis das operarias parisienses, não custa menos de setenta a cem francos. De uma só pluma cortada em varios pedaços enfeitam-se alguns chapeos e a procura desses ornatos, longe de diminuir, augmenta constantemente, á medida que cresce em todo o mundo o bem estar geral e o amor do luxo, até nos mais remotos confins da America e da Australia. As plumas preferidas nos mercados são as das enormes avestruzes do Sudão, muito maiores e mais alvas do que as plumas da avestruz de Cabo da Boa Esperança, especie inferior que se tem querido acclimatar sem grande successo no Uruguay, na Nova Galles do Sul e no Texas. O estado de revolta persistente das tribus do Sudão fez cessar completamente, ha quatro annos, a exportação das plumas e esta cessação de fornecimento aos mercados da Europa produzio a grande alta de preços que continua pois o commercio com o Sudão

está sempre suspenso sem haver esperanças de reatar-se de novo tão cedo.

A lucrativa industria da creação de avestruzes exige condicções que não encontram-se em toda a parte. E' necessario, em primeiro lugar, grande extensão de um terreno arenoso e sêcco e um clima quente e igual. As plumas que vem de Sudão e do Cabo da Boa Esperança chegam muitas vezes estragadas porque são apanhadas no chão na epocha da muda. O proprietario do estabelecimento de Heliopolis evita esse inconveniente fazendo, pode-se dizer, a colheita das plumas na propria pelle da avestruz. E' penoso e delicado esse trabalho. As pennas posteriores do macho são as unicas que têm consideravel valôr e esse macho é um animal colossal, é o maior dos bipedes, pois é superior em altura ao homem; é dotado de uma força extraordinaria e saõ precisos tres ou quatro homens para, servindo-se de laços, subjugarem a ave gigantesca e então examinarem a raiz das plumas, arrancando-as se estas mostram, pela pouca adherencia, estar proximas a cahir. Lembra-me que me foi mostrado um fellah

invalido, arrastando uma perna que a aza de uma avestruz havia quebrado na lucta. No parque de Heliopolis ha mais de trezentas aves. A femea é muito menor do que o macho e as suas pennas acinzentadas e curtas não têm valor apreciavel. É um animal intelligente; ao pôr os seus grandes ovos, para chocal-os, escolhe um lugar ligeiramente inclinado, eleva ao redor delle uma pequena muralha de areia, só tendo uma abertura na direcção do declive para escoar-se a agua da chuva, que cahindo-lhe sobre a dorso, escorre-lhe pela cauda como por uma gotteira, sem prejudicar a ninhada, que, durante a incubação, necessita de uma temperatura quente e uniforme. Os ovos estam sujeitos a accidentes e perdem-se muitos delles.

O proprietario de estabelecimento de Heliopolis estudou muito e com intelligencia notavel, a questão das avestruzes; e, convencido de que o clima do medio Egypto era o propicio ao desenvolvimento dessas aves, trouxe do Sudão, ha poucos annos, alguns casaes que installou nos cercados da sua vivenda, que ao fundo de um jardim, encoberta pelas

trepadeiras, mostra a sua varanda na frescura da sombra onde vêm se cadeiras de bambú e *chaises-longues* sobre o assoalho limpo e branco. O problema da alimentação das avestruzes foi o primeiro que tractou o nosso homem de resolver; n'uma extensa horta ha grandes canteiros de couves destinadas a servirem de salada; na terra preta em que a agua do Nilo é recolhida para formar uma lagoasinha que fica a coser ao sol, pullulam logo os vermes que servem para azotar a alimentação das avestruzes que recebem rações diarias de milho; a avestruz ingere com esta alimentação, uma prodigiosa quantidade de areia, de pequenos pedregulhos que estimulam-lhe o estomago e fornecem-lhe o calcareo necessario para a casca do ovo a qual tem, às vezes, tres millimetros de espessura. Vi um balde cheio com oito kilos de areia e de pedrinhas extrahidas do bucho de uma avestruz morta havia pouco tempo.

No Egypto, a incubação artificial dos ovos é conhecida e practicada desde a antiguidade a mais remota. O amavel Suisso resolveu applical-a aos ovos das avestruzes. Installou

um calorifero n'uma pequena casa de madeira, e collocando os ovos sobre camadas de algodão em rama, nos gavetões de umas grandes caixas, pol-os em communicação com um tubo que distribue, de uma caldeira, calôr com a intensidade e humidade convenientes. O quarto da incubação é conservado numa obscuridade quasi completa e a temperatura graduada, segundo as horas da dia e as indicações de um thermometro exterior, para evitar o nocivo excesso do calor. Começou o homem a esperar pelo resultado, mas com desespero ia verificando, á medida que expirava o prazo da incubação, que todos os ovos goravam; o infeliz não podia atinar com a causa do insuccesso, para elle um verdadeiro desastre em vista das grandes despezas que a installação lhe havia custado. Já ia desistir da empresa quando lembrou-lhe que, repousando as incubadoras sobre um assoalho de taboas elasticas, devia estar sujeito a uma certa trepidação causada pelo andar dos empregados. Esta falta de immobilidade prejudicava o desenvolvimento do ovo. Arrancou as ta-

boas, assentou as incubadoras sobre uma espessa camada de arêa que impedia a trepidação e o successo o mais completo corôou os seus esforços. Para verificar o estado do ovo e saber se está chegado o momento de quebral-o a martello, leva-o para um quarto inteiramente escuro e mette-o numa abertura da parede por onde, atravez de um vidro, passa a luz do sol; todo o ovo torna-se transparente e se está bastante adeantado, vê-se-lhe dentro a pequena avestruz dobrada sobre si mesma com as patinhas sobre os olhos, na attitude de meditação propria dos pensadores. Pela experiencia sabe-se já o momento proprio e de um golpe de martello, parte-se a casca grossa e rija do ovo tendo cuidado em não offender a avestruzinha que, toda molhada, é extrahida e deitada no ninho quente de uma gaveta aquecida. A operação faz-se pela manhã e no mesmo dia, as aves recemnascidas são levadas para ar livre; n'um terreirosinho arenoso ellas ensaiam ao sol os primeiros passos e logo debicam as hervas e as gemmas d'ovo picadas, dando pios de conten-

tamento. Cada dia prolonga-se mais a estação da ninhada ao ar livre; quando chega a certo pórte já não volta para as gavetas, é apenas recolhida a um abrigo destinado á infancia onde vivem até á idade em que se misturam com as outras aves, nos parques communs. Estes parques têm divisões bastante altas e fortes para resistir as patadas e bicadas formidaveis dos seus moradores. Não se faz idea do aspecto bellicoso e terrivel que tem o macho da avestruz sudaneza; o longo pescoço estica-se e parece uma lança; o corpo é coberto de pennas pretas e na parte posterior, de um ramalhete frisado de grandes plumas brancas; o peito é nú e as coxas vermelhas, depennadas, enormes, como dous presuntos, dão ao animal um aspecto phantastico que augmenta pelo andar sacudido para frente sobre as duas pernas compridas e se a colera excita-o sólta, não um pio, como se devia esperar de um passaro, mas, positivamente, uma especie de rugido abafado, surdo e profundo.

O estabelecimento de Heliopolis funcciona ha dous annos e as avestruzes que hoje

existem nelle sahiram quasi todas da incubadora aperfeiçoada e foram creadas num estado de domesticidade a que até agora não se havia, em parte alguma, conseguido sujeitar aquellas aves selvagens. O proprietario crê poder, em pouco tempo, attingir o numero de duas mil avestruzes. Tem gasto um capital que não chega a 200 mil francos e só no primeiro anno teve um lucro de mais de 40 o/o. Se continuar a moda das plumas de avestruz, se o Sudão conservar-se fechado ao commercio como, infelizmente, tudo faz prever, o Suisso de Heliopolis fará uma grande fortuna porque augmentará indefinidamente as proporções de uma industria em que não tem concurrentes, por ora, pois só muito estudo, muita perseverança e experiencia, podem garantir as condicções de successo em que elle hoje se encontra. O homem tem tal enthusiasmo e tal amor pelas avestruzes que procura descobrir-lhes outras qualidades alem da de fornecerem as vistosas plumas que ornam as cabeças das elegantes. Se a avestruz puder domesticar-se completamente como outras

aves, pensa elle que os ovos poderão servir para a alimentação e a ave gigante será utilisada já como animal de carga já como cavalgadura.

Não estando ainda estabelecido esse novo systema de equitação, contento-me com o burrinho que espera-me á porta do jardim do meu Suisso, que me accompanha gentilmente até á sahida, Aperto-lhe a mão, agradecendo-lhe toda a sua bondade e tomo, a galope, a estrada do Cairo.

SAQQARAH

Depois de algum tempo de demora no Cairo, é que o viajante deve emprehender a excursão da necropole a que a aldêa de Saqqarah deu o seu nome. A vida oriental do Cairo já lhe appareceu em tudo quanto tem de pittoresca, nos seus costumes que resistem ainda á invasão do Occidente, no quadro admiravel da arte sarracena e da natureza egypcia onde, o contraste das civilisações que se encontram é a occasião de um estudo e de uma observação sempre interessantes.

Às seis horas da manhã, depois de uma boa galopada em burrinho, chega-se á estação do caminho do ferro onde toma-se o trem para a estação de Badraschim, ao sul do Cairo. Com os touristes embarcam os drogmans, os burrinhos que resistem, teimando em não entrar nos wagons para onde os puxam, com grande alarido, os seus

pequenos conductores fellahs para quem a desordem do embarque é uma festa divertida. Depois de uma longa demora, o trem pôe-se vagarosamente em marcha, margea o Nilo que brilha ao sol, passa ao lado de grupos de palmeiras e chega finalmente á estação onde ha nova algazarra; cada um consegue o seu burrinho e cavalgando-o, deita-se a caminho da necropole.

Badraschim é um nome formado de duas palavras que significam *lua velha*. O José biblico, depois de ser já por muitos annos o ministro poderoso do Pharaó, passou um dia, na grande pompa de um cortejo, pelo lugar onde está a aldêa de Badraschim. A mulher de Putiphar, que nesse tempo já era uma velha, ao ouvir o som dos tambores, das flautas e das acclamações que acompanhavam a passagem do ministro, correu á porta da casa que habitava e reconheceu o filho de Jacob. As lagrimas vieram-lhe aos olhos e approximando-se de José, perguntou-lhe se a reconhecia. Usando este da formula egypcia correspondente ao nosso — Não ligo o nome á pessoa, — a mulher de Putiphar

disse-lhe : — Olha bem o meu rosto, meu filho!...

Continuando José indeciso, Zuleika, é o nome que lhe dão os contos arabes, disse-lhe redobrando de lagrimas :

— Tu tens razão em não me reconheceres; o meu rosto era formoso como a lua e a lua agora é feia e é velha!

Deste episodio vem o nome de Badraschim.

Perto da estação ha um grande bosque de palmeiras. No Egypto, não ha mais bellas nem maiores que as de Badraschim. A palmeira do deserto, assim como o leão do deserto, não passa de figura poetica; o deserto propriamente é na verdade... deserto. O leão e a palmeira não habitam-lhe as arêas ardentes. E' necessaria alguma humidade para entreter a vida alias tão sobria da palmeira que parece alimentar-se de ar e de sol; é preciso haver alguma sombra servindo de abrigo á caça para a leão poder viver. E' porisso que nos oasis onde os pennachos das palmeiras fluctuam ao vento, escolhe morada o leão. O Egypto é um duplo oasis extenso e estreito

cortado ao meio pelo Nilo; o leão é hoje desconhecido no paiz; o rei dos animaes, de grande juba, cauda retorcida e olhos esbrazeados, imprimindo a enorme pata na arêa que cerca uma palmeira, é scena que hoje só se vê nos tapetes dos salões sul-americanos, nas casas em que uma gaze verde ou côr de rosa cobre os pingentes dos lustres. Mas se o leão passou ao estado de legenda, a palmeira é o ornamento sem rival de toda paizagem do Egypto. Os scepticos Europeus descobrem-lhe muita semelhança com um espanador e exprobam á palmeira o não dar sombra n'um paiz em que o sol é abrasador, cousa que, por parte da natureza, parece um gracejo de máo gosto. No emtanto, estam os livros cheios dos louvores da palmeira; alem das comparações dos poetas orientaes, ha os elogios que os botanicos e os sabios tecem á delgada habitante da margem do Nilo. Do coqueiro da India, diz o jesuita Afonso da Costa que «com o que sahe d'aquella palmeira, se póde pôr no mar uma embarcação a vela com todo o necessario de casco, mastros, vergas, vellas, cordas, amarras, ancoras, agoa, vinho, azeite,

vinagre, mantimento e doce. » Da tamareira egypcia não se pode dizer tanto, mas os mil misteres para que servem as suas raizes, o seu tronco, as flôres, as palmas e sobretudo a tamara adocicada e carnuda que tanto figura na alimentação indigena, justificam a consideração em que são tidas as palmeiras; ha dellas uma estatistica minuciosa e correcta; o fisco sabe quantas existem em cada districto e cada uma é objecto de uma taxa que no Egypto é percebida pontualmente, como todas as outras, graças ao efficaz processo administrativo das bastonadas que o ministro do fazenda no Oriente não tem querido abandonnar. O indigena procura sempre conservar as palmeiras que recebeu em herança; os viajantes não fallam nas plantações de palmeiras novas e, cousa curiosa, nunca se avista uma palmeira pequena. E' quasi a gente levada a crêr que as palmeiras surgem da terra já grandes e feitas. As palmeiras, em geral, não vivem isoladas e na epocha da florescencia, quando dos pennachos verdes pendem as flôres em cachos brancos e amarellados, o fellah cauteloso não fia-se das suas arvores,

do vae-vem dos insectos nem do sopro serviçal da brisa; trepa elle mesmo ao tópe de uma palmeira, corta-lhe um ramo das flôres esbranquiçadas e vae sacudir-lhes o pollen nos calices entreabertos de outras palmeiras que só fructificam depois da operação. Este regimen artificial de fecundação parece ser muito commodo para as palmeiras; por occasião da invasão franceza, as desordens do momento impediram a operação costumada; houve uma gréve de palmeiras e nesse anno as tamaras não appareceram, como se, por patriotismo, as arvores quizessem negar seus fructos aos estrangeiros.

As palmeiras dos arredores de Badraschim enfeitam umas pequenas elevações de terra ennegrecida, as ruinas de Memphis. Os camelos carregam em cestos aquella terra que mulheres e creanças levam tambem á cabeça em cestos menores; a pequena caravana passa sob o bosque das palmeiras, levando a velha terra de ruina, embebida de limo, para os campos cultivados da visinhança.

Num ponto chamado Myt-Rahyneh torna-se mais frondoso o bosque de palmeiras cujas hastes inclinadas, direitas e ás vezes torcidas, parecem entretecer-se confusamente quasi que juntando-se umas ás outras na approximação da folhagem verde. Ahi, da agua da inundação passada resta uma grande poça formando um lago de lama esverdeada e vê-se como que um monstro marinho encalhado no lodo. É um colosso de granito rosado, cujas formas gigantescas adevinham-se e que tem o rosto enterrado na vasa em que immerge até ás orelhas. O colosso em tão incommoda posição representa Ramsès II, o grande Sesostris. As patas ligeiras dos burrinhos salpicam ainda de lama o flanco do conquistador, quando o touriste tange a sua cavalgadura, desejoso de chegar á pyramide de degráos que se avista perto e que marca uma dos necropoles de Memphis. Em poucos minutos transpõe a região da verdura e das palmeiras. O terreno que extende-se em seguida é o verdadeiro deserto; os degráos uniformes da pyramide tornam-se mais distinctos, mas o caminho é longo, o sol ardente

e o monumento parece estar sempre mais longe. Afinal chega-se-lhe bem perto, dá-se-lhe a volta. Continua sobre a arêa cada vez mais fina, extendida em lençóes cada vez mais espessos, ou levantada em monticulos, um caminho incerto e longo que deve guiar ao subterraneo onde Mariette descobrio a sepultura de uma porção de bois Apis e a situação de muitos hypogeos e monumentos. Para preserval-a do canivete, do martello da Ingleza curiosa, dos insultos do Americano barbaro que insculpe por toda a parte o seu nome obscuro, Mariette fez recobrir de novo de arêa a maior parte das entradas dos sepulchros, as estatuas e as construcções que tanto lhe custaram descobrir. Das tres galerias destinadas a servir de tumulo aos Apis uma só é visivel. Turmas de Inglezes e de Inglezas precipitam-se pelo estreito corredor atraz de um cicerone. Uma vez dentro do longo subterraneo, o grupo dos touristes tagarellas brandindo velas accessas, o que faz no escuro uma illuminação inesperada, dirige-se apressado para o extremo da galeria. Então começa a revista dos enormes sarcophagos de gra-

nito depositados em grandes cavidades lateraes, uns partidos, todos com os grandes tampas tombadas, quebradas ou afastadas. Os touristes da caravana Cook dão grandes gritos de admiração, levantam com os pés nuvens suffocantes de uma poeira fina triturada pelos seculos e em cujo cheiro acre a gente quer adevinhar um sabor de Deus Apis em pó. As velas derretendo-se pingam sobre os dedos, os pé tropeçam em pedras, o *drogman* a todo momento previne o seu amo do perigo de cahir no buraco de um sarcophago e é com muito prazer que sahe a gente do subterraneo embora doam-nos os olhos com a terrivel reverberação do sól sobre as arêas.

Não muito longe do subterraneo dos Apis visita-se um hypogeo conhecido pelo nome de sepulchro ou *mastaba* de Ti. No fim de uma descida arenosa e ingreme ha uma tosca porta de madeira vedando a entrada de uma galeria aberta no rochedo. Um Beduino, que é o guarda do local, abre a porta com a chave de páo usada no Egypto; accendem-se as velas e penetra-se na galeria que aprofunda-

se no solo. A pedra branca e lisa das paredes lateraes e do tecto, polida como um estuque, apresenta-se coberta de pequenos hieroglyphos entalhados e coloridos com uma nitidez de córte e uma conservação de côres que parecem indicar ser de hontem aquella obra de arte feita ha dezenas de seculos. A decoração deste sepulchro nada tem de funebre. Na galeria, na camara que se lhe abre ao lado e que era destinada a desnortear os que tentassem profanar o tumulo, as pinturas representam scenas da vida do defuncto : mulheres dansam deante delle, musicos tocam os seus instrumentos , accompanhando cantores. N'outro ponto a pintura representa uma caçada ou uma pescaria. Alem, vê-se uma paizagem : as vaccas atravessam um váo; bois, cabras são tangidos por um escravo. Vêm em seguida as scenas agricolas; a ceifa do trigo que, enfeixado é transportado nas costas de burrinhos antepassados dos que os touristes cavalgam hoje. A todas estas scenas preside o defuncto, ás vezes assentado, de pernas cruzadas, tendo na mão o bastão que symbolisa o dominio, outras vezes em pé sobre uma

barca que desliza no Nilo. Emfim, é toda a vida terrena do homem que, reduzido a mumia, foi escondido no recesso do hypogeu; uma pequena parte das pinturas do muro representa a morte e os funeraes do defunto. O tumulo de Ti é um dos mais antigos do Egypto e nelle nã o acha-se uma só inscripção, uma só esculptura allusiva a vida sobrenatural depois da morte. Representações com esse caracter só apparecem em monumentos muito posteriores.

Quando algum dos visitantes accende á sua vela um fio de magnesium, a luz intensa e clara illumina todas aquellas as miniaturas entalhadas e coloridas que ornam a parede. E o curioso é que todo aquelle trabalho era pelos os Egypcios condemnado ao mysterio. Uma vez prompto o tumulo, a sua entrada era cuidadosamente sellada e tudo ficava na treva que elles julgavam eterna. Só muitos seculos depois é que os povos conquistadores do paiz, profanando a morada das mumias, descobriram os prodigios da phantasia e da paciencia dos artistas do antigo Egypto.

Quem faz a excursão de Saqqarah descança

algum tempo numa pequena casa perdida nas arêas e que servio de morada ao archeologo Mariette.

Ahi, sobre as mezas de uma varanda, os *drogmans* extendem em toalhas o almoço dos touristes, trazido nos alforges carregados n'um dos burrinhos da comitiva. Ha sempre grande concurrencia de viajantes que sentam-se ao redor dos mezas ou deitam-se no parapeito largo da varanda. As rolhas estouram ao sahirem do gargalo das garrafas e os burrinhos, reunidos em conclave, á sombra de um muro, discreteam talvez sobre os assumptos do dia, emquanto uma Ingleza, de véo erguido, tendo numa mão um copo de *claret* e noutra uma coxa de frango, extende o seu olhar desbotado pela paizagem ardente ou considera a pyramide de Saqqarah recoberta de mantos de area nos degráos e com o seu aspecto de vetustez bem merecido porque, se não é a maior, é a mais antiga não só das pyramides como de todas as construcções humanas hoje existentes. Os touristes attacam com appetite o almoço, e a Ingleza, farta de contemplação, dilacera, á dentadas, o frango e esvasia o copo de Bordeaux.

AS PYRAMIDES DE GYZEH

O viajante, no Cairo, deve fazer um esforço sobre si mesmo para não ir, logo ao dia seguinte da chegada, visitar as Pyramides, cousa de que em primeiro lugar lhe hão de fallar, na volta, os amigos. Nos passeios ao redor do Cairo os tres triangulos pardacentos, destacados no deserto, apparecem-lhe a todo instante. Os guias de viagem que o touriste folhea têm paginas e paginas sobre os legendarios monumentos; nos sellos das cartas que elle escreve vê, azues, vermelhas ou amarellas as Pyramides tendo ao lado a cabeça da Esphynge. Mais de uma loja no quarteirão europeu tem pintadas as Pyramides na taboleta e entre os jornaes diarios do Cairo um chama-se *Les Pyramides*.

Finalmente chega o dia da excursão.

As tres e meia da madrugada o drogman

annuncia que o carro está á porta do hotel e que nelle já está o cesto de provisões. Na praça Esbekyieh ainda vêm-se accesos os lampeões de gaz; reina uma neblina espessa, humida e fria, que, ao redor das luzes, forma grandes aureolas amarelladas. Á força de *plaids* enrolados, consegue a gente accommodar-se, sem sentir muito o frio, no canto da meia-caleça, que se pôe em marcha, puxada por quatro cavallos que vão a trote, lançando pelas narinas novelos de vapôr. Tracta-se de chegar a Gizeh antes da aurora apparecer, para haver tempo de estar o viajante no alto da maior das Pyramides quando o sol despontar.

Que differença entre este prosaico passeio de carro e a narrativa dos viajantes! Chateaubriand contentou-se em avistar de longe as Pyramides, por motivo dos mil perigos que cercavam-lhes as proximidades sob a fórma de tribus revoltadas; Volney tem aquella pagina sem rival em que descreve as pyramides apparecendo a vinte leguas de distancia, avultando á medida que o viajante soffrego se approxima até têr a emoção que

lhe dá o tocar com a mão nas pedras amontoadas ha tantos e tantos seculos. O carro continua a rolar pelas ruas do Cairo; o rumor das rodas amortece-se de repente e torna-se surdo; é a passagem sobre a grande ponte de Kasr-el Nil. A neblina parece ser mais espessa là em baixo, onde adivinha-se o rio: uns pequenos pontos luminosos são as luzes dos barcos atracados á margem. Passada a ponte, sente-se o rodar da carruagem sobre um caminho mais igual que o chão das ruas exteriores do Cairo; as lanternas lançam uma luz incerta que clarêa, de um e de outro lado, os troncos das arvores de uma alameda, cuja ramaria sussurra com a brisa que me agita deante dos olhos a ampla roupagem do cocheiro, que lança, de vez em quando, um brado de animação dirigido aos seus cavallos, acompanhado do estalar do chicote. A neblina continua a passar-me deante dos olhos, como que dividida em pedaços pelos troncos das arvores symetricas. Parece tornar-se menos densa. Surge, de repente e ao lado, uma massa escura que se move compassadamente: é a grande carga de um

camelo que traz provisões para o Cairo. O cocheiro e o drogman respondem a uma saudação que lançou-lhes o conductor invisivel, que segue, a pé, atraz do seu animal. Finalmente o carro detem-se : uns vultos negros agitam-se ao redor e travam, em grandes brados, uma discussão com o drogman e o cocheiro : gritos, exclamações de ameaça cruzam-se nas modulações rouquenhas e colericas do arabe. Na impossibilidade de adivinhar do que se tractava, no meio da escuridão completa, o mais seguro era um silencio prudente, cheio de expectativa. Uns estalos significativos, uns golpes seccos, acompanhados de gritos mais vivos, indicaram-me que argumentos valiosos trocavam-se de lado a lado. Com effeito, o drogman apeára-se e entremeava as suas razões de algumas pauladas distribuidas aos desconhecidos, ao passo que o cocheiro vibrava o latego com mestria. A algazarra durou alguns minutos e cessou sem motivo, como tambem sem razão visivel se havia levantado.

O drogman approximou-se do carro e explicou-me muito naturalmente que estivera jus-

tando com uns beduinos da tribu, que tem o privilegio de fornecer os guias das pyramides, as condicções para a minha visita. Deixamos o carro; e ainda em completa obscuridade tomamos um caminho que disseram-me conduzir á Grande Pyramide que, até então, não enxergavamos perdida na neblina. Ao cabo de poucos minutos, avistei uns grandes blócos de pedra talhada, superpostos em degraós: poucos desses blócos alcançava com a vista para os lados e para o alto, a construcção sumindo-se na espessura do nevoeiro. A ascenção parecia arriscada e inutil nessas circumstancias: era preciso esperar.

Um *bachiche* fez com que o chefe dos beduinos abrisse a porta de uma casa do Kediva reservada aos principes visitantes das Pyramides, mas onde todo viajante póde descançar mediante o referido bachiche. Na vasta sala de jantar, onde, atravez dos vidros sujos, começava a entrar a luz pallida da madrugada, ha uns divans compridos junto ás paredes onde vêm-se pintadas ruinas de monumentos pharaonicos. O nevoeiro continuava denso e humido; não tive outro remedio

senão estirar-me sobre o divan desbotado, á espera da claridade para subir a Pyramide de Cheops. À porta, num terraço, os beduinos formados em róda, agachados, dentro dos seus mantos de listras pretas e brancas, conversavam baixo. Pela madrugada, o cansaço de uma viagem de carro incitava ao somno e só ás 9 horas da manhã despertei.

O espectaculo da aurora visto do alto da pyramide está perdido. Ainda ha bastante nevoa enrolando a pyramide, o que servio-me de consolo. O meu drogman entregou-me a uma malta de beduinos junto ao primeiro degráo, pedaço de pedra que me chegava ao pescoço. Um beduino segurou me por uma mão, outro noutra, dous collocaram-se atraz de mim empurrando-me, no momento em que os outros me puxavam. Isto no meio de um alarido selvagem e descompassado, floreado com expressões inglezas e francezas aprendidas com os *touristes* meus predecessores. No fim de cinco ou seis minutos impõe-se a necessidade de um descanço. Sento-me sobre uma das pedras, olho para baixo e vejo grandes lençóes de nevoa, sopra-

dos pelo vento, rasgarem-se nas aréstas da pyramide; para cima, a perder de vista, superpõem-se os degráos na inclinação do monumento; ao redor de mim um enxame de beduinos: os puxadores, os impulsores, um velho que tira-me pelas pernas para distender-me as juntas fatigadas pela violencia do exercicio, dous carregadores de bilhas d'agua e outros sem emprego definido. Felizmente, havia deixado a minha bolsa em poder do drogman e isto livrou-me da difficuldade de attender aos pedidos de *bachiche, bachiche*, com que ensurdeciam-me os taes habitantes da pyramide. A ascenção proseguio e, ao cabo de algum tempo, os meus beduinos largaram-me na plataforma final. Está claro, que em vão, procurei os quarenta seculos que a rhetorica de Bonaparte havia dado como residindo naquella altura. Passei pelo desgosto de não poder apertar as mãos daquelles senhores; e, como continuasse o horizonte velado pelo nevoeiro, guardei para quando elle se descortinasse os meus raptos intimos e admirativos, cheios da emoção que, ha longos annos, eu premeditava.

No chão do pequeno terraço formado pelos ultimos blócos da pyramide vêm-se gravados milhares de nomes. A grande maioria é de nomes inglezes. Vê-se o nome do principe de Galles, do imperador do Brazil, do principe imperial da Allemanha e, mais vistosamente, os da artista Jenny Lind, do prestidigitador Herrmann, do dentista Evans e de outras celebridades perdidas na confusão dos nomes obscuros. No centro eleva-se um mastro collocado recentemente e onde os touristes patriotas, por algumas piastras dadas aos beduinos, póde ter a satisfação de vêr arvorada a bandeira da sua nacionalidade. Assim, a bandeira vermelha da Inglaterra, o pavilhão estrellado dos Estados Unidos, os symbolos desfraldados de outros paizes succedem-se no mesmo mastro.

A nevoa se vae dissipando; no céo, já limpido, o sol rutila, mas embaixo só vê se um mar de vapor branco extendido sem fim; a Pyramide emerge delle como um rochedo immenso dentre as ondas; e, ao longe, surgem as alturas illuminadas do Mokattam. A inundação da neblina parece baixar; perto vêm-se as pyramides menores de Chephren

e de Mycerino. As arvores das margens do Nilo começam a destacar-se em manchas escuras, que vão esverdeando pouco a pouco; uns pontosinhos isolados são as palmeiras: de repente, um traço brilhante reluz como uma lamina desnudada: é um pedaço do Nilo reflectindo o sol. A neblina, adelgaçando-se, rasteja pelo chão, entreabre-se e deixa vêr pedaços do solo ondulado dos areaes do deserto. O vento, soprando, desfaz o nevoeiro e o olhar abrange o céu sem nuvens e o panorama illuminado formando um immenso circulo ao redor do espectador. Nas extremas do horizonte arregaçam-se os ultimos restos do nevoeiro desfeito e logo vê-se a linha distincta do deserto ondulando ao longe. As culturas apparecem em quadrados verdes, como se á margem do Nilo se houvessem extendido tapetes. A cidadella do Cairo apparece guardando a grande massa confusa da cidade. O silencio é absoluto; nenhum rumor attinge a extremidade da Pyramide; o olhar parece descer difficilmente pela encosta ingreme, em cuja base, como pontos negros, apparecem alguns beduinos.

Afinal é preciso pensar em descer; e os beduinos, que me haviam deixado tranquillo um instante, preparam-se para a operação inversa da que primeiro haviam feito — a descida, que, nas pyramides como em tudo o mais, segue-se sempre á ascensão. Mais um olhar em volta do panorama e sobre as pedras, que não é provavel que eu jamais torne a vêr e entrego-me aos meos conductores. Muito ridicula devia ser decerto a attitude de um myope arrastado ao abysmo por uma chusma de beduinos, obrigado a dar saltos prodigiosos com a rapidez de uma camurça. Napoleão, curto de estatura, comprehendeu tão bem a noção oriental da gravidade que compete a um chefe soberano que não quiz subir a Pyramide para não expôr-se ao ridiculo aos olhos dos arabes. Emquanto parte do estado maior fazia a ascenção, o general em chefe divertia-se em alinhar algarismos no seu livro de notas; em pouco tempo terminou um calculo pelo qual verificou que com a pedra empregada no grande monumento podia-se fazer um muro de não sei quantos pés de altura ao redor de toda a França.

A descida termina afinal e com muito prazer piza-se a areia-movediça, que entra pelos sapatos, mas que prova á gente estar deveras concluido o mais importante capitulo de uma viagem ao Egypto — a subida a Grande Pyramide.

Resta agora dar-lhe a volta toda e penetrar depois por uma abertura negra numa ingreme e estreita galeria descendente, que dá numa outra ascendente, feita para desnortear os profanadores do tumulo de Cheops, cuja mumia devia achar-se no fundo de um poço central. Uma poeira subtil levanta-se a cada passo aventurado nas galerias, que a luz branca e rapida da combustão do magnesium desvenda aos olhos do visitante, contente, sem duvida, de certificar-se que, apezar de todas as phantosiosas theorias em contrario, tem toda a razão a archeologia egypcia affirmando cathegoricamente que as pyramides foram tumulos e só tumulos. Na minha opinião, ninguem pintou melhor o interior da Grande Pyramide do que um velho e ingenuo chronista, contemporaneo das cruzadas, que julgava ser a pyramide um celleiro construido por José e que

chama a galeria interior de *lieu moult obscur et mal flairant*.

Os estudos admiraveis de alguns egyptologos têm provado ser falso tudo quanto se tem repetido a respeito da crueldade dos reis constructores das pyramides. Os pregadores e os demagogos que profligam, uns, a vaidade humana e, outros, a tyrannia dos reis, difficilmente hão de dar de mão a legenda da construcção das pyramides por uns soberanos monstruosamente perversos. Um inglez sustentou em não sei quantos volumes que a Grande Pyramide não é obra do homem mas uma simples brincadeira da natureza, *a joke of nature*. Esta theoria tem a palma entre as numerosas supposições phantasiosas, engenhosamente creadas para explicar a singular construcção, que, despojada do seu revestimento, como um fructo descascado, ha fornecido grande parte do material com que foi edificado o Cairo, ficando sempre um assombro de grandeza.

—

Depois da visita á Grande Pyramide, a

curiosidade ainda não se dá por saciada. Resta a Esphynge, que é uma dessas imagens que fallam a memoria de todos. Nas primeiras paginas dos atlas illustrados que folheam as creanças nos paizes civilisados uma das primeiras figuras é quasi sempre a da gigantesca cabeça de pedra, surgindo das arêas do deserto. Ir vêl-a de perto, tocal-a, é realizar um sonho infantil, é cousa que parece impossivel. A pé, em poucos minutos, chega-se da Pyramide ao rochedo esculpido que representa a cabeça da Esphynge, que, mutilada atrozmente, parece, á primeira vista, uma massa informe e monstruosa. Vêm-se-lhe as orelhas maiores do que um homem; numa das faces ha vestigios de pintura vermelha; e uma estratificação da rocha servio para facilitar o desenho da bocca que parece esboçar um sorriso. Que aspecto sorprehendente não devia ter aquella manifestação gigantesca de uma arte antiquissima, quando toda a Esphinge, cabeça, espaduas, garras, flancos, o corpo todo, estavam descobertos das arêas que, hoje, a occultam e quando o rosto perfeito conservava a indes-

criptivel expressão que apenas adivinha-se?

A Esphynge... essa era um deus, hoje é apenas um attractivo para os touristes. Os arabes chamam-na o *pae do terror* e porque em sentimento é o que lhes inspira aquella massa phantastica. Ha um grande monumento meio soterrado na areia e composto todo de blócos de granito e de marmore branco enormes, admiravelmente lavrados e juxtapostos. Ao redor das Pyramides, da Esphynge e desse templo extende-se uma vasta necropole, cujos tumulos enterrados na area são conhecidos dos archeologos que os estudaram. O viajante commum, que vae a Gyzeh só em busca de impressões, não mette-se pelos areaes procurando monumentos, que afinal não encontraria.

Passam-se rapidamente muitas horas nas pyramides. Durante o dia chegam alguns viajantes. Subindo a grande pyramide parecem, de baixo, formigas multicores, graças aos costumes claros, verdes, azues e as jaquetas de côr. Á tarde, a Pyramide está deserta; o sol, baixando, projecta-lhe na paiza-

gem a sombra immensa. A Esphynge tem, na sombra, o rosto voltado para o Oriente; as mutilações como que desapparecem no tom escuro. Todo o rosto toma uma expressão de grandeza tranquilla, harmonizando-se com a attenuação da luz e com o silencio da noite que se approxima, quando o sol parece rastejar sobre as arêas do deserto lybico, cujo horizonte incendêa-se no occaso.

O ALTO EGYPTO

EM CAMINHO DE FERRO. — A BORDO DO « FUAH »

A excursão ao Alto Egypto até á primeira cataracta do Nilo torna-se muito mais facil e curta ao viajante se, no Cairo, toma elle o trem de ferro que, pela margem do rio, leva-o rapidamente até Assiut. Ahi espera-o o transporte fluvial, quer seja a luxuosa dahabiaha fretada para uma viagem longa, quer seja o pequeno vapor postal que leva-o sem parar até Assuan, donde depois desce, detendo-se nos pontos de mais interesse, ao longo do curso do Nilo. O caminho de ferro do Alto Egypto, por causa das difficuldades financeiras do paiz, estacionou em Assiut, mas ha o plano de prolongal-o ainda mais para o

sul. Hoje elle serve uma região importante que o Kediva Ismael, proprietario quasi que exclusivo das margens do Nilo, pretendeu transformar, melhorando-lhe os canaes de irrigação, estabelecendo bombas a vapôr para extrahir agua do Nilo principalmente e fundando vastos engenhos de assucar.

Poucos minutos apoz a partida do trem, avistam-se as pyramides de Ghizeh, depois a pyramide de Saggarah, a de Dashour e a de Meydoum, que seguem por muito tempo o viajante, parecendo acompanhar, de longe, o comboio que corre levantando nuvens espessas de poeira vermelha. Essa poeira subtil e ardente penetra nos wagons, enche as depressões do couro acolchoado dos assentos, deposita-se em camadas douradas sobre a roupa, sobre as mãos e o rosto dos passageiros. Mal avista-se algum trecho da paizagem, toda encoberta, de um e de outro lado, pela dupla cortina da areia levantada. Quando o trem detem-se numa estação, póde-se respirar alguns instantes, sem absorver punhados de pó. Nas platafórmas ha sempre grande confusão; creanças choram, mulheres offere-

cem á venda laranjas e agua fresca em pequenos cantaros, tudo n'uma algazarra indizivel, até que um apito dá o sigual da partida do comboio. Então some-se aquelle ajuntamento multicôr de turbantes brancos, tarbouches vermelhas, camisas azues e braços e rostos escuros.

Logo entra-se na região assucareira: de vez em quando, avista-se uma fila de altas chaminés, unidas e desiguaes, lembrando uma gigantesca flauta de Pan; fumaradas brancas de vapôr, rolos negros de carvão ou pardacentos da combustão da palha da cana de assucar ennovelam-se no céo. São muitos os engenhos monumentaes erguidos no Alto Egypto. O de Minieh é um dos mais importantes. Seja, porem, a má administração ou seja outra a causa, esses engenhos, apezar de ser quasi nullo o preço da mão de obra, são estabelecimentos de valor financeiro muito mediocre. O assucar egypcio soffre com a concurrencia da beterraba: as machinas custaram preços fabulosos, o seu transporte e a sua installação enriqueceram a muita gente. Demais, a cana do Egypto, embora seja o solo de

grande fertilidade e o clima preste-se como nenhum á sua cultura, nunca é producto de primeira ordem. Se o solo é moderadamente irrigado, a cana não passa de uma comprida vara delgada, dura e cheia de nós, mas contendo ainda assim assucar numa proporção vantajosa: se a irrigação é abundante, as canas engrossam, os gomos tornam-se carnudos, mas a proporção de assucar é minima e a cana quasi que só contem agua. Como os fellahs cultivadores são obrigados a vender a sua cana aos feixes, é do seu interesse irrigarem bastante a terra para dar á mesma cana uma grossura consideravel; d'ahi, reclamações dos engenheiros estrangeiros que dirigem as fabricas e uma lucta que é interminavel, apezar das bastonadas e de outros meios de coerção de que dispõe o Kediva. Apezar de alguns engenhos não funccionarem, de outros não estarem concluidos e estarem destinados a não concluir-se, o engenho de Minieh é o centro de um grande movimento. Um pequeno caminho de ferro traz grandes cargas de cana; os camelos, chegando um a um, em fila, recebem enormes feixes que cobrem-os

inteiramente, deixando-lhes livres só as cabeças e vão largar a carga junto a uma grande prancha mobil, onde uma matulla de fellahs dispõe as canas ao comprido, para d'ahi passarem aos cylindros esmagadores que, extrahindo-lhes a materia assucarada, reduzem-nas ao bagaço, que, secco ao sol, serve de combustivel á machina poderosa.

—

O comboio do Cairo chega a Assiut á noite. O luar reflecte-se no Nilo que corre tranquillo. O *Fuah*, vaporzinho que faz o serviço postal do Nilo, pertence á empreza Cook & C.ª, a mais importante entidade do Egypto. Chega-se ao *Fuah*, passando-se por uma taboa que dá numa lancha, desta passa-se por outra e d'ahi finalmente sobe-se ao convez do vapor. As malas são arrumadas no centro do navio, sob a escada que sobe para a tolda. Dos cinco passageiros que leva o vapor até Assuan, quatro são jovens officiaes inglezes que vão, á pressa, juntar-se aos seus regimentos no Sudão: as sangrentas e morti-

feras batalhas feridas contra o Madhi, a noticia da quéda de Kartum e da morte do general Gordon, produziram um grande movimento no exercito inglez de occupação. Tres dos officiaes vinham directamente de Londres, os outros destacaram-se da guarnição do Cairo.

Devemos partir de madrugada. Todos já estam installados nos seus camarotes; e, depois de um jantar summario, os passageiros sobem á tolda para gozar da frescura da noite, que tão agradavelmente havia succedido aos ardores do dia.

O reflexo tremulante da lua sobre a agua lança atravez do Nilo uma faixa dourada. A corrente rumoreja no costado do navio immovel; os officiaes silenciosos estam sentados num banco, fumam, a viseira dos capacetes de linho branco sombrêa-lhes os rostos; ávante, os passageiros de 2ª classe, pobres fellahs ou Nubianos que voltam para a sua terra, embrulhados em cobertas, formam um amontoado confuso e sombrio, donde ouve-se sahir o rythmo de um surdo resomnar; o tenente coronel inglez, alto, magro, moço ainda

e tendo na physionomia aquilina um tom de admiravel energia, começou, a grandes passadas, a ir de um extremo a outro da tolda, fazendo ranger as solas e o cano das grandes botas novas de couro branco. Um dos officiaes apoiou-se sobre um rolo de cabos, esteve muito tempo a olhar para o rio e, como a lua dava-lhe em cheio no rosto, vi brilharem-lhe as lagrimas que lhe corriam dos olhos.

A BORDO DO « FUAH »

DIARIO DE BORDO

28 de fevereiro 1885. — Quando acordei, o *Fuah* subia o Nilo havia algumas horas. Fui depressa para a tolda contemplar a paizagem. O horizonte tem, como limites, á direita, o deserto libyco, alem de um faixa verdejante mais ou menos larga, separada nitidamente, sem transição, do areal immenso. No primeiro plano, na terra cultivada, elevam-se milhares de palmeiras. Á esquerda, a margem é escarpada, arida, entrecortada por vezes de pedaços verdes e cultivados; sempre palmeiras e, muito mais ao longe, as ondulações afogueadas do deserto, que extende-se até ao Mar Vermelho. Entre estas duas fitas de paizagem corre a agua amarellada do Nilo, brilhando ao sol. Costeando ora uma, ora outra margem, o *Fuah* vae batendo prosaicamente com as pás das suas rodas a agua que sulcavam as barcas dou-

radas dos Pharaós e sólta no ceu, em que elevavam-se então as volutas do incenso e dos perfumes da Arabia, as pretas fumaradas de uma chaminé vulgar.

O vapor é bastante commodo; consolo-me facilmente de seu prosaismo. Demais, o Egypto é hoje inglez. Aqui, na sala de jantar onde escrevo, desde o tenente-coronel de *highlanders*, que escreve deante de mim, servindo-se de um apparatoso *writing-desk* de couro da Russia, até o vidro de conservas que vejo no aparador, tudo é inglez.

—

1.º *de março.* — Esta manhã partimos de Girgeh, onde o *Fuah* passou a noite atracado á margem. A paizagem de hoje é a mesma de hontem; á noite chegaremos a Keneh.

A pequena janella em frente á meza donde escrevo dá para a margem esquerda do Nilo, que costeamos de perto: é um pequeno quadro que vae mudando de instante em instante. Apparecem casas construidas de palha e de lama reseccada; umas palmeiras dão sombra

á pequena aldêa, que, d'aqui, parece risonha, mas que, sem duvida, é infecta como toda agglomeração de vivendas fellahs. Uma nuvem de pombos levanta o vôo de uma casa quadrada que termina num terraço, onde ha, como que encastoada, uma porção de potes de barro branco ; esses pombaes são, ás vezes, as maiores e melhores construcções das aldêas. O vapor diminue a marcha e approxima-nos da barranca, cuja terra escura, corroida pelo Nilo, racha-se, prestes a desmoronar. Parámos : cães descem até á beira d'agua e latem ao vapor. Sobre a barranca, destacando-se no azul, vejo uns fellahs que se approximam ; um Arabe segue tranquillamente montado no seu burrinho. Ouço as vozes das creanças que, da margem, pedem *bachiche* com entonações meio supplicantes, meio galhofeiras. A demora foi de poucos minutos e agora só nos deteremos em Keneh.

—

Chegamos tarde a Keneh. A visita ao templo de Denderah, na margem opposta, ficou

addiada para a volta. Vamos passar o resto da noite aqui. Na companhia de dous dos officiaes inglezes mais communicativos, desembarquei; e, para aproveitarmos o luar, demos uma galopada, em burrinho já se vê, até á povoação de Keneh, que fica um pouco distante. Em alguns minutos transpuzemos a distancia: a areia espessa formava um tapete molle para as patas dos burrinhos, por entre os grupos de palmeiras. Os nossos guias propuzeram-nos uma visita ás *almées* de Keneh, lugar onde refugiaram-se muitas dellas, depois que foram expulsas do Cairo por uma ordem do vice-rei; tractava-se de assistir a uma das dansas afamadas dessas mulheres, que perpetuam no Egypto os ritos e a tradição das bacchantes antigas. Deixamos os burrinhos, entramos por umas ruas estreitas e escuras, subimos, descemos, tornamos a subir, a descer e afinal achamo-nos junto a uma casa miseravel, onde, depois de muita gritaria de dentro e de fóra, de pancadas na porta, foi-nos esta aberta. Uma candêa fumarenta tentava allumiar um canto; uma velha, typo acabado de megéra, fez-nos subir a uma especie de terraço e ahi entramos

num quarto onde havia dous divans de feitio meio europeu, lustrosos do attrito e de um verniz gorduroso, egypcio authentico. Depois de um grande debate entre o drogman e a megéra, foi preciso mandar comprar velas e chamar os musicos. Vieram : as velas eram de sebo e os musicos, um velhinho secco carregando um tambor, dous latagões com duas especies de contrabaixos de formas extravagantes e um terceiro brandindo uma flauta. Os musicos sentaram-se no chão, junto á parede, descansaram os instrumentos, trançando as pernas, o que começou a dar á scena uma apparencia um pouco oriental. Novo debate entre o drogman e a megéra : era preciso mandar comprar não sei que bebida destinada a excitar o ardôr choregraphico das encantadas alméas, que não appareciam : vá pela pinga. Entrou então uma rapariga, de olhos e cabellos pretos, já se vê, e de uma tez escura. Vinha bocejando, porque haviam-na acordado para a funcção. Apertou-nos as mãos, á ingleza, dirigio-se para um dos divans e começou tranquillamente a fazer a sua *toilette*. Vinha descalça e vestida de uma cami-

sola branca. Para fazer-se elegante calçou umas meias de lã e umas horrorosas botinas de duraque; metteu umas calças largas, sobre as quaes deixou cahir de novo a camisola; pôz á cabeça uma especie de grande cabelleira que cahio-lhe pelas costas, numa cascata de moedas e de ornatos dourados; passou ao pescoço um collar do mesmo genero, pendente até a cintura e amarrou por baixo dos seios uma larga cinta azul. Extenderam no chão um velho tapete. Entrou outra alméa já paramentada. Rompeu a musica dos instrumentos de corda, do tambôr e da flauta e seguindo-lhe a cadencia vagorosa, ás vezes precipitada, começaram a dansar as alméas. Com as cabeças atiradas para traz, os grandes olhos abertos, adeantavam-se uma para a outra, volteavam, cruzavam-se e separavam-se de novo. Isso na mais completa immobilidade do busto, emquanto que, ao estalar estridente das castanholas de metal, tudo que vae da cintura aos pés contorce-se e destorce-se a valer — *vibrabunt sine fine prurientes lascivos docili tremore lumbos*, diz um pudico *Guia de Viagem* recorrendo a uma phrase de Marcial. No

pequeno quarto, os sons da musica atordoavam-nos, o fumo dos cachimbos dos assistentes escurecia a luz das velas, as alméas suavam em bicas e, de vez em quando, interrompiam a dança para tomarem largos tragos da bebida alcoolica que lhes serviam nuns pucaros de loiça. Levantamo-nos para partir: a megéra e o drogman insistiram para que ficassemos; tractava-se de vêr não sei que singularidade choregraphica, reservada para o fim. A atmosphera era horrivel; o drogman pagou o preço convencionado e com delicias respiramos o ar fresco da noite.

—

2 de Março. — Continuou hoje a desenrolar-se deante dos nossos olhos o panorama do Nilo. Durante o dia, tocamos por alguns minutos em Luxor. Vimos as grandes columnas de um templo, a ponta de um obelisco, palmeiras e grande animação na margem do rio. Desembarcaram muitos passageiros da 2ª classe; entraram outros. Embarcou um passageiro europeu: um rapaz, corcunda, de oculos de

ouro. Travei conservação com elle: é um graduado de uma das escolas superiores de Vienna. Falla perfeitamente muitas linguas, inclusive o arabe. Faz uma viagem de estudos archeologicos por ordem do Museu de Vienna, dedica-se no Egypto á copia e á traducção dos hieroglyphos. O *Fuah* está mais animado, os officiaes inglezes, a medida que adeantam a a viagem, despreoccupam-se dos perigos que os esperam na terrivel guerra do Sudão.

Á noite, atracamos junto a Esneh. Vimos, á luz de archotes, uma grande sala meio soterrada, onde, pela primeira vez e de perto, foi-nos dado admirar a construcção de um templo egypcio, rodeado de enormes columnas de capiteis de flôres gigantescas. Um tenente inglez, decerto saudoso frequentador de Covent-Garden, entoou o — *Morir si pura e bella*, da *Aida*. O doutor viennense apenas deitou um olhar, da parte de fóra, para o templo que via pela primeira vez. Disse-me que o templo nada valia: todos os seus hieroglyphos já tinham sido copiados e traduzidos. Bella cousa, a sciencia!!

—

3 de Março. — Esta manhã avistamos cedo as duas grandes linhas horizontaes dos pylonios do templo de Edfu, que foi erguendo-se, pouco a pouco, até o *Fuah* ancorar perto delle. Minutos depois, os passageiros transpunham a entrada do templo, depois de lançarem um olhar ás immensas figuras hieraticas, gravadas na face externa dos pylonios n'uma solemnidade de desenho e de postura que lembram Puvis de Chavannes. A conservação do templo é admiravel: ha poucos annos foi elle desentulhado; e os visitantes percorrem hoje o grande pateo, passam entre as columnatas e penetram no sanctuario, onde um grande monolitho de granito cinzento, em fórma de nicho, está vasio da imagem ou do symbolo que guardava. Nas folhas dos capiteis, nas azas do milhafre sagrado esculpido nos porticos vêm-se ainda muitos pedaços, conservando o colorido vermelho, azul, verde e até os vestigios do dourado. A monochromia externa dos edificios é quasi um dogma architectonico para muita gente e eu ainda tenho na memoria algumas das paginas admiraveis em que Charles Blanc desenvolve a theoria monochromica da

architectura. Mas aqui, neste céo sempre azul, com este sol sempre rutilante, a côr é a vida dos monumentos. Facilmente imagino o templo de Edfu, revestido ainda dos seus ornatos coloridos e o effeito devia ser deslumbrante.

O calôr tem estado abrazador e o sol implacavel. Os louros officiaes inglezes, que embarcaram ligeiramente rosados em Assiut, têm passado por um processo de cocção, já muito adeantada. O calôr parece augmentar num lugar em que o rio se estreita e ónde as cadêas libyca e arabica, que até então seguiram-nos de longe, approximam-se de repente do Nilo, como que querendo juntar-se. Nesse ponto, Gebel-Silsileh, ha umas pedreiras celebres, donde os egypcios antigos tiravam materiaes para as suas construcções. Nessas pedreiras, que avistam-se numa certa altura da margem direita, vem-se os vazios produzidos pela extracção dos grandes blócos, com as paredes lizas, as aréstas nitidas, denotando uma prodigiosa e paciente perfeição no trabalho. Nos rochedos desse estreitamento do rio ha inscripções antigas, hymnos em honra

do Nilo, monumentos commemorando na pedra algum facto memoravel.

Divertimo-nos a bordo em *conversar* com os passageiros de 2ª classe, que passam todo o dia meio-deitados ou sentados de pernas cruzadas sobre uns pedaços de tapetes, debaixo de uns chales que, para abrigarem-se do sol, amarram ao cordame do navio. Dissemos-lhes as palavras e as phrases mais disparatadas que achamos num pequeno vocabulario inglez-arabico, destinado ao uso do exercito inglez de occupação. E' muito curiosa a expressão de riso e de admiração do fellah.

Tem este pobre barco um commandante (*reïs*) arabe e são da mesma raça todos os homens da tripolação. Como a estação já está muito adeantada e o rio baixo, de vez em quando, encalhamos. Imagine-se a impaciencia dos europeus que vão a bordo; faz-lhes sobretudo raiva a indifferença dos homens da equipagem. Com todo o vagar sondam, servindo-se de uns longos varejões, consultam entre si sobre o que devem fazer e, em côro começam a invocar o auxilio do Pro-

pheta desde que mettem mãos á tarefa de desencalhar o barco: — *Sallâ Nabi!! Sallá Nabi!!* Graças a essas jaculatorias combinadas com o esforço da machina safamo-nos da arêa.

Desço agora da tolda, onde estive vendo os musulmanos fazerem a sua ultima oração do dia. Por ultimo, só um velho continuava a sua prece: de pé, voltado para Mécca, o seu vulto alto e magro destacava-se sob o ceu pallido da tarde. As suas prosternações eram tão solemnes e convencidas, tão grave e simples a sua compostura que, realmente, os christãos devem aprender dos musulmanos o fervor na oração. — Estamos outra vez encalhados. — *Sallâ Nabi!! Sallâ Nabi!!*

—

4 de Março. — Hoje, ás 11 horas da manhã, devemos chegar a Assuan, que está a poucos kilometros abaixo da Primeira Cataracta. Termina ahi a minha excursão pelo Nilo acima.

Os minaretes de Assuan apparecem ro-

deados de palmeiras; em frente, vê-se a ilha de Elephantina, onde erguem-se outras palmeiras. O *Fuah* atraca junto a umas lanchas e, passando por ellas, os passageiros podem pôr pé em terra.

O bazar de Assuan era afamado pelos artigos vindos da Africa Central: pennas de avestruz, marfins, essencias, etc., etc. Hoje, a revolta permanente do Sudão tornou impossivel a exportação desses artigos e o bazar está quasi vazio. A população, que em grande parte é já de Nubianos, parece viver num estado de pobreza lamentavel.

Os antigos julgavam que Syena, hoje Assuan, estava exactamente sob o tropico de Cancer. Syena foi o lugar do exilio de Juvenal, mas a sua maior nomeada vem-lhe das pedreiras celebres, utilizadas para a extracção do notavel granito rosado de Syena pelos Pharaós, pelos Ptolomeus e pelos Romanos. Hoje vê-se ainda um enorme obelisco lavrado, adherindo ao rochedo por um dos lados; a obra foi deixada em meio ha muitos seculos e com certeza não será agora que ha de ser ella concluida.

O *Fuah* detem-se em Assuan, não podendo transpôr a cataracta. Um pequeno caminho de ferro, passando pelo deserto, ladêa o obstaculo e, acima, pára na margem do Nilo, em frente á ilha celebre de Philæ. Descemos do wagon: um vaporzinho, de promptidão, esperava os officiaes inglezes para transportal-os até a 2ª cataracta, donde proseguiriam, a toda pressa, para juntar-se aos seus regimentos em operação contra o Madhi. Apertei commovido as mãos daquelles bravos e jovens militares, desejando lhes a fortuna de escaparem aos golpes dos sudanezes. De Assuan vieram dous touristes, dous allemães. Entramos numa barca que nos transporta do outro lado e desembarcamos na ilha de Philæ, que é incomparavel. Os rochedos negros como onyx amontoam-se phantasticos. O mais audacioso dos scenographos não era capaz de imaginar taes fórmas e taes aspectos. Entre esses rochedos que alteam-se ou que extendem-se no rio, fluctuam os pennachos verdes de centenas de palmeiras. O rio, de um azul escuro, corre precipitado; as columnas, as architraves, os terraços

dos templos riscam, recortam e sublinham um ceu sempre azul e luminoso, ao ponto de communicar ás ruinas uma côr dourada inolvidavel. Fazer uma visita a Philæ é errar entre as columnatas, passar sob os porticos monolithicos, subir aos mais altos dos terraços, correr as galerias, penetrar nas camaras obscuras e descer as escadarias rôtas que do templo levam ao Nilo. E as ruinas são povoadas de deuses com cabeças de passaros, de figuras rijas e gigantescas na multidão dos entalhes, enfaixadas nas longas listras dos hieroglyphos. No alto dos porticos vem-se ainda pintadas, em côres que perduram, as immensas azas abertas de uma ave symbolica; e alguns dos capiteis, enfolhados n'uma combinação de verde, de vermelho e de azul, têm o aspecto de grandes flôres phantasticas.

Quando é preciso descer do alto do pylonio, onde a vista admiravel prende o viajante, elle lança um olhor para o sul, para a Nubia, para a Africa mysteriosa e sente uma impressão indizivel, verificando que d'aquelle ponto deve retroceder e que está no começo da volta. Antes de partir lê a inscripção, solemne

na sua simplicidade, commemorando numa parede da entrada do templo a chegada dos soldados de Desaix á ilha de Philæ. A volta para Assuan deve ser feita pela cataracta: muitos viajantes fazem pavorosa descripção dos perigos dessa descida.

Apenas afastamo-nos de Philæ numa barca tripolada por quatorze robustos remadores nubianos e já a ilha fugia; alguns nubianos, cavalgando na corrente troncos de palmeiras, nús e de busto erguido, como uns tritões, approximaram-se da barca pedindo o *bachiche* eterno e fatal até nas Cataractas. O Nilo tornava-se a todo momento mais impetuoso; as barrancas corriam e appareciam já uns rochedos negros, sahindo dentre a espuma branca: logo o rio transformou-se na cataracta, a barca precipitou-se por um canal tortuoso, os remadores forcejavam nos remos, animando-se com gritos, com a invocação *Sallâ-Nabi !!* e, quando a barca parecia ir submergir-se num torvelinho ou arrebentar-se num rochedo, um movimento do homem do leme fazia-a saltar como um cavallo e tomar a bôa vereda. Quando passamos o ultimo dos lençóes

espumantes da cataracta, os nubianos, repetindo decerto o brado que aprenderam dos inglezes, deram tres enthusiasticos hips! hips! hurrahs! hurrahs!! Depois dessas emoções, a barca deteve-se num remanso do rio, procurando o abrigo de um rochedo negro que reluzia ao sol, para facilitar-me a sensação deliciosa de um banho no Nilo. Dahi até ao *Fuah*, onde atracou a barca, segue-se o panorama do deserto, dos rochedos, aqui amontoados, ali espalhados e das palmeiras que, nesta região, não brotam isoladas, mas enfeixam-se, entrelaçando as raizes e inclinando os troncos, semelhando grandes ramalhetes.

Não ha meio de supportar-se a temperatura do *Fuah*, um pequeno navio de ferro que, immovel, esteve todo o dia exposto ao ardor de um sol tropical. Transporto-me para a ilha de Elephantina, onde fico até a noite, passeando pela praia, sob os pa'meiraes ou por entre as viçosas culturas frescas da irrigação abundante. Uma falúa traz-me até a bordo. Não foi perdido este dia, em que desci a cataracta do Nilo e que terminou para mim nos explen-

dores de um occaso contemplado dentre as palmeiras de Elephantina.

5 de Março. — Está o *Fuah* atracado á margem do Nilo, num lugar chamado Komombo. Hoje, quando partiamos de Assuan, á tarde, o ceu estava avermelhado, um véu de pó cobria o horizonte, soprava um vento ardente e o Nilo formava ondas encrespadas que desfaziam-se em espuma nos rochedos. O vapor subio o Nilo durante um kilometro e, dando uma grande volta na agua escura e revolta, começou a descer o rio; as palmeiras de Elephantina vergavam sob o vento e logo vimos sumir-se o minarete da mesquita de Assuan.

Embarcaram em Assuan M. e M^me^ d'Abbadie. M. d'Abbadie é um sabio do Instituto de França, um geographo celebre pelas suas viagens e investigações scientificas na Ethiopia: tem uma bella e sympathica cabeça branca, traja sobrecasaca, calça e collete de alpaca preta, gravata de setim preto e usa um chapéo alto de mólas, que traz sempre fechado sob o braço, deixando descoberta a grande cabelleira. M^me^ d'Abbadie tem um perfil aristocratico e

energico, attenuado pelos cabellos brancos. Traz um papagaio australiano, quasi que todo depennado, empoleirado sobre o hombro, Quando partimos de Assuan, destacava-se sob o ceu escurecido a sua physionomia expressiva e o papagaio parecia um hieroglypho animado.

Depois de pararmos em Komombo tinha eu resolvido, por estar a noite escura e por motivo do vento que ainda soprava com força, desistir da visita a um resto de templo que ha aqui na vizinhança. Tive a infelicidade de dizer isso a M. d'Abbadie, com quem conversava, á noite, á pôpa do navio : *Il y a un temple ici! Il faut aller voir ça!* Envergonhei-me da minha indolencia. Que excursão! M. d'Abbadie, de chapeu de claque sob o braço, meio carregado por dous Arabes, M^me^ d'Abbadie caminhando corajosamente na frente... levavamos uma lanterna que apagava-se a todo instante : a arêa, em turbilhões, cegava-nos, afogava-nos, soando rija no meu chapeo de cortiça. Uma vez galgada a barranca esboroada, abaixo da qual mugia o Nilo agitado, tivemos de atravessar um campo de trigo, lavrado havia

pouco, cheio de pedaços de lama endurecida, de regos cruzando-se em todas as direcções e em que cahiamos tropeçando. O templo parecia fugir e o trajecto cada vez mais longo. Chegamos e mal pudemos vêr alguma cousa do templo, onde engolfava-se o vento, fazendo rodomoinhar a arêa por entre as columnas collossaes.

—

6 *de março*. — Estamos a chegar a Luqsor. Vejo daqui uns *fellahs* pondo em movimento as longas varas do *chadouf* ou cegonha, que das cavidades abertas na barranca tira agua para a irrigação dos campos.

THEBAS

Um egyptologo conhecedor da antiga extensão de Thebas chama esta cidade — Roma em ponto grande. Embora Thebas não tivesse as *cem portas* de Homero, pela simples razão de que não tinha portas, devia ser immensa.

Passa-se depressa uma semana no hotelzinho de Luqsor, embora não haja tempo para descançar a gente na varanda sombreada pelas *palmeiras-doum*, que abrem os seus leques verdes na extremidade dos galhos nús. E' uma arvore que só encontra-se no Alto Egypto. No jardimzinho ha umas esphinges de pedra, parecendo montar guarda á entrada; os hospedes do hotel passeiam á sombra das arvores. Ha Inglezes, fracos do peito, que vêm passar o inverno no Alto Egypto, cujo clima secco e tonico lhes é o mais favoravel possivel, assim como aos rheumaticos. Estes, está visto, não fazem as excursões a que o touriste consagra todo o seu tempo

Na aldêa de Luqsor está encastoado o templo de Amenophis III com os pylonios de Ramsès II, donde foi tirado o obelisco que está agora na praça da Concordia: esse obelisco tinha um companheiro, que está agora isolado, mas o seu granito ainda conserva o polido primitivo, emquanto que as intemperies de um clima do norte desbotaram já o irmão que faz frente á Rue Royale.

Estes monumentos grandiosos parecem insignificantes depois de se vêr Karnak. A um 1/4 de hora de Luqsor, sempre em burrinho, entra-se numa alameda de esphynges mutiladas que termina junto á porta monumental e isolada, por onde penetra-se no mundo de ruinas a que dá-se o nome geral de uma miseravel aldêa — Karnak. O *Guia*, escripto por Mariette, dá uma noticia clara de cada parte das ruinas; e, depois de havel-as percorrido attentamente, segundo os conselhos de Mariette, o que o viajante impressionista deve fazer é esquecer todas as explicações e errar ao acaso. A sciencia diminue a impressão da grandeza das ruinas. Sendo-nos desconhecidos os reis que levantaram aquellas

moles de pedra, que ergueram as columnas que excedem quasi o poder de phantasia da imaginação, é mais grandiosa a impressão. A leitura dos hieroglyphos diminuio o prestigio dos monumentos egypcios. O viajante que apressado quer ir vêr a grande sala de Karnak, se não deteve-se alguns instantes da parte de fóra, lançando um olhar sobre a perspectiva das columnas maravilhosas, arrisca-se a ter uma decepção. São tão grossas as columnas que, qualquer dellas ergue-se deante da gente e intercepta quasi que a vista de todo o monumento: é o caso das arvores que impedem de vêr-se a floresta. E' preciso que o olhar apanhe-as todas num angulo favoravel e que, erguendo-se até ao tecto, admire a altura em que espalmam-se os capiteis immensos. A parte destruida de Karnak é a mais grandiosa: um terremoto sacudio as paredes, prostrou as columnas, derrubou um obelisco e uma porção do templo, ao cahir, lascou a aresta de um outro. Tudo fórma um cahos de granito. Todas as excursões em Thebas devem ser feitas de modo a ter o touriste livres as tardes para vir a Karnack e vêr o occaso do alto de

um dos pylonios. Perto, as ruinas; mais longe, palmeiras, o templo de Luqsor, as casas da aldêa, o Nilo reverberando os raios do sol que vae desapparecendo atraz das montanhas libycas, a grande faixa verde na outra margem; e, encerrando o horizonte num circulo dourado, o deserto extenso.

—

Em Luqsor acham-se sempre barcas que transportam o touriste á margem esquerda do Nilo. Dous remadores dão impulso á barca e um fellahzinho vae ao leme. Em pé, trajando só uma camisola azul e um pequeno turbante, o pequeno reveste-se de uma gravidade comica, todo compenetrado da importancia da sua tarefa assume um ar circumspecto. Puxei-o pela camisola e aquella figurinha, que serviria de modelo para um bronze artistico, não pestanejou nem rio-se. Impassivel, sem sequer dar-me a honra de um olhar de sorpreza, continuava a segurar o leme com as duas mãosinhas.

Depois de algum tempo de galope de bur-

rinho, entre os campos de trigo e de milho, onde geme a roda da *sakkieh* despejando agua nos regos que humedecem a terra, avistam-se dous colossos de pedra, sentados e dominando a planicie. As duas estatuas representam Amenophis III, sentado em posição hieratica. A do norte é a que tornou-se celebre pelo nome de *Colosso de Memnon*. Um terremoto decapitou-a poucos annos antes do nascimento de Christo e depois d'isso um som, lembrando a voz humana, sahia do colosso, quando o sol da manhã illuminava-o. «Este som era devido á crepitação da pedra humida do orvalho da noite aquecida pelo sol. Para os Gregos e Romanos, que então viajavam no Egypto, o phenomeno tomou o caracter de um milagre. O colosso estava situado numa parte de Thebas chamada *Memnonia:* Memnon era, segundo as tradições correntes entre os estrangeiros, o legendario fundador dos edificios desta parte da cidade. A voz que se ouvia não era a de Memnon implorando sua mãe divina, a Aurora? Espalhou-se a celebridade do portento. Vinham de longe peregrinos para ouvir a voz maravilhosa e os que

tinham a felicidade de testemunhar o prodigio deixavam gravadas nas pernas do heróe palavras de admiração. Septimo Severo quiz restaurar o colosso. O heróe não fez ouvir mais a sua queixa; a voz, abafada sob os blócos de gres, calou-se para sempre (1). »

Na margem esquerda visitam-se os templos de Qournah, de Medinet Abou, o templo de Ramsés. As ruinas repetem-se com a monotonia de uma grandiosidade continua, apenas variada pelos quadros differentes em que destacam-se. Por toda parte o viajante é seguido por uma nuvem de fellahs que querem-lhe vender antiguidades, em geral falsas, segundo dizem os livros. Lembra-me um velho, no caminho desolado que conduz á região dos sepulchros subterraneos dos Pharaós. sahio, de repente, como um diabo negro, de traz de um rochedo, agitou no ar o lençol esfarrapado de uma mumia, gritando: *Antica!!*

A visita aos tumulos de Bab-el-Moluk

(1) Mariette Pachá. — *Itinéraire de la Haute Egypte.*

dura toda uma manhã. Sempre as mesmas galerias descendentes e escuras, as paredes polidas, os hyerogliphos miudos, salientes ou entalhados no estuque; a arêa movediça das ladeiras subterraneas apressa a chegada ás camaras mortuarias, profundas, onde a luz vacillante dos archotes faz dançarem no muro as figuras vermelhas dos deuses e dos Pharaós. Cançam-se as pernas, confundem-se as explicações dos *Guias*, no fim de algumas horas, depois de se passar, por vezes, da fria escuridão de dentro dos tumulos para a luz quente do deserto. A attenção desvia-se dos Pharaós para o alforge de provisões que o *drogman* carrega. No pateo interno de um templo antigo, perfeito, entre as columnas cahidas da ruina moderna de uma igreja do 3º ou 4º seculo extende-se a toalha do almoço, que consta de ovos duros, pão, tamaras e agua fresca do Nilo, trazida em goullehs de barro. Um grupo de fellahs acocorados conversa á sombra de um pilar. Burrinhos dessellados coçam-se mutuamente os pescoços suados. Em torno dos capiteis, na saliencia das cornijas, nos hombros dos

collossos decapitados pousam ligeiros, pipilam centenas de pardaes e, em giros caprichosos, volteam depois no fundo azul do ar, pela face dos heróes, nas flôres de loto pintadas nas mãos dos deuses, dando caça aos insectos.

DE THEBAS A PORT-SAÏD

De Thebas por deante é rapida a descida do Nilo. Deixa-se com saudade o pequeno jardim do hotel e, depois que o vapor desatraca da barranca de Luqsor, o olhar alarga-se pela planicie das duas margens, querendo vel-a longamente pela ultima vez. Adivinha-se na extrema do campo verde da direita a estatua de Memnom, o templo de Amenophis que se abaixa afastando-se e some-se; mas Karnak, invisivel da margem, apparece ao longe como uma mancha esbranquiçada que logo se dissipa.

—

Entre Thebas e Assiut, no templo de Denderah vae-se vêr numa parede o retrato de Cleopatra, relevado n'uma idealização hieratica. A pedra traduz a rigidez do seio; na cabeça os cornos e a lua, attributos da deusa Hathor, elevam-se sobre um casco figurando

as azas e a cabeça de um abutre; nos hombros e nos braços adivinha-se o modelado humano sob a fórma divina; o perfil esboça um sorriso de enigma e as linhas accusam-se vivas na projecção aquilina daquelle nariz fatal, de cuja fórma dependeu o destino de Roma e do mundo.

—

Uma vez chegado a Assiut, o caminho de ferro transporta-me ao Cairo.

No dia seguinte, parto para Ismailia. Digo um adeus ao Cairo, revejo alguns cantos da paizagem do Delta, até que o comboio, levantando nuvens de arêa, penetra no deserto. As arvores verdes de Ismailia e os pequenos jardins que cercam as casas dos empregados do Canal alegram os olhos do viajante, cançados da poeirenta desolação do trajecto.

8 horas da noite. — Escrevo de bordo de um vaporzinho sem nome, que me leva de Ismailia a Port-Said : quer isto dizer que navego no canal de Suez. Passamos já todo o córte feito

no pequeno isthmo ao norte do lago Timsah e agora entramos no lago Memzaleh.

Á esquerda, no começo da paizagem arida, vê-se um pavilhão abandonado, d'onde os convidados do Kediva assistiram á solemnidade da inauguração do canal em 1869. As varandas desertas, parte do tecto abatida dão áquelle lugar um aspecto de tristeza, lembrando-se a gente que das festas principescas apenas resta a legenda. Bem mudado está hoje o destino do ex-Kediva Ismail, o grandioso amphytrião d'aquelle tempo, que de maneira tam pomposa recebeu a Imperatriz dos Francezes e o seu sequito de elegancias e celebridades.

Queria despedir-me do occaso egypcio, festa essa que se repete, esplendida e gratuita, sem depender da munificencia de nenhum vice-rei. No occidente divergem do sol largas bandas côr de rosa, formando um leque colossal e resplendente. D'esta vez, as altas barrancas do canal cortaram-me o horizonte: tive um occaso mutilado... apenas vi os extremos pallidos dos raios do sol.

—

Port-Saïd. — Á noite esta cidade não é sombria e silenciosa como uma cidade oriental. As cervejarias estam repletas: mulheres de cabellos vermelhos, decotadas, pintadas e roucas vociferam canções nos estrados dos cafés cantantes, onde as bandas de musica tocam ruidosamente pedaços de operas buffas. Marinheiros sentam-se junto ás mezas de ferro, tiram espessas fumaças dos cachimbos e, com os chapeos derreados na nuca, dizem chufas ás cantoras. Durante toda a noite, a dous passos da janella do meu quarto, no Hotel des Pays-Bas, tocou a orchestra infernal um verdadeiro botequim lyrico.

De manhã apenas dei uma volta pelas ruas, onde as lojas são todas de fornecedores de navios. As ruas são largas e sem sombra.

Entre o caes e um longo quebra-mar, feito de grandes blócos de um conglomerado artificial de arêa e de cimento, está o vapor da companhia russa que deve transportar-me a Jaffa.

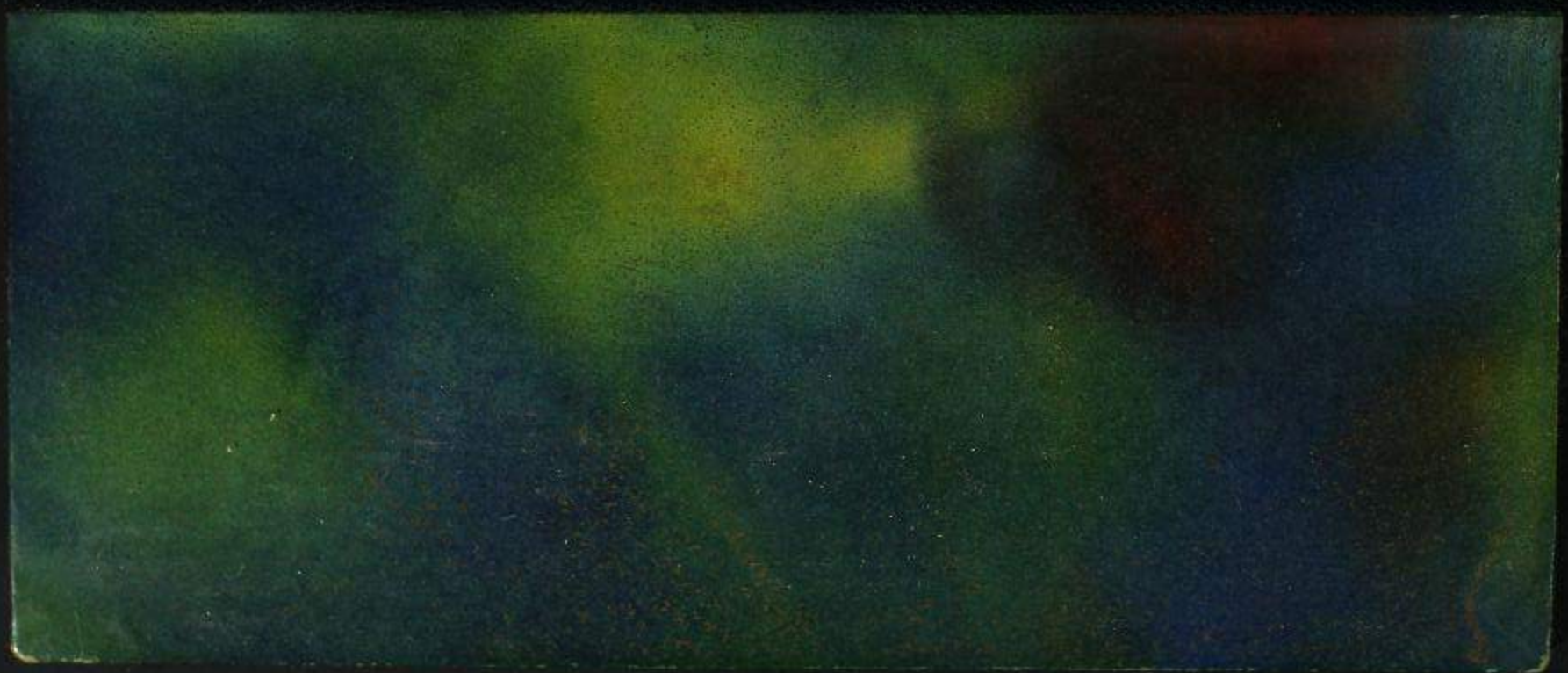
Chegam os carregadores, que já levaram as

malas para bordo. Vou partir, metto a mão no bolso e, para desfazer o desgosto de deixar o Egypto, a minha viagem no paiz termina em Port-Saïd, como começou em Alexandria : — por um *bachiche!*

FIM

INDICE

A Sicilia. — Partida de Napoles. 1
Palermo. 7
Girgenti. 17
Catania 28
Syracusa. 35
Malta. 44
O Egypto. — De Malta a Alexandria. . . 66
Alexandria. 76
De Alexandria ao Cairo. 94
O Cairo. 108
Heliopolis. 166
Saqqarah. 180
As Pyramides de Gyzeh. 193
O Alto Egypto. — Em caminho de ferro.
— A bordo do *Fuah*. 207
Thebas 234
De Thebas a Port-Saïd. 242

PARIS. — TYP. V. GOUPY E JOURDAN, RUA DE RENNES, 71.

008247